UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

ELAINE CRISTINA VILIONI DE SOUZA GUIRAL

**As experiências e os significados de fé e religiosidade para adolescentes em conflito
com a lei**

Ribeirão Preto

2017

ELAINE CRISTINA VILIONI DE SOUZA GUIRAL

**As experiências e os significados de fé e religiosidade para adolescentes em conflito
com a lei**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Enfermagem Psiquiátrica da
Escola Enfermagem de Ribeirão Preto da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Mestre em Ciências.

Linha de Pesquisa: Promoção de Saúde Mental

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Pimenta
Carvalho

Ribeirão Preto

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Guiral, Elaine Cristina Vilioni de Souza

As experiências da fé e religiosidade para adolescentes em conflito com a lei. Ribeirão Preto, 2017.

129 p. : il. ; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Enfermagem Psiquiátrica.

Orientadora: Carvalho, Ana Maria Pimenta.

1. Adolescente. 2. Delinquência juvenil. 3. Fé. 4. Religiosidade.

Nome: GUIRAL, Elaine Cristina Vilioni de Souza

Título: As experiências e os significados de fé e religiosidade para adolescentes em conflito com a lei

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem de
Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para
obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovado em : ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Dedico este trabalho aos adolescentes que,
guiados pela sua fé, sonham, acreditam e
lutam para habitar o seu próprio mundo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

Ao meu Mestre Divino que, pela minha fé, possibilitou-me a vivência de um processo saudável de formação, com tranquilidade, presença e abertura para intuir suas orientações e as novas possibilidades desse caminho.

À minha orientadora, Profa. Dra. Ana Maria Pimenta Carvalho, com quem compartilhei essa jornada de formação. Muito mais que horas dedicadas à orientação do trabalho científico, foi sua escuta atenta, seu acolhimento com o olhar e com doces palavras, as longas discussões acerca do tema da pesquisa e da vida, sua presença plena em cada momento que nós estivemos juntas e sua permissão e incentivo para que eu me aventurasse em diferentes possibilidades de aprendizagem e formação. Essa parceria ensinou-me muito mais que pesquisa, reforçou-me a fé e a esperança nas relações horizontais, que inspiram e transformam.

À equipe da Escola de Aprendizagem e Cidadania de Franca/SP, entidade pela qual tenho eterna gratidão. Por meio do meu trabalho ali, pude vivenciar momentos preciosos de amizade, aprendizagem e crescimento humano e profissional. Essa querida equipe acompanhou-me como profissional da entidade, comemorou comigo a minha aprovação no mestrado, despediu-se respeitosamente de mim no momento em que precisei fazer uma escolha e aceitou-me de braços abertos quando retornei como pesquisadora. A equipe da ESAC foi fundamental na realização deste trabalho e na vivência de todo este processo de formação.

Aos meus amados pais José e Marina, pelo amor, apoio e incentivo diários. Àqueles que, com entusiasmo, acompanharam os sonhos de uma menina se transformando na realidade de uma mulher.

À minha amada avó Antônia que, com preocupação e carinho, acompanhou o meu caminho, atentando-se às minhas necessidades, acolhendo-me sempre com suas deliciosas comidas, ligando-me para saber se eu já havia chegado à faculdade ou em casa e oferecendo ajuda sempre que achava necessário.

Ao meu marido, Juninho, que sempre apoiou minhas aventuras, mudanças e escolhas, escutando minhas dúvidas e angústias, assim como as minhas inspirações e entusiasmo, acompanhando-me, quando necessário, e simplesmente estando ao meu lado, às vezes silenciosamente, durante esta jornada.

Ao meu irmão, Nando, à minha cunhada, Tânia, e aos meus sobrinhos, Maria Clara, Ana Laura e Arthur, pela compreensão em momentos de ausência e principalmente pela carinhosa forma com que me apoiam e alegram a minha vida, fazendo-me sentir abraçada e imensamente feliz por tê-los ao meu lado.

À família com que Deus presenteou-me, os meus sogros, Luís e Selma, meus cunhados, Edu, Fabiana, Paulo e Ana Paula, e a nossa sobrinha e afilhada Maria Cecília, pelo amor que me envolve, pelo apoio e pela compreensão nos momentos de ausência.

Ao Meu Grupo de Formação em Psicodrama, que foi seio de acolhimento, escuta, apoio e também de inspiração para a minha compreensão do caminho percorrido e para a conclusão deste trabalho. Esse grupo acompanhou a minha jornada com amor e respeito e me apoiou na vivência do meu próprio despertar.

Aos integrantes do Grupo de Estudos em Enfermagem Psiquiátrica e Saúde Mental, Letícia, Loraine, Ricardo, Samuel, Helena, Janaina, Lucas, Aline, Francine e Claudio, e em especial a Profa. Dra. Jacqueline de Souza, que me acolheram com tanto carinho desde o início desta caminhada, com quem compartilhei momentos de aprendizagem, apoio, escuta, cafés filosóficos, congressos, viagem, diversão e também preocupação.

Às minhas amigas Thaís e Fernanda, com quem vivenciei a idealização e a construção de um Espaço Terapêutico, o Canteiro: Centro de Psicologia, Estudos e Coletividades. A elas e a toda equipe desse nosso lindo espaço, gratidão pela paciência e respeito pela forma como pude estar em cada momento desse processo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento da pesquisa, permitindo que, desde o início, eu me dedicasse exclusivamente a este trabalho.

Dentro de nós há também um Universo
Daqui nasceu nos povos o louvável costume
De cada um chamar Deus, mesmo o seu Deus,
A tudo aquilo que de melhor ele em si conhece
E deixar aos seus cuidados o céu e a terra.
Ter-lhe temor e, talvez até mesmo - amor.
Proêmio – J. W. Goethe

RESUMO

GUIRAL, Elaine Cristina Vilioni de Souza. **As experiências e os significados de fé e religiosidade para adolescentes em conflito com a lei**. 2017. 129 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2017.

A religiosidade tem sido estudada nas diferentes fases do ciclo vital, em especial na adolescência, como fator protetivo a prática do ato infracional. Para compreender esta dimensão da vida sob a ótica de adolescentes autores de atos infracionais, o estudo visou a investigar os significados de fé e religiosidade para adolescentes em conflito com a lei, norteado pelos conceitos de Mauro Amatuzzi. Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória, realizada com seis adolescentes, com idades entre 15 e 17 anos, em cumprimento de Medida Socioeducativa, Liberdade Assistida, de uma cidade do interior do estado de São Paulo. O estudo utilizou como instrumentos de coleta de dados a entrevista semiestruturada e a fotografia. Inicialmente foi realizada uma oficina de fotografia, na qual os adolescentes receberam a questão a ser respondida em fotografias: “Como você pode representar a sua fé em fotografias?”. Após a oficina, os adolescentes fotografaram, com o seu próprio aparelho celular, imagens do seu cotidiano que representavam a sua fé. Em seguida, foi realizada uma entrevista individual a fim de conhecer a história do participante, explorar suas expressões de fé e conversar sobre as imagens capturadas e seus respectivos significados. Por fim, foi realizado um grupo em que os adolescentes puderam ver todas as fotografias impressas, sem que fossem identificados seus respectivos autores, e manipulá-las de forma a agrupá-las conforme os sentidos, construindo categorias. As categorias foram nomeadas pelos próprios participantes como: Tudo, Fé em Deus, É o plano, Paz e Família. Os dados foram analisados por meio da Análise de Conteúdo das entrevistas individuais, que serviram de apoio para a compreensão do material fotográfico. As categorias formadas foram: Proteção, Motivação, Deus onipresente, Identificação, Sentido de ligação afetiva, Referências e Símbolos, Ações e Rituais. A partir dos resultados obtidos foi possível compreender que este grupo de adolescentes em conflito com a lei apresenta diferentes experiências e significados de fé. No entanto, todos revelam relação com o enfrentamento das adversidades cotidianas e projeto de vida, principalmente relacionado a conquistas de bens materiais. Percebemos que o instrumento fotográfico facilitou a participação dos adolescentes na pesquisa e possibilitou aos mesmos o encontro com a própria experiência, evidenciando-se como um recurso efetivo

para a compreensão do significado e mediação da narrativa.

Palavras-chave: Adolescente. Delinquência juvenil. Fé. Religiosidade.

ABSTRACT

GUIRAL, Elaine Cristina Vilioni de Souza. **The experiences and meanings of faith and religiosity for adolescents in conflict with the law**. 2017. 129 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2017.

Religiosity has been studied in the different phases of the life cycle, especially in adolescence as a protective factor the practice of the infraction. In order to understand this dimension of life from the point of view of adolescent offenders, the study aimed to investigate the meanings of faith and religiosity for youth in conflict with the law, guided by the concepts of Mauro AmatuZZi. This is an exploratory qualitative research carried out with six adolescents, aged between 15 and 17 years old, in compliance with the Socioeducational Measure, Assisted Liberty, of a city in the interior of the state of São Paulo. The study used semi-structured interviews and photography as instruments of data collection. Initially a photography workshop was held, where the adolescents received the question to be answered in photographs: How can you represent your faith in photographs? After the workshop, the adolescents photographed, with their own mobile devices, images of their daily lives that represented their Faith. Then an individual interview was conducted to learn the story of the participant, to explore their expressions of faith and to talk about the images and their respective meanings. And finally, a group a meeting was done for the adolescents could see all the printed photographs, without identification of the respective authors, and manipulate them in order to group them into categories. The categories were named by the participants as: All, Faith in God, It is the plan, Peace and Family. The data were analyzed through the content analysis of the individual interviews, which served as support for the understanding of the photographic material. The categories formed were: Protection, Motivation, Omnipresent God, Identification, Sense of affective bonding, References and Symbols, Actions and Rituals. From the results it was possible to understand that this group of adolescents in conflict with the law presents different experiences and meanings of faith, however, all reveal relation with the confrontation of daily adversities and life project, mainly related to achievements of material goods. From the results, it was noticed that the photographic instrument facilitated the participation of the adolescents in the research and enabled them to encounter their own experience, proving themselves as an effective resource for understanding the meaning and mediation of the narrative.

Key-words: Teenager. Juvenile delinquency. Faith. Religiosity.

RESUMEN

GUIRAL, Elaine Cristina Vilioni de Souza. **Las experiencias y los significados de fe y religiosidad para adolescentes en conflicto con la ley**. 2017. 129 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2017.

La religiosidad ha sido estudiada en las diferentes fases del ciclo vital, en especial en la adolescencia como factor protector para la práctica del acto infractor. Para comprender esta dimensión de la vida bajo la óptica de adolescentes autores de actos infractores, el estudio pretendió investigar los significados de fe y religiosidad para adolescentes en conflicto con la ley, orientado por los conceptos de Mauro AmatuZZi. Se trata de una investigación cualitativa exploratoria, realizada con seis adolescentes, con edades entre 15 y 17 años, en cumplimiento de Medida Socioeducativa, Libertad Asistida, de una ciudad del interior del estado de São Paulo. El estudio utilizó como instrumentos de recolección de datos la entrevista semiestructurada y la fotografía. Inicialmente se realizó un taller de fotografía, donde los adolescentes recibieron la pregunta a ser respondida en fotografías: ¿Cómo usted puede representar su fe en fotografías? Después del taller, los adolescentes tomaron fotografías, con su propio aparato celular, imágenes de su cotidiano que representaban su Fe. A continuación, se realizó una entrevista individual a fin de conocer la historia del participante, explorar sus expresiones de fe y conversar sobre las imágenes capturadas y sus respectivos significados. Por último, se realizó un grupo donde los adolescentes pudieron ver todas las fotografías impresas, sin que se hayan identificados sus respectivos autores, y manipularlas de forma a agruparlas según los sentidos, construyendo categorías. Las categorías fueron nombradas por los propios participantes como: Todo, Fe en Dios, Es el plan, Paz y Familia. Los datos fueron analizados a través del análisis de contenido de las entrevistas individuales, que sirvieron de apoyo para la comprensión del material fotográfico. Las categorías formadas fueron: Protección, Motivación, Dios omnipresente, Identificación, Sentido de conexión afectiva, Referencias y Símbolos, Acciones y Rituales. A partir de los resultados fue posible comprender que este grupo de adolescentes en conflicto con la ley presenta diferentes experiencias y significados de fe, sin embargo, todos revelan relación con el enfrentamiento de las adversidades cotidianas y proyecto de vida, principalmente relacionado a conquistas de bienes materiales. A partir de los resultados, percibimos que el instrumento fotográfico facilitó la participación de los adolescentes en la investigación y posibilitó a los mismos el

encuentro con la propia experiencia, evidenciándose como un recurso efectivo para la comprensión del significado y la mediación de la narrativa.

Palabras clave: Adolescente. Delincuencia juvenil. Fe. Religiosidad.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Imagem produzida por Benê	66
Figura 2 – Imagem produzida por Cris.....	67
Figura 3 – Imagem 2 reproduzida por Cris.....	67
Figura 4 – Imagem produzida por Feijão	69
Figura 5 – Imagem 2 produzida por Feijão	69
Figura 6 – Imagem produzida por M7.....	71
Figura 7 – Imagem produzida por Menor.....	72
Figura 8 – Imagem produzida por Suicida	73
Figura 9 – Imagem 2 produzida por Suicida	73
Figura 10 – Imagem 3 produzida por Suicida	74
Figura 11 – Imagem 4 produzida por Suicida	74
Figura 12 – Categorias construídas pelos participantes da pesquisa	75
Figura 13 – Síntese dos conceitos de Experiência e Significado	77
Figura 14 – Síntese dos conceitos de Fé e Religiosidade	78
Figura 15 – Apresentação das categorias e principais resultados em relação às experiências e significados de fé e religiosidade para os adolescentes autores de atos infracionais.	79
Figura 16 – Categorização das expressões de fé e religiosidade pelos participantes e pela pesquisadora*	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1– Caracterização dos participantes. Franca, São Paulo. 2016.	57
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAIP	Centro de Atendimento Inicial e Provisório
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ESAC	Escola de Aprendizagem e Cidadania de Franca
GEEPSM	Grupo de Estudos em Enfermagem Psiquiátrica e Saúde Mental
LA	Liberdade Assistida
OMS	Organização Mundial da Saúde
PSC	Prestação de Serviço a Comunidade
SINASE	Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
Unicef	Fundo Mundial pela Infância

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	20
1 INTRODUÇÃO.....	24
1.1 Adolescência.....	24
1.2 Adolescência e o ato infracional.....	28
1.3 Adolescentes e religiosidade	30
2 REVISÃO DE LITERATURA	34
3 OBJETIVO	39
4 MÉTODO	40
4.1 Referencial teórico.....	40
4.2 Tipo de estudo	47
4.3 Local de estudo	48
4.4 Participantes	49
4.5 Aspectos éticos	49
4.6 Instrumentos	50
4.6.1 Entrevistas	50
4.6.2 Fotografias	50
4.7 Procedimentos	52
4.7.1 Coleta de dados	52
4.7.2 Análise de dados.....	55
5 RESULTADOS	57
5.1 Caracterização dos participantes	57
5.2 Histórias de vida	58
5.2.1 Benê.....	58
5.2.2 Cris	59
5.2.3 Feijão.....	61
5.2.4 M7.....	62

5.2.5 Menor	63
5.2.6 Suicida	63
5.3 As experiências e os significados de Fé e Religiosidade por meio de imagens: a produção dos participantes	65
5.3.1 Benê	65
5.3.2 Cris	66
5.3.3 Feijão.....	68
5.3.4 M7.....	70
5.3.5 Menor	71
5.3.6 Suicida	72
5.3 Categorização das imagens produzidas pelo grupo de participantes.....	75
5.3.1 Tudo.....	75
5.3.2 Fé em Deus.....	75
5.3.3 É o plano.....	76
5.3.4 Paz	76
5.3.5 Família	76
5.4 Experiências e significados de fé e religiosidade: a construção de categorias.....	77
5.4.1 Identificação.....	79
5.4.2 Referências e símbolos	80
5.4.3 Ações e rituais	80
5.4.4 Proteção	82
5.4.5 Sentido de ligação afetiva.....	82
5.4.6 Motivação	83
5.4.7 Deus criador/onipresente	84
5.5 Categorização das expressões de fé e religiosidade construídas pelos participantes e pela pesquisadora	84
6 DISCUSSÃO	86
7 CONCLUSÃO.....	1033

REFERÊNCIAS..... 1055

APÊNDICES..... 1155

ANEXOS..... 1255

APRESENTAÇÃO

Eu sempre fui apaixonada pelas pessoas, por suas histórias e pelas diferentes formas com que elas as compõem. Talvez não seja por acaso. Como uma criança portadora de doença crônica, submetida a tratamentos invasivos, precocemente conheci um lado difícil e dolorido da vida, mas fui estimulada a olhar para o lado alegre e saudável, a criar estratégias para enfrentar o que eu achava difícil e a valorizar as pessoas e minhas superações. As pessoas, as brincadeiras, os meus amigos foram muito importantes no meu mundo limítrofe entre a dor e o prazer, a saúde e a doença, as tristezas e a intensa alegria. Assim, desde criança me sentia entusiasmada pelas amizades, pelas brincadeiras na rua, pelos encontros dos meus amigos na minha casa.

Cresci numa rua sem saída, em um bairro de casas populares. Não fazia distinção dos colegas. A garagem da minha casa, num toque de mágica, tornava-se uma escolinha com a presença da criançada da rua e até de outras ruas do bairro. Eram crianças menores, maiores, brancas, negras, que gostavam de escola e que a odiavam. Tinham também aquelas que eram conhecidas por suas travessuras e comportamentos transgressores na vizinhança. Mas, para mim, eram todos amigos e me faziam feliz. A brincadeira não era só de escolinha. Nós também brincávamos de pé na bola, rei da rua, bola e bete, pique-esconde e muito mais. E também fazíamos festa junina na rua, todos participavam e era uma delícia. Hoje penso o quanto formávamos um bom grupo de apoio e nos sentíamos pertencentes àquele lugar.

Tenho várias histórias que poderiam ser compartilhadas, mas não são tão importantes neste momento. O que gostaria de compartilhar é que, desde criança, via os meus pares como pessoas que tinham muitas coisas bonitas e interessantes, mesmo que fossem totalmente fora do padrão. Eu já caí no samba, aprendi a dançar “*house music*”, a desenhar algumas letras “de pichação”. Ouvi som e dancei forró nas calçadas das casas da rua. Aprendi com os meus amigos a fazer passos *country* em pares e nos divertíamos muito. Enfim, vivi intensamente em um mundo em que pessoas, independente de suas limitações, dificuldades e até transgressões praticadas, eram todas iguais e compartilhavam um mundo alegre e fraterno.

Mais para frente, escolhi fazer Psicologia como graduação. Pensava que a Psicologia me ajudaria a entender ainda mais as pessoas e me daria condição de ajudar a construir um mundo melhor para as pessoas viverem. Eu achava que todos tinham que ter a oportunidade de serem felizes. Durante a formação, fiz iniciação científica e me inseri em um bairro popular para compreender o significado do trabalho para jovens operários do setor calçadista. Naquele bairro, a maioria dos jovens trabalhava nesse setor, em bancas de pesponto do

próprio bairro, serviço este que é a principal atividade econômica da cidade. Nesse trabalho pude compreender o universo de cada participante e como cada pessoa tinha os seus próprios impulsos para o trabalho e suas realizações. Para isso, alguns desconsideravam questões que para mim era de grande importância. Como aprendi e me encantei novamente pelas histórias.

Talvez essas experiências me despertaram um sentido positivo da vida, mais que isso, uma confiança nas pessoas, nas relações e na vida, reforçando o meu posicionamento de abertura às relações, aos momentos e à aprendizagem gerada pela convivência. Talvez hoje eu comece a entender, ou melhor, sinto-me confortável em nomear esse sentimento e posicionamento de Fé. Trata-se da minha fé, que permeou a minha vida, escolhas e a curiosidade por diferentes religiões e filosofias. E eu também começo a entender, por uma via psicodramática, que a minha fé está diretamente ligada ao meu potencial espontâneo-criativo na vida.

Após a graduação, trabalhei com dependência química de homens e mulheres, idosos usuários do serviço de convivência e fortalecimento de vínculos, e adolescentes em situação de vulnerabilidade além de os que estavam em preparação para o mercado de trabalho. Em cada um desses serviços, pude muitas vezes me encantar pelas histórias de luta e superação de cada um, bem como me decepcionar em compreender que eu não poderia mudar o mundo e convencer as pessoas a viverem ou entenderem as coisas conforme o meu entendimento. Vivi momentos de frustração, angústia, mas também de muito aprendizado, principalmente no despertar do respeito e legitimação da história de cada um.

Foi no trabalho com adolescentes em situação de vulnerabilidade que me aproximei de adolescentes em conflito com a lei. O serviço em que eu trabalhava atendia adolescentes que estavam em cumprimento de medida socioeducativa em semiliberdade e a entidade iniciava a execução do serviço de medida socioeducativa em Liberdade Assistida e prestação de serviço à comunidade. A aproximação com esses adolescentes, mais uma vez, provocou sentimentos desordenados, indagações, curiosidade. Eu facilmente me pegava encantada com suas habilidades e muitas vezes me via querendo entender sobre o impulso de vida e superações que os movimentavam, mesmo que fosse por meio de comportamentos transgressores e atos infracionais. Mais intrigada e curiosa fiquei quando comecei a perceber as tatuagens e expressões de fé e religiosidade tão comuns na maioria deles. E, nesse movimento caótico de questionamentos e curiosidade, surgiu o tema do meu projeto de pesquisa para o mestrado: Conhecer as experiências e os significados de fé e religiosidade para adolescente em conflito com a lei.

Como eu já disse, já reconhecia a fé em mim. E algo me convidava a reconhecer a fé neles. Adolescentes que eram atores em um cenário transgressor e, ao mesmo tempo, manifestavam expressões inerentes à fé e à religiosidade. O que isso significava? O que de fato seria a sua fé e qual a função que ela exercia em suas vidas cotidianas? Esses adolescentes teriam mesmo confiança básica diante da vida? Como ela seria, então? Em quais situações, percepções, expectativas a sua fé se manifestaria? Eram vários questionamentos e inquietações.

Antes da decisão do tema, eu havia participado como aluna especial de uma disciplina chamada “Desenvolvimento Humano: Resiliência e Vulnerabilidade para Transtornos Mentais na Infância e Adolescência” na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Desde então fiquei muito inspirada a me inserir no programa de Enfermagem Psiquiátrica, ainda mais após a afinidade com a professora da disciplina, minha atual orientadora, Profa. Dra. Ana Maria Pimenta Carvalho. Nosso encontro, uma com a outra, e nós com o tema de pesquisa, foi propulsor de um início inspirador. Em um nível de profunda aproximação, escuta, trocas e confiança, talvez tenhamos nos encontrado na nossa própria fé, na nossa confiança diante da vida. Não declaradamente, mas na vivência da própria relação. Além das afinidades na relação orientador/aluno e do interesse pelo tema, a Profa. Ana Maria aceitou o uso de uma das minhas maiores paixões, a fotografia, como instrumento facilitador da coleta de dados. E, assim, iniciávamos um trabalho envolto de significados, paixões, curiosidades e respeito pelos participantes. Eu tinha certeza de que seria incrível. E foi. Fizemos uma caminhada tranquila e rica na vivência de cada etapa da pesquisa e de toda pós-graduação.

Além da orientação e da parceria tão especial, saboreei amizades e muito aprendizado por meio da participação no Grupo de Estudos em Enfermagem Psiquiátrica e Saúde Mental – GEEPSM, dirigido pela Profa. Dra. Jaqueline de Souza, quem considero uma segunda orientadora. Como aprendi com a nossa convivência e com as suas objetivas dicas, partilhas de conhecimento e orientações! Esse grupo rendeu-me boas amizades, leituras, discussões sobre metodologia, cafés filosóficos e importantes contribuições para o desenvolvimento do meu trabalho.

Meu caminho foi de encontros, de conversas, de trocas, de inspiração, de acolhimento. Neste trabalho, consigo dar mais um passo na compreensão do ser humano como protagonista de sua própria vida, mesmo que tal protagonismo seja socialmente desconsiderado ou inadequado. Mas posso entender que, talvez, desde criança eu sentisse que todos nós temos impulsos diante de nosso presente ou futuro e formas diferentes de nos posicionarmos diante de nossas próprias inquietações. Aqui consigo promover o encontro da minha própria fé com

a fé de adolescentes em conflito com a lei e me aquietar na hipótese de que, no fundo, somos todos iguais, sujeitos de uma humanidade compartilhada.

1 INTRODUÇÃO

O objeto deste estudo se caracteriza pelas experiências e significados de fé e religiosidade para adolescentes em conflito com a lei.

Pretendeu-se trabalhar na investigação da trajetória de vida dos adolescentes, de suas características sociodemográficas, do histórico da prática de atos infracionais e imersão no sistema judicial e do relato sobre suas experiências religiosas/espirituais, que serão compreendidas a partir dos conceitos de ‘fé’ e ‘religiosidade’ de Mauro Amatzuzi.

1.1 Adolescência

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano que há décadas vem recebendo atenção e sendo objeto de estudos e ações que visam à garantia de direitos humanos. Este cenário de direitos na adolescência teve início em 1988 com a promulgação da Constituição Brasileira, que elegeu como um dos seus princípios norteadores os direitos humanos, e atuou como orientadora na construção de políticas públicas sociais para a adolescência. Foi por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente, promulgado em 1990, em consonância com a Carta Magna, que crianças e adolescentes passaram a ser reconhecidos como sujeitos sociais, portadores de direitos e garantias próprias. Tal reconhecimento configurou-se como uma mudança de paradigma, em que a criança e o adolescente passaram de objetos de tutela e proteção a sujeitos de direito, paradigma considerado educativo, de direito e participação. Dessa forma, as ações voltadas às crianças e adolescentes passaram a ser pautadas na Doutrina da Proteção Integral, promulgada em 1988, que compreende a participação do Estado, da Família e da Sociedade na garantia de seu desenvolvimento pleno (BRASIL, 2006).

A Organização das Nações Unidas, com o objetivo de facilitar a cooperação entre os diversos países no que se refere ao desenvolvimento econômico, de segurança, progresso social, direitos humanos e, principalmente, a concretização da paz mundial, criou núcleos especializados no atendimento do público infanto-juvenil, como o Fundo Mundial pela Infância (Unicef), a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), a Organização Mundial da Saúde (OMS), com o dever de cuidar e garantir os direitos pela vida, educação, saúde, nutrição e desenvolvimento das crianças e adolescentes (FUNDAÇÃO ABRINQ, 2009).

A partir desse breve histórico, recorreremos ao Estatuto da Criança e do Adolescente e à Organização Mundial da Saúde, como as regras que norteiam a atenção à criança e ao adolescente e a organização que zela por esta atenção, consecutivamente, para compreendermos como a adolescência tem sido considerada.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) considera ‘criança’, pessoa até 12 anos de idade incompletos e ‘adolescente’ aquela entre 12 e 18 anos de idade, conforme dispõe a art. 2º da lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Já a Organização Mundial de Saúde compreende a adolescência o período entre 10 e 19 anos de idade, que se caracteriza por uma fase de transformações físicas, psicológicas, sociais e culturais, vivenciadas de diferentes formas conforme a cultura em que se está inserido.

A Unicef (2011) reconhece a adolescência como um período em si, que supera a visão de uma fase de crianças grandes ou futuros adultos, legitimando o adolescente como cidadão, sujeito de direitos, protagonista de sua história e que se encontra em uma fase de desenvolvimento extraordinária, repleta de criatividade, vontade e capacidade de aprender e participar. Compreende que a adolescência é marcada por mudanças profundas e rápidas no ciclo de vida, de aspectos biológicos, comportamentais, de aprendizagem, socialização, descobertas, interação e de múltiplos processos que permitem que a adolescência seja considerada como um potencial indispensável para a sociedade.

O reconhecimento da importância dos processos de desenvolvimento que ocorrem na adolescência, da oportunidade que a adolescência representa para o País, do benefício que as vivências da adolescência representam tanto para sua vida presente quanto, posteriormente, para sua vida de adulto, resulta na afirmação de que esses meninos e meninas são detentores do direito de ser adolescente. O que significa, sob a ótica da cidadania, o direito de ter direitos, de conhecer seus direitos, de criar novos direitos, de participar da conquista dos seus direitos (UNICEF, 2011, p. 16).

Em consonância, a Política Nacional de Atenção Integral de Saúde dos Adolescentes e jovens (2006) afirma:

A energia, o espírito criativo, inovador e construtivo da população jovem devem ser considerados como um rico potencial, capaz de influenciar de forma positiva o desenvolvimento do país. Para assumir esse papel de relevância na sociedade, é necessário que adolescentes e jovens tenham acesso universal a bens e serviços que promovam a saúde e a cidadania.

Assim, é possível perceber que a adolescência tem ganhado cada vez mais evidência nas discussões teóricas, pautadas e direcionadas para a construção de políticas públicas

sociais, e recebido maior atenção e zelo por parte de alguns organismos específicos. No entanto, essas discussões não acontecem apenas em campo de batalha política e luta pela efetivação de direitos, cientistas também se debruçam sobre pesquisas e estudos empíricos, objetivando a compreensão dessa fase do desenvolvimento humano.

Aberastury e Knobel (1986) são pesquisadores clássicos da adolescência e contribuíram com a literatura décadas atrás, lançando luz à denominação de “síndrome normal da adolescência” para essa fase do ciclo vital, reconhecida como um período expressivamente marcado por desequilíbrios e instabilidades extremas. Os estudiosos afirmaram que o processo vivido pelos adolescentes, que perturbam o mundo adulto, é absolutamente necessário para o adolescente, uma vez que é por meio desse processo que é possível a formação de sua identidade. “A estabilização da personalidade não se consegue sem passar por certo grau de conduta patológica que, conforme o seu critério, devemos considerar inerente à evolução normal desta etapa da vida” (ABERASTURY; KNOBEL, 1986, p. 27).

Aberastury e Knobel (1986) apresentam as principais características da adolescência, que integra a Síndrome Normal da Adolescência: busca de si mesmo e da identidade; tendência grupal; necessidade de intelectualizar e fantasiar; crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; deslocalização temporal, quando o pensamento adquire as características de pensamento primário; evolução sexual manifesta, que vai de autoerotismo até a heterossexualidade genital adulta; atitude social reivindicatória com tendências anti e sociais de diversa intensidade; contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica desse período da vida; uma separação progressiva dos pais; e constantes flutuações do humor e do estado de ânimo.

Posteriormente às contribuições de Aberastury e Knobel, outros estudiosos compuseram o campo de investigação sobre a adolescência, a fim de comprovar necessidades específicas do período. Diversas áreas do conhecimento buscam em seus enfoques compreender esse período do ciclo vital (FRENCH, SEIDMAN, ALLEN, ALBER., 2000; FURSTENBERG, 2000; GAUTHIER, 2003; ALVIN; MARCELLI, 2005). Cloutier e Drapeau (2012) destacam que as abordagens multidisciplinares respondem melhor às demandas de investigação de várias realidades adolescentes, como a migração dos jovens, a influência da biologia na adolescência, a saúde dos adolescentes, a integração ao mercado de trabalho, as influências étnicas na passagem à adolescência e as diferenças de sexo.

Na perspectiva da recente evolução dos conhecimentos sobre a adolescência, Brown (2005) apresenta quatro consensos na recente orientação da pesquisa sobre esse período da

vida: a valorização dos contextos em que os jovens vivem na compreensão do desenvolvimento e do comportamento na adolescência; o foco na compreensão funcional da adolescência e não na descrição categorial dos fenômenos; a insuficiência das grandes teorias surgidas no século XX (Freud, Piaget e Erikson) em atender as expectativas, ao conduzirem generalizações e negligenciarem a diversidade de trajetórias; a imagem ‘problemática’ desse período de desenvolvimento, a qual recebeu influência de pesquisadores que deram ênfase à explicação dos problemas de adaptação dos jovens.

Assim, novas concepções de adolescência foram lançadas, bem como diferentes abordagens para o grupo. Na perspectiva de Cloutier e Drapeau (2012), a adolescência define-se como um período de transição da infância para a fase adulta, marcada pelo desenvolvimento da autonomia. Nessa fase de desenvolvimento a pessoa pode explorar, exercer e experimentar papéis, sem a obrigatoriedade de responsabilidades sociais, tendo um tempo para a formação de identidade e escolha de um caminho profissional. Além disso, a adolescência caracteriza-se pelas diversas e intensas mudanças de âmbitos biológicos, emocionais, jurídicos e sociais. Assim, os pesquisadores ressaltam a importância do desenvolvimento percebido durante a adolescência, permitindo a valorização dessa fase como um estágio propriamente dito e não apenas de um estágio intermediário. Em concordância com essa perspectiva, Bouchard (2007) afirma que a adolescência não é somente época da espera por um futuro, mas se caracteriza por um presente de intensidades, sentido e luz.

Estudiosos declaram, ainda, que diante das intensas mudanças ocorridas nesse período, a adolescência pode ser caracterizada como uma fase de oportunidades e riscos (CLOUTIER; DRAPEAU, 2012; PAPALIA; FELDMAN, 2013). Papalia e Feldman (2013, p. 387) afirmam que a “adolescência oferece oportunidades para o crescimento não só em termos de dimensões físicas, mas também em competência cognitiva e social, autonomia, autoestima e intimidade”. Por outro lado, surge o aumento de riscos de enfrentar problemas psicossociais, como o uso de álcool e drogas, delinquência, absenteísmo escolar, condutas suicidas e comportamentos sexuais desprotegidos (CLOUTIER; DRAPEAU, 2012). Steinberg e Morris (2001) argumenta que a maioria dos jovens que abusam de bebida e drogas e cometem atos infracionais na adolescência cessam esse comportamento ao chegarem à idade adulta.

Tratando-se de violência na adolescência, Waiselfisz, no Mapa da Violência (2014), apresenta esse cenário, afirmando que adolescentes e jovens com idade entre 15 e 24 anos têm sido, expressamente, alvo de mortes por causas externas, principalmente do sexo masculino e moradores de áreas menos favorecidas das grandes metrópoles urbanas. Waiselfisz, no Mapa da Violência (2015) relata que de 1980 à 2012 morreram no Brasil um total de 880.386

pessoas vítimas de disparos de armas de fogo, das quais 497.570 eram jovens com idades entre 15 e 29 anos. Tais dados ilustram a prevalência das mortes também por arma de fogo na juventude brasileira.

A Unicef (2011) destaca outras vulnerabilidades em que os adolescentes estão sujeitos, o que os impede de viver a adolescência na sua condição plena de desenvolvimento:

O direito de ser adolescente vem sendo violado por vulnerabilidades e desigualdades que marcam o cotidiano de milhões de meninos e meninas em todo o Brasil. Quando se lança um olhar para o conjunto da população brasileira para comparar a situação dos adolescentes com os demais segmentos etários, observa-se que eles e elas formam um grupo que sofre mais fortemente o impacto de vulnerabilidades, como a pobreza, a violência, a exploração sexual, a baixa escolaridade, a exploração do trabalho, a gravidez, as DST/aids, o abuso de drogas e a privação da convivência familiar e comunitária (UNICEF, 2011, p. 28).

Frente ao alto índice de violência que marca a adolescência, estudos têm se dedicado à investigação do fenômeno, considerando o adolescente como vítima e autor da violência (PRIULI; MORAES, 2007). Por sua vez, a prática do ato infracional e a situação de cumprimento de medida socioeducativa, cenário que tem sido foco de pesquisas recentes, que se posicionam sob diferentes perspectivas e problematizações, desenvolvidas por autores como Priuli e Moraes (2007), Vincentin (2011), Ferrandiz (2005), Souza, Silva-Abrão e Oliveira-Almeida (2011), Sanchez (2012), Feijó e Assis (2004), Malvasi (2011), Branco, Wagner e Demarch (2008); Facundo e Pedrão (2008); Zappe e Dias (2012); Pereira, Sudbrack (2008) e Spagnol (2005).

1.2 Adolescência e o ato infracional

Ato infracional é a conduta descrita como crime ou contravenção penal, praticada por criança ou por adolescente, como disposto no artigo 103, Lei 8069/90, do Estatuto da Criança e do Adolescente. E o conjunto dessas infrações é denominado ‘delinquência juvenil’, que é descrita por Cloutier e Drapeau (2012) como um fenômeno relativo, que está diretamente ligado às regras estabelecidas no meio ao qual o adolescente pertence. Já as medidas socioeducativas são as medidas aplicadas pela autoridade aos adolescentes que cometam atos infracionais, podendo se configurar em advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviço à comunidade, Liberdade Assistida, inserção em regime de semiliberdade, internação em estabelecimento educacional, qualquer uma das previstas no art. 101 (BRASIL, 1990).

Cloutier e Drapeau (2012) afirmam que nem todos os adolescentes que cometem ato infracional são levados à justiça, isso porque a situação pode não ser conhecida pelo sistema judicial ou pode ser resolvida informalmente. Além disso, os atos infracionais recebem um vasto espectro de gravidade, sendo que quase todos os jovens cometem pequenos delitos em algum momento da adolescência, como mentira, trapaça, grafite, quebra de material comunitário, entre outros, mas apenas 3% desse grupo estariam implicados em violência criminosa (LeBLANC, 1999). “A delinquência não é algo que o jovem tem ou não tem, mas sim uma realidade mais ou menos presente, que pode agravar-se ou atenuar-se com o tempo, sob a influência de diferentes fatores” (CLOUTIER; DRAPEAU, 2012, p. 327).

Estudos realizados com adolescentes em conflito com a lei, revelam que esse público apresenta características semelhantes, como a idade média de 17 anos, sendo a maioria do sexo masculino e evidenciam evasão escolar ou a prevalência do ensino fundamental incompleto como grau de escolaridade. Revelam ainda que a separação dos pais é algo comum para muitos deles e a maioria tem a mãe como responsável legal e a figura de referência mais importante (PRIULI; MORAES, 2007; SOUZA; SILVA-ABRÃO; OLIVEIRA-ALMEIDA, 2011).

A família, enquanto uma instituição de controle social, tem sido foco privilegiado de estudos sobre os adolescentes em situação de prática de ato infracional e conflito com a lei. Dados emergentes apontam vivências familiares, de aspectos emocionais e financeiros, como contribuintes para a vulnerabilidade do adolescente e a experiência de violência. (FEIJÓ; ASSIS, 2004; DELL’AGLIO; BENETTI; DERETTI; D’INCAO; LEON; 2005; ZAPPE; DIAS, 2012).

Considerando a família e sua rede social, Dell’Aglío et al. (2005), em pesquisa, associam o ato infracional às desfavoráveis condições familiares e à ausência de uma rede social fortalecida. Tal estudo encontrou importantes fatores de risco para o desenvolvimento do adolescente, que se configuram por maus tratos, abuso sexual, consumo de drogas, defasagem escolar, entre outros. Afirmam, ainda, que a trajetória de vida desses sujeitos é marcada por violência.

O consumo de drogas é algo comum a quase todos os jovens na situação de conflito com a lei. Estudos dedicam-se, especialmente, à investigação desse cenário, colocando em foco a relação entre o consumo de drogas e o comportamento infrator (FACUNDO; PEDRÃO, 2008; PEREIRA; SUDBRACK, 2008).

De acordo com Ferrandiz (2005), as experiências do adolescente infrator acontecem num palco de insegurança e incertezas, configurado, muitas vezes, pela precariedade

socioeconômica, criminalização, estigma e morte, e devem ser tratadas como “uma forma de estar no mundo”, de reagir a um universo traumático e vulnerável.

Um estudo sobre adolescentes em conflito com a lei, em cumprimento de medida de internação, colocou em foco o sofrimento do adolescente que, segundo o autor, pode ser vivenciado de duas formas. Em uma o sofrimento torna-se ato político numa espécie de rebelião de si, como exemplificado em situações de comportamentos de resistência, contraposição, desordem. A outra, o sofrimento e os corpos em luta são evidenciados como patologização dos adolescentes, que têm sua potência de vida cada vez mais enfraquecida, chegando até ao suicídio (VINCENTIN, 2011).

Permeando esse cenário, é possível perceber que os estudos apresentados dedicaram-se à investigação das motivações e dos fatores protetivos dos adolescentes. Tal campo foi objeto de estudo também de Amparo, Galvão, Alves, Brasil e Koller (2008), que deram ênfase aos fatores que podem ser protetivos a adolescentes em situação de vulnerabilidade e evidenciaram que a família, a escola e os amigos são importantes fatores sociais de proteção, assim como a autoestima e religiosidade/espiritualidade, as quais atuam como elementos pessoais protetivos. Dessa forma, sendo a religiosidade/espiritualidade um aspecto evidenciado como fator protetivo de adolescentes, este será abordado com maior profundidade na seção seguinte.

1.3 Adolescentes e religiosidade

Um estudo realizado por Amparo et al. (2008) apontou a religiosidade/espiritualidade como uma dimensão de bastante evidência na vida dos adolescentes, sendo que alguns têm experiências inerentes a grupos e rituais religiosos, enquanto outros vivenciam a espiritualidade como uma experiência individual, pela crença, ambos reportando-se a Deus para solicitar ajuda no enfrentamento das adversidades. Nessa perspectiva, Stoppa e Morgra-Almeida (2008) afirmam que a religiosidade dá sentido à vida das pessoas e contribui para o enfrentamento de situações adversas. Amparo et al. (2008) apontam, ainda, a crença em Deus como a busca pelo bem-estar e crescimento, o que a caracteriza como um elemento de proteção ao adolescente.

As crises religiosas também foram consideradas como um aspecto presente nessa fase do desenvolvimento, marcada por vivências e posicionamentos religiosos extremos, podendo o adolescente manifestar-se como um ateu exacerbado ou como um místico muito fervoroso,

ou mesmo, transitar entre esses diferentes posicionamentos, o que acorda a característica instável e mutável do mundo do adolescente. (ABERASTURY; KNOBEL, 1986).

Aberastury e Knobel (1986) declaram que os questionamentos emergentes nessa fase influenciam o adolescente à preocupação metafísica de forma intensa e às vivências de crise religiosa, que se configuram como uma meio de aliviar as angústias inerentes às dificuldades enfrentadas, principalmente no que diz respeito à busca de identificações positivas e do confronto com o fenômeno da morte definitiva de uma parte do seu corpo, assim como o enfrentamento da separação definitiva dos pais e a aceitação da possível morte dos mesmos. Diante disso, os adolescentes podem fazer identificações projetivas com imagens bastante idealizadas, que lhes confortem e lhes garantam a continuidade da existência de si e do outro. “A figura de uma divindade, de qualquer tipo de religião, pode representar para ele uma saída mágica desse tipo” (ABERASTURY; KNOBEL, 1986, p. 40). Complementam:

O misticismo, que pode chegar a alcançar níveis delirantes, e o materialismo com características niilistas são atitudes extremas de uma forma de deslocamento ao intelectual religioso, de mudanças concretas e reais que ocorrem a nível corporal e no plano de atuação familiar-social que resultam incontroláveis nesse nível fático, frente aos quais a impotência do adolescente é sentida por este como absoluta (ABERASTURY; KNOBEL, 1986, p. 41).

As frequentes mudanças ideológicas são importantes e necessárias no processo de desenvolvimento do adolescente, pois, a partir desse movimento, o jovem é levado a viver um processo de desidealização que o possibilita construir novas e verdadeiras ideologias de vida. (ABERASTURY; KNOBEL, 1986).

A religiosidade/espiritualidade sempre se apresentou como um campo importante no curso da história da humanidade, configurado por diferentes modos de organização, crença e vivência, conforme o momento histórico e a cultura (PERES; SIMÃO; NASELLO, 2007). No entanto, apenas na década de 1990 e na virada para o século XXI é que tal campo passou a ser foco de estudos, pesquisas e discussões acadêmicas relacionados à Saúde Mental (KOENIG, 2007).

Para Koenig, King e Carson (2012) o crime e a delinquência estão diretamente ligados à saúde dos indivíduos, famílias e comunidades e, por esse motivo, evidencia a importância de se pensar a religiosidade/espiritualidade vivenciada nesse contexto. A frase de Edmund Burke é citada por Koenig, King e Carson (2012) expressando a sua concepção: “O maior crime não

surge por falta de sentimento pelos outros, mas a partir de uma hipersensibilidade por nós mesmos, assim como pela indulgência aos nossos próprios desejos”.

Considerando a dimensão religiosa da vida um importante elemento para o desenvolvimento humano, Camboim e Rique (2010) realizaram um estudo com adolescentes e jovens adultos a fim de compreender e comparar a religiosidade/espiritualidade dos dois grupos. Os resultados revelaram que os adolescentes exercem mais práticas religiosas e estão mais vinculados a filiações religiosas que os jovens adultos que, por sua vez, consideram-se mais espiritualizados, ou seja, conservam relação espiritual pessoal e mais direta com o transcendente, independente de instituição religiosa. Os autores argumentam que tais resultados sugerem que a religiosidade/espiritualidade pode ser vivenciada de formas diferentes no decorrer da vida de acordo com as fases de desenvolvimento.

Em concordância com Camboim e Rique (2010), Mauro Amatuzzi (2000) dá luz à Teoria do Desenvolvimento Religioso, a partir de estudos e pesquisa empírica sobre a experiência religiosa das pessoas e considerações sobre as transformações que a relação do indivíduo com a sua fé passam ao longo da vida. Essa teoria sugere que as pessoas possuem uma estrutura comum de experiência, porém com níveis diferentes de maturidade religiosa, os quais se aproximam da maturidade humana em geral.

Tal dimensão humana é abordada num estudo sobre as representações sociais da juventude periférica urbana, e utiliza as narrativas do *rap* como *corpus* empírico, que é um dos elementos da cultura *Hip Hop* e se caracteriza como expressão artística, cultural e política. A análise das músicas urbanas que narram sobre religiosidade/espiritualidade revelam que o crime e Jesus estão de lados opostos, e que a fé em Deus alimenta a esperança de fazer ruptura com o mundo do crime e iniciar vida nova.

No entanto, enquanto não encontram uma possibilidade de transcendência do crime, mantém-se a prática do ato infracional para garantir a sua sobrevivência. A religiosidade/espiritualidade ainda dão sentido às experiências cotidianas dos jovens e orientam suas condutas diante de situações adversas (ALMENDRA, 2013). Segundo Houtart (2003), a fé religiosa pode estimular o homem a se comprometer com as questões sociais e a expressar múltiplas formas de resistência, nos movimentos sociais, nas buscas e criação de alternativas.

Utilizando também o *rap* como recurso metodológico, Hinkel e Prim (2009) fizeram um estudo sobre os significados e sentidos implícitos nas letras das músicas de MV Bill, um dos ícones do *rap* nacional. Uma das músicas analisadas foi “Só Deus pode me julgar”, que apresenta um panorama do cenário da criminalidade, marcado por desigualdade social e

diferentes formas de violência. Aponta ainda a necessidade de resistência às pressões sociais e construção de novas formas de relação social para reduzir o sofrimento ético-político. Diante dessa condição, atribuem a Deus o poder de julgamento, sendo o único capaz de saber, de fato, a realidade que vivenciam.

Considerando que o tema religiosidade e adolescentes autores de atos infracionais tem recebido atenção de pesquisadores, sobretudo a partir da concepção de que esta opera como fator de proteção em relação à inserção no contexto infracional, buscou-se conhecer a produção científica por meio de revisão que será apresentada a seguir.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Em outubro de 2016 foi realizado um estudo de revisão de literatura com o objetivo de investigar como a espiritualidade de adolescentes autores de atos infracionais tem sido abordada. Os estudos foram coletados em três diferentes áreas de bases de dados, sendo que da Base Multidisciplinar foram usadas as EBSCO – *Academic Search Premier* (Multidisciplinares) e SCOPUS, da Base de Ciências Humanas foram usadas Soc INDEX (Ciências Humanas) e PsycINFO, e da Base de Ciências da Saúde foram usadas CINAHL, PUBMED e LILACS. Para a busca foram definidas as seguintes palavras-chave: (Religião ou Religioso ou Religiosidade ou Espiritual ou Espiritualidade ou fé) E (Delinquência Juvenil ou violência) e (adolescente ou *teenager*); (*Religion, Religious, Religiosity, Spiritual, Spirituality, Faith*) AND (*juvenile delinquency or Violence*) AND (*Adolescent or Teenagers*).

Consideraram-se os seguintes critérios de inclusão: artigos na íntegra, publicados de 2004-2016 e nos idiomas português, inglês e espanhol. Como critérios de exclusão: os estudos que não correspondiam aos objetivos da pesquisa e aqueles que abordassem apenas uma das temáticas isoladamente, por exemplo: religiosidade sem falar de delinquência ou o inverso.

Seguindo tais critérios, foram encontrados 1269 artigos totais, sendo que após excluir as duplicidades chegou-se a 684 estudos. As bases de dados Multidisciplinares apresentaram maior número de artigos relacionados, seguidas pelas bases de dados de Ciências Humanas e bases de dados de Ciências da Saúde. Os achados revelam que o tema tem recebido maior atenção nas áreas multidisciplinares e das ciências sociais, enquanto tem sido menos explorado no campo de ciências da saúde.

A partir da totalidade de artigos encontrados e dos critérios definidos, foram incluídos 18 artigos e excluídos 666 estudos.

Os artigos excluídos representam as seguintes categorias: não são artigos ou não tiveram seus textos completos acessíveis; abordam temas diferentes do proposto, tratando-se de público em geral, sendo adolescentes e adultos; abordam temas sobre adolescentes diferentes do tema proposto, tratando-se de escola, sexualidade, saúde, vítimas de violência, entre outros; discorrem sobre a religiosidade de adolescentes, porém não sobre adolescentes infratores; abordam o adolescente infrator, mas não abordam a religiosidade ou espiritualidade; têm foco em outro público que não adolescentes autores de atos infracionais, como mulheres, famílias, equipes profissionais; discutem sobre adolescentes em situação de uso de álcool e outras drogas; tratam-se de Grupo e Projetos de apoio ao adolescente infrator

baseados em aspectos religiosos; e, para finalizar, citam o aspecto religioso como fator de risco e proteção, sendo que este não é o principal foco do estudo .

Os artigos incluídos apresentaram como principais eixos temáticos: religiosidade pessoal como fator protetivo de comportamentos delinquentes (LEE; BARTKOWSKI, 2004; LAIRD; MARKS; MARRETO, 2011; SALAS-WRIGHT et al., 2013; SALAS-WRIGHT; VAUGHN; MAYNARD, 2014; SALAS-WRIGHT et al., 2015; KELLY; et al., 2015). Religiosidade pessoal associada a outras variáveis como fator protetivo ao envolvimento delinquentes (GIORDANO et al., 2008; BEAVER et al., 2009; SALAS-WRIGHT et al., 2012; SALAS-WRIGHT; OLATE; VAUGHN, 2013). Religiosidade pessoal como fator neutro (JOHNSON; MORRIS, 2008); Espiritualidade pessoal como fator protetivo da saúde mental e não ao envolvimento com o crime (HUCULACK; MCLENNAN, 2010). Religiosidade familiar como fator protetivo (SIMONS; SIMONS; CONGER, 2004; PEARCE; HAYNIE, 2004; PETTS, 2007; PETTS, 2009; LI, 2014; KHOURY-KASSABI; KHOURY; ALI, 2015).

Os eixos apresentados revelam que os estudos dedicam-se à investigação da religiosidade pessoal e religiosidade familiar de adolescentes como fator protetivo do comportamento delinquentes e um único, em especial, à saúde mental do adolescente infrator.

Quanto a características como ano de publicação, onde o estudo foi realizado, natureza do estudo e principais resultados, são apresentadas a seguir.

Os anos de publicação dos estudos, dentro do período assinalado, são variados, sendo que três dos estudos foram publicados em 2015 (KELLY, et al.; SALAS-WRIGHT et al.; KHOURY-KASSABI; KHOURY; ALI), dois em 2014 (SALAS-WRIGHT; VAUGHN; MAYNARD; e LI); dois em 2013 (SALAS-WRIGHT; OLATE; VAUGHN e SALAS-WRIGHT et al.); apenas um nos anos 2012 (SALAS-WRIGHT et al.), 2011 (LAIRD; MARKS; MARRETO) e 2010 (HUCULACK; MCLENNAN); dois em 2009 (BEAVER; GIBSON; JENNINGS; WARD e PETTS); dois em 2008 (JOHNSON; MORRIS e GIORDANO et al.); um em 2007 (PETTS); e três em 2004 (LEE et al.; SIMONS; SIMONS; CONGER).

No recorte que foi feito nesta revisão, desde 2004 estudos tem sido desenvolvidos, com maior ocorrência de publicações nos anos de 2004 e 2015, sugerindo que o tema tem recebido atenção de forma mais ou menos regular.

A maioria dos estudos, que totalizam 13, foram realizados nos Estados Unidos por pesquisadores vinculados a centros de estudos do próprio país. (LEE; BARTKOWSKI, 2004; PEARCE; HAYNE, 2004; SIMONS; SIMONS; CONGER, 2004; PETTS, 2007; GIORDANO et al., 2008; JOHNSON; MORRIS, 2008; PETTS, 2009; BEAVER et al., 2009;

LAIRD; MARKS; MARRETO, 2011; SALAS-WRIGHT et al., 2012; SALAS-WRIGHT; VAUGHN; MAYNARD, 2014; KELLY et al., 2015; SALAS-WRIGHT et al., 2015). Dois estudos foram realizados em El Salvador, porém, foram desenvolvidos por pesquisadores dos Estados Unidos (SALAS-WRIGHT; OLATE; VAUGHN, 2013; SALAS-WRIGHT et al., 2013). Um foi desenvolvido em Israel por pesquisadores do próprio país (KHOURY-KASSABI; KHOURY; CELI, 2015) e outro foi desenvolvido nos Estados Unidos por pesquisador de uma Universidade Chinesa (LI, 2014). No Brasil, apenas um estudo foi realizado, porém, por pesquisadores de universidade canadense (HUCULACK; MCLENNAN, 2010).

Embora alguns estudos tenham sido desenvolvidos em países da América Latina, como Brasil e El Salvador, os pesquisadores responsáveis são norte-americanos (Estados Unidos e Canadá), o que revela a deficiência de estudos sobre o tema desenvolvidos por pesquisadores de universidades brasileiras e de outros países da América Latina. Em contrapartida, é notado que os Estados Unidos têm maior interesse e dedicação a desenvolvimento de estudos dessa natureza, que transcende a investigação nacional, abrangendo também outros países da América Latina, como no caso de pesquisas desenvolvidas por Salas-Wright, Olate e Vaughn (2013) e Salas-Wright et al. (2013).

Os pesquisadores responsáveis pelo desenvolvimento de tais estudos integram diferentes departamentos de Universidades Internacionais, sendo o Departamento de Sociologia o que recebe maior destaque (LEE; BARTKOWSKI, 2004; PEARCE; HAYNIE, 2004; SIMONS, 2004; PETTS, 2007; GIORDANO et al., 2008; PETTS, 2009; LI, 2014; KELLY; POLANIN; JOHNSON, 2015).

Em seguida está o departamento de Serviço Social (SALAS-WRIGHT et al., 2012; SALAS-WRIGHT; OLATE; VAUGHN, 2013; SALAS-WRIGHT et al., 2013; SALAS-WRIGHT; VAUGHN; MAYNARD, 2014; KHOURY-KASSABI; KHOURY; CELI, 2015; SALAS-WRIGHT et al., 2015).

Departamentos relacionados a Criminologia e Justiça Criminal também configuram este rol de departamentos (JOHNSON; MORRIS, 2008; BEAVER et al., 2009; JANG, 2015).

E ainda há os departamentos citados apenas uma vez, como o Departamento de Psicologia (LAIRD; MARKS; MARRETO, 2011), Departamento de Desenvolvimento da Família e da Criança (SIMONS, 2004); Departamento de Desenvolvimento da Família e da Comunidade (CONGER, 2004); Departamento de Saúde Comunitária (HUCULACK; JOHN; MCLENNAN, 2010).

Esses dados sugerem que os pesquisadores da área de sociologia e serviço social são os mais interessados no tema e lideram o desenvolvimento de pesquisas na área.

Quanto à natureza dos estudos, todos são quantitativos, sendo estudos longitudinais, transversais e um estudo de revisão com meta-análise. A maioria deles é composto por estudos longitudinais (PEARCE; HAYNIE, 2004; LEE; BARTKOWSKI, 2004; PETTS, 2007; GIORDANO et al., 2008; JOHNSON; MORRIS, 2008; BEAVER et al., 2009; PETTS, 2009; LAIRD; MARKS; MARRETO, 2011; LI, 2014).

Os estudos transversais também recebem destaque, quase se equiparando aos estudos longitudinais em frequência de ocorrência (SIMONS; SIMONS; CONGER, 2004; HUCULACK; JOHN; MCLENNAN, 2010; KHOURY-KASSABI; KHOURY; CELI, 2010; SALAS-WRIGHT et al., 2012; SALAS-WRIGHT; OLATE; VAUGHN, 2013; SALAS-WRIGHT et al., 2013; SALAS-WRIGHT; VAUGHN; MAYNARD, 2014; SALAS-WRIGHT et al., 2015).

Já o estudo de revisão com meta-análise caracteriza um único estudo (KELLY et al., 2015).

Tais dados revelam que não há estudo qualitativo sobre o tema no recorte desta revisão, o que sugere a carência de estudos dessa natureza nesse campo de investigação e possíveis prejuízos na compreensão dessa temática, uma vez que a análise qualitativa permite o aprofundamento da questão de estudo.

Assim, este estudo de revisão de literatura concluiu que a espiritualidade de adolescentes autores de atos infracionais tem sido abordada de diferentes formas, tendo como principais focos de investigação a religiosidade como fator protetivo para o envolvimento no crime, tanto a religiosidade pessoal de adolescentes infratores (LEE; BARTKOWSKI, 2004; GIORDANO et al., 2008; BEAVER et al., 2009; LAIRD; MARKS; MARRETO, 2011; SALAS-WRIGHT et al., 2012; SALAS-WRIGHT et al., 2013; SALAS-WRIGHT; OLATE; VAUGHN, 2013; SALAS-WRIGHT; VAUGHN; MAYNARD, 2014; SALAS-WRIGHT et al., 2015; KELLY et al., 2015) como a religiosidade familiar (SIMONS; SIMONS; CONGER, 2004; PEARCE; HAYNIE, 2004; PETTS, 2007; PETTS, 2009; LI, 2014; KHOURY-KASSABI; KHOURY; ALI, 2015) e em apenas um estudo foi abordada a religiosidade como proteção à saúde mental e não ao envolvimento com o crime (HUCULACK; MCLENNAN, 2010).

Os resultados sugerem que a religiosidade por si só não responde pela proteção contra comportamentos delinquentes ou saúde mental, mas a sua associação com outros elementos psicossociais pode se revelar um importante fator protetivo (GIORDANO et al., 2008;

BEAVER et al., 2009; SALAS-WRIGHT et al., 2012; SALAS-WRIGHT; OLATE; VAUGHN, 2013). A religiosidade sempre está associada a outras variáveis do contexto onde o adolescente vive, podendo diminuir ou não a probabilidade de enfraquecimento de vínculos anti-sociais e aumento do bem estar mental, por meio do autocontrole, controle parental, afetividade familiar, participação social e comunitária, entre outras questões (PEARCE; HAYNIE, 2004; LEE; BARTKOWSKI, 2004; SIMONS; SIMONS; CONGER, 2004; PETTS, 2007; PETTS, 2009; LI, 2014; HOURY-KASSABI; KHOURY; ALI, 2015).

Tais estudos têm, em síntese, como foco principal mostrar as relações entre religiosidade e a prática de atos infracionais, considerando a primeira como variável que inibe a prática desses atos. Entretanto, a convivência com jovens em contextos de medidas socioeducativas mostra que eles frequentemente usam expressões verbais de cunho religioso assim como tatuam símbolos religiosos em seus corpos. Em consonância com essa percepção, estudos nacionais que não aparecem no estudo de revisão de literatura receberam olhar qualitativo para compreensão da relação entre jovens habitantes de regiões urbanas periféricas consideradas violentas, em que a criminalidade encontra-se presente, e a religiosidade, como os estudos desenvolvidos por Hinkel e Prim (2009) e Almendra (2013), que sugerem que Deus é o único que os poderia julgar, capaz de saber, de fato, a realidade que vivenciam e que a fé em Deus alimenta a esperança de fazer ruptura com o crime e iniciar vida nova.

Dessa forma, é possível depreender que a religiosidade está presente na vida de adolescentes autores de atos infracionais, que já estão ou não no sistema judicial. Também é notável que embora a religiosidade dos adolescentes autores de atos infracionais esteja sendo investigada, nenhum estudo investigou a fé dos adolescentes como captura de suas subjetividades e poucos estudos têm sido desenvolvidos na perspectiva qualitativa.

Assim, este estudo propôs-se conhecer os significados de fé para adolescentes em conflito com a lei, de uma cidade do interior paulista. Entende-se que tal pesquisa assume grande relevância para as diferentes profissões do campo da saúde por possibilitar reflexões importantes relacionadas à fé destes sujeitos que é um quesito essencial em termos de atenção integral à saúde do adolescente.

3 OBJETIVO

Conhecer as experiências e os significados de fé e religiosidade para adolescentes em conflito com a lei.

4 MÉTODO

4.1 Referencial teórico

Este estudo norteou-se pelos conceitos de fé e religiosidade apresentados por Mauro AmatuZZi. AmatuZZi é psicólogo e pesquisador sob a perspectiva da fenomenologia. Apresenta conceitos inerentes à fé e à religiosidade e os articula com diferentes trabalhos e teorias, em especial a teoria do desenvolvimento religioso, proposta pelo próprio autor (AMATUZZI, 2000). Para melhor compreensão, serão apresentados alguns conceitos descritos por ele em diálogo com estudiosos como Buber, Fromm, Meslin e Vaz, que são referenciados nos estudos de AmatuZZi (1998a; 1999).

Este autor, sob a ótica da psicologia, busca organizar ideias e conceitos que contemplem as inquietações sobre o sentido da vida, marcantes na história da humanidade. Compreende que tal movimento interior humano pode dar origem à própria experiência religiosa, a qual se apresenta de diferentes formas em distintos momentos da História, configurando culturas, grupos, comunidades e até mesmo as próprias pessoas. Nessa perspectiva, AmatuZZi mantém diálogo com autores mencionados acima como possibilidade de aprofundamento nesse campo de estudo, esclarecendo conceitos e oferecendo possibilidades de compreensão da fé e religiosidade como aspectos inerentes à existência humana (AMATUZZI, 1998a; 1999).

Para melhor compreensão dessa dimensão da existência humana, AmatuZZi apresenta o conceito de ‘significado’, que permeia todos os outros conceitos a serem apresentados. Para AmatuZZi (2015) significados são modos de relação. Resultam da relação sujeito-objeto que, nesse caso, corresponde consecutivamente a ‘quem considera’ e ‘o que é considerado’. O autor explica que as pessoas nascem em um mundo de significados recebidos da sociedade e da família que podem ir ampliando e modificando por meio de sua atuação no mundo e de novas experiências. Dessa forma, o significado está ligado à história pessoal, ou seja, a forma como o sujeito relaciona-se com o objeto. “Esses significados dependem da vida de relações que mantemos com o objeto” (AMATUZZI, 2015, p. 35).

AmatuZZi (2015) aponta, ainda, que as ações e relações das pessoas dependem dos significados. No entanto, estes podem ser aceitos de forma passiva ou podem ser descobertos e transformados. No primeiro caso, a pessoa pode construir um significado nas relações, mas nunca pensar sobre isso, o que impede sua apropriação de forma efetiva. Se o contrário acontece, a pessoa descobre o significado construído nas relações, a própria relação é afetada,

transformando-se, e se a transformação acontece, novos significados surgem. A esse processo, o autor dá o nome de ‘Dependência Ativa’. “É nesse caso que cabe dizer que assumimos nossa vida: é quando pensamos, quando procuramos descobrir os significados que a povoam e, então, poderemos criar novos” (AMATUZZI, 2015, p. 36).

Amatuzzi explica que a conscientização dos significados pode possibilitar a passagem de um sistema de valores para outro mais abrangente e isso caracteriza uma nova ordem de orientação das ações do sujeito. Tal ordem pode ficar implícita ou ser explicitada, por meio de novas reflexões e descobertas. “No processo de significar e ressignificar há uma passagem progressiva para âmbitos mais abrangentes de significado” (AMATUZZI, 2015, p. 38).

A partir desse processo, o autor explica:

À medida que alçamos aos âmbitos mais abrangentes de significado e valor, eles nos impõem de certa forma: não os construímos, mas os recebemos, por assim dizer. Há uma objetividade aqui, a que se tem acesso pelo caminho da subjetividade. As coisas são assim, e a única coisa que podemos fazer é aceitar, ou não. Com essa objetividade, vai aparecendo também a ultimidade, isto é, passamos a nos perguntar pelo sentido último e mais abrangente. Essa pergunta decorre naturalmente do processo de significar e ressignificar (AMATUZZI, 2015, p. 39).

No que diz respeito ao significado e valor que conteúdos de religiosidade assumem em nossas vidas, no sentido de serem interpretados como o sentido último, o que se pode fazer é aceitar ou não. Assim, fala-se em fé.

O conceito de fé baseado em Amatuzzi (1999; 2000) é entendido como certa qualidade da experiência humana, traço de caráter, que impulsionam a ação humana e se configuram em posicionamento, firmeza do sujeito diante da vida, constituindo-se em um elemento essencial para a confiança humana.

Fromm (1974 apud AMATUZZI, 1999, p. 188) considera a fé como “a atitude básica de uma pessoa, o traço de caráter que impregna todas as suas experiências, que capacita o homem a enfrentar a realidade sem ilusões”. Para o autor, a fé é uma característica da ação humana, que se desdobra em determinação, firmeza e confiança, que acontece a partir da experiência produtiva, ou seja, na prática do nosso potencial. Sem tal característica, vive-se a dúvida como forma de ser.

Amatuzzi (1999) apresenta duas naturezas de fé: a fé humana e a fé religiosa. A fé humana é o que dá sentido à vida, é a tomada de posição básica diante da vida, enquanto operativa e não necessariamente enquanto declarada. A fé religiosa é caracterizada pela confiança básica, implicando a afirmação ao menos implícita de um absoluto, incondicionado,

transcendente, fonte última do sentido, em quem se deposita a confiança. No entanto, elas não estão de lado opostos. O autor explica (1999, p. 190):

[...] toda fé humana seria implicitamente religiosa (no sentido de re-ligar), pois ela é muito mais um apoio, uma base de operações que se manifesta em atos, do que um conhecimento ou crença intelectual isolada.

A fonte última de sentido pode ser vivenciada de diferentes formas, apresentadas em diferentes conceitos pelo autor. Para Amatuzzi (2000), o ponto de partida é o senso religioso, que se refere às indagações humanas pelo sentido último. Tais indagações levam o sujeito a certas tomadas de posição, que se configuram como uma forma religiosa pessoal. Essa forma pode se configurar como participação em uma religião sistematizada ou como relação com vivências filosóficas e espirituais particulares. No entanto, as diferentes formas encontram-se na referência a um último.

Para Amatuzzi (2000), a religião é a “relação pessoal com as coisas a que se referem os significados últimos da vida”, é a re-ligação com o último, que pode situar e orientar a pessoa em sua própria vida. E a religiosidade é o que está subjacente às indagações humanas pelo sentido último e, em sua raiz psicológica, é a necessidade de sentido.

Assim, a religiosidade pode levar as pessoas à diferentes experimentações, que Amatuzzi (2000) discrimina como vivência religiosa e experiência religiosa, que consecutivamente se referem “a tudo que o indivíduo pode contar a respeito de seus movimentos no campo religioso, independentemente de qual seja a sua posição religiosa” e “a experiência particular, pessoal, de percepção de contato (vivido como real embora indireto) como um pólo (*sic*) absoluto de referência no sentido último de todas as coisas (frequentemente denominado Deus)”.

Sobre a experiência, Amatuzzi (2015) afirma que é tudo o que cada um viveu com o mínimo de atenção e consciência, e pode ser ampliada e enriquecida pela teoria, pela reflexão e pensamentos, no entanto, a experiência é a aprendizagem pela prática da vida.

O autor descreve também a experiência religiosa como “algum acontecimento decisivo e marcante no campo da tomada de posição face a um sentido último” (AMATUZZI, 2000, p.17). A experiência religiosa tem um papel fundamental para a vida do adolescente, pois possibilita uma re-significação de sua relação com o mundo de valores, consigo mesmo e com o outro (AMATUZZI, 2000). O autor argumenta que o desenvolvimento da confiança e a superação de conflitos por adolescentes estão ligadas com suas ‘concepções religiosas’.

Recorrendo a outros autores como Vaz (1986) e Meslin (1992), AmatuZZi (1998a) argumenta que existem dois tipos de experiência inerentes à religiosidade, são elas: a experiência religiosa e a experiência de Deus. A primeira é explicada como a experiência do Sagrado e a segunda sendo uma experiência do Sentido.

AmatuZZi (1998a, p. 55) explica:

A experiência do Sagrado (experiência religiosa) se dá quando o desconhecido e misterioso irrompem em nossa consciência a partir de acontecimentos particulares que provocam interrogação e espanto. Há uma mudança no estado da consciência e na percepção desses acontecimentos. Essa experiência transporta seu sujeito para um tempo e um espaço diferentes do espaço-tempo vivenciados no dia-a-dia. A linguagem expressiva nesse caso será bem diferente da linguagem racional, científica, aproximando-se mais da linguagem poética, metafórica, simbólica. Já a experiência do Sentido radical (experiência de Deus) se dá no espaço e no tempo da experiência humana comum do mundo, das relações inter-humanas, e da relação consigo mesmo, como uma forma de contato com uma presença transcendente, que está em toda parte, e que confere um sentido último a todas as presenças particulares, e que é passível de ser expressa na linguagem especificamente humana da expressão do sentido, e, portanto, uma linguagem racional.

De forma complementar, AmatuZZi traz, ainda, a perspectiva de Buber (1984 apud AMATUZZI, 1998a) que considera que a experiência pode ser traduzida num encontro vivo com uma presença. Para Buber, a experiência religiosa acontece na vida cotidiana, nas pequenas revelações do dia a dia e da vida particular do sujeito e não apenas nas grandes revelações inerentes a um todo e a uma coletividade. Assim, não é possível que tal experiência aconteça no contexto das ideias e pensamentos, a experiência religiosa acontece, sobretudo, no contexto concreto da vida, em meio as ambiguidades e contradições, dificuldades e anseios de salvação.

As experiências religiosas cruciais do homem não acontecem numa esfera em que a energia criadora opera sem contradição, mas em uma esfera em que habitam lado a lado o bem e o mal, o desespero e a esperança, o poder de destruição e o poder de renascimento. A força divina que o homem encontra realmente na vida não sobrevoa o demoníaco, mas o penetra. Limitar Deus a uma função produtora é eliminá-lo do mundo em que vivemos, um mundo cheio de contradições que queimam e do anseio de salvação (BUBER 1984, apud AMATUZZI, 1998a, p. 58).

Nessa perspectiva, Fromm (1974 apud AMATUZZI, 1999, p. 187) lança o conceito de estrutura de orientação e devoção, como “a procura de dar resposta à busca de significado pelo homem e à tentativa deste para compreender a sua própria existência”. Para a criação

desse conceito, Fromm (1974 apud AMATUZZI, 1999) partiu do princípio de que a humanidade compartilha uma condição concreta como vivente humano e que cada pessoa vai construindo uma forma de se adaptar a ela, que corresponde a tomadas de posição individuais frente a tais condições existenciais comuns. Essas condições existenciais são marcadas pela contradição, ou seja, pelo rompimento da harmonia provocada pela própria existência natural. O estudioso explica:

[...] [o surto da consciência de si mesmo] fez do homem uma anomalia [...]. ele faz parte da natureza, está sujeito a suas leis físicas e é incapaz de mudá-las, no entanto ultrapassa o resto da Natureza. Ele é posto à parte, embora sendo uma parte. [...] O homem é o único animal para quem sua própria existência é um problema que ele tem que solucionar e do qual não pode fugir. [...] Todo novo estágio que atinge deixa-o descontente e perplexo, e esta mesma perplexidade impele-o a avançar em busca de novas soluções. Não há um “impulso para o progresso” inato no homem; é a contradição de sua existência que o faz prosseguir no caminho que tomou (FROMM, 1974 apud AMATUZZI, 1999, p. 185).

Dessa forma, o autor compreende que a inquietação essencial do homem é proporcional à autoconsciência e funciona como uma reação à condição existencial vivenciada como contraditória. Assim, é na vivência de desequilíbrio e desarmonia que surge a necessidade de reencontro com uma harmonia perdida, ou seja, vive-se um impulso pela busca de sentido e restauração, que se dá nos planos do pensamento, sentimentos e ações, acontece no processo de viver e não está necessariamente relacionado à religião, mas para estar e fazer sentido é necessário ser considerada em sua raiz psicológica, ou seja, enquanto um caminho de suprimimento da necessidade humana de restauração de uma harmonia perdida.

Complementando as ideias apresentadas, AmatuZZi (2000) considera que os indivíduos, ao longo da vida, passam por transformações quanto a sua relação com a fé e religiosidade. Dessa forma, propõe que a teoria do desenvolvimento religioso pressupondo a articulação de três dimensões: o desenvolvimento psicológico, a ocorrência de experiências religiosas e seus desdobramentos e o encontro da pessoa com tradições religiosas vivas. Por meio de estudos e pesquisa empírica sobre a experiência religiosa das pessoas, o pesquisador propôs tal teoria, sugerindo que as pessoas possuem uma estrutura comum de experiência, porém com níveis diferentes de maturidade religiosa, os quais se aproximam da maturidade humana em geral (AMATUZZI, 2000).

A teoria do desenvolvimento religioso, proposta pelo autor, descreve nove etapas ao longo da vida e se apoia em experiências básicas do desenvolvimento pessoal, como

confiança, construção simbólica do mundo (pela linguagem), coragem e iniciativa, escolha pessoal, intimidade, gerar e cuidar, liberdade, simplesmente viver e entregar-se. Tal teoria baseou-se em estudos acerca do desenvolvimento humano, principalmente em estudos de Piaget, Jung, Maslow, Kohlberg, Erickson, Fowler e Oser e Gmünder (AMATUZZI, 2000). No entanto, deve-se dizer que a construção da hipótese teve também como referência a experiência do pesquisador em trabalhos com grupos de reflexão sobre o desenvolvimento pessoal (AMATUZZI et. al., 1996; AMATUZZI, 1998a, 1998b;).

As etapas propostas pelo autor, na teoria do desenvolvimento religioso, são: etapa do bebê (0 a 1,5 anos), etapa da criança (2 a 6 anos), etapa do menino(a) (dos 7 aos 12 anos), etapa do(a) adolescente (dos 13 aos 18/20 anos), etapa do(a) jovem adulto(a) (dos 18/20 aos 30 aproximadamente), etapa do adulto (dos 30 aos 35/40 mais ou menos), etapa do adulto maduro (dos 35/40 aos 60 aproximadamente), etapa do adulto mais velho (dos 60 aos 80 mais ou menos) e etapa da proximidade da morte. Abaixo serão descritas cada etapa (AMATUZZI, 2000):

Na etapa do bebê, o desafio central a ser enfrentado é passar do sonho à realidade, descobrir um mundo independente do eu. As necessidades predominantes são fisiológicas e de proteção ou segurança e a experiência básica é de confiar. A consequência da superação desse desafio é a manipulação realística dos objetos do mundo. A religião nessa fase está implícita na confiança básica ou como religião da família.

Na etapa da criança, o desafio central é passar do ciúme à relação, aceitar o outro como separado de si. As necessidades predominantes são de proteção ou segurança e a experiência básica é de linguagem, como separação e reconstrução simbólica do ausente. A consequência da superação desse desafio é o início de cooperação e diálogo. Nessa fase a religião da família começa a ser apropriada por meio de símbolos, ritos ou imagens que resumem seu significado e os objetos significados pelos símbolos religiosos são sentidos como externos e dotados de um poder absoluto sobre a criança.

Na etapa do(a) menino(a), o desafio central é passar da inabilidade e passividade para a competência e habilidade e descobrir-se ativo e capaz. As necessidades predominantes são de proteção ou segurança e participação ou afeto e as experiências básicas são de coragem e iniciativa. A consequência da superação desse desafio é a segurança interior e a autoestima. A religião, nessa fase, vai sendo apropriada também por meio do sentido de narrativas e histórias que são contadas e, embora os objetos significados permaneçam externos e dotados de poder para os sujeitos, existe a possibilidade de o sujeito exercer uma influência sobre eles, por meio de preces, ritos, obediência a preceitos, entre outros.

Na etapa do(a) adolescente, o desafio central é passar de uma indefinição/definição a partir de fora para uma definição pessoal, ou seja, a partir de dentro, e descobrir uma verdade pessoal mais profunda e dinâmica. As necessidades predominantes são de participação ou afeto e estima ou valor, e a experiência básica é a escolha pessoal de papéis a serem exercidos. As consequências da superação desse desafio são as escolhas e ações mais eficazes e realistas. Nessa etapa, a religião começa a ser questionada como parte da identidade recebida e acontece a busca de uma religião definida a partir do exercício de papéis escolhidos, o enraizamento religioso está relacionado com o grau de pessoalidade das escolhas. Essa fase é marcada por experiências provisórias, que podem se confirmar ou não.

Na etapa do(a) jovem adulto(a), o desafio central é passar de um relacionamento superficial a uma relação profunda e descobrir a essência concreta do outro. A necessidade predominante é de participação ou afeto e de estima ou valorização e a experiência básica é de intimidade com pessoas, coisas, acontecimentos, teorias, etc. A consequência da superação do desafio central é vivenciar relações significativas. Nessa fase, a religião não é mais possível sustentar uma postura religiosa diante da vida se ela não estiver baseada em uma experiência pessoal mais crítica e refletida, e inicia-se uma aproximação maior entre religião e vida, se o sujeito experimentar intimidade no campo religioso.

Na etapa do adulto, o desafio central é passar da esterilidade à fecundidade, é descobrir-se gerador. A necessidade predominante é de estima, produção ou realização e a experiência básica é gerar, produzir e criar. A consequência da superação do desafio é a ampliação e a expansão social. Nessa fase, a religião expande-se criativamente em atividades externas e internas e o enraizamento da religião tende a se aprofundar, aproximando o sistema de crenças e orientação com a vida concreta.

Na etapa do adulto maduro, o desafio central é passar do tédio das rotinas para a alegria da liberdade e descobrir um sentido pessoal para o que se faz. A necessidade predominante é a autorrealização e a experiência básica é de liberdade e do sentido pessoal. A consequência da superação do desafio é a experiência da alegria e o discernimento. Nessa fase, o sujeito supera os seus aspectos rígidos e estereotipados, podendo até levar a um abandono se não houver um bom apoio experiencial ou conceitual, e tem o foco numa vivência mais pessoal, e menos fixada nas exterioridades. Dessa forma aumenta a integração da religião com a vida.

Na etapa do adulto mais velho, o desafio central é passar dos apegos à libertação, descobrir o que é simplesmente viver. As necessidades predominantes são autorrealização e transcendência e a experiência básica é viver e vitalizar. A consequência da superação do

desafio é serenidade, além do prazer e sabedoria, além da ciência. Nessa fase, a religião torna-se a expressão de uma relação experimentada na humildade diante do mistério e a integração entre religião e vida é tal que esses dois âmbitos tendem a se fundir e, agora, viver é estar ligado ou “re-ligado”.

Por fim, na etapa da proximidade da morte, o desafio central é passar da vida para a morte e aproximar-se do significado do todo. A necessidade predominante é de transcendência e a experiência básica é de se entregar e devolver-se a vida. A consequência da superação do desafio é uma progressiva transcendência do eu empírico com a aceitação da autodissolução e uma abertura para o totalmente outro. Nessa fase, a religião fica totalmente relativizada ao seu objeto e assume plenamente seu caráter de expressão da relação quase direta com o mistério. Nesse momento, a entrega total e confiante é o supremo ato religioso, capaz de resgatar todas as respostas aos desafios anteriores.

Amatuzzi (2000) explica que as idades assinaladas são apenas aproximações e destaca quatro eixos teóricos dessa proposta: o religioso, entendido na teoria, aparece no processo de desenvolvimento pessoal, de forma quase natural; do ponto de vista psicológico, a religião pode ser promotora ou bloqueadora de desenvolvimento e isso dependerá de sua qualidade humana; depois da juventude não é mais possível uma religião coerente com os desafios da idade, que não seja fundamentada experiencial ou reflexivamente; nas etapas mais avançadas do desenvolvimento pessoal, o seu lado humano e religioso coincidem e há a possibilidade de uma religião implícita em uma fé humana aberta a um sentido último.

Essas fases do desenvolvimento religioso, e as considerações sobre tais, são coerentes com o objeto deste estudo e, dessa forma, contribuirão para o seu entendimento, além dos conceitos de fé e religiosidade apresentados pelo autor. Assim, apoiando nos conceitos de Amatuzzi sobre fé e religiosidade, sua visão sobre como estas se modificam ao longo da vida e as contribuições de autores com quem dialoga, este trabalho propõe-se a discutir, à luz dos conceitos apresentados, o que as reflexões sobre as falas dos participantes sugerem em relação a esse enquadre.

4.2 Tipo de estudo

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter exploratório.

André (2001) afirma que a pesquisa qualitativa tende a focalizar o sujeito quanto a sua linguagem, ações e eventos que usam para organizar seus pensamentos. E é marcada pela

tentativa de compreensão dos significados de tais aspectos, considerando o contexto em que estão inseridos (BIASOLI-ALVES, 1998).

Para Bauer e Gaskell (2008), as interpretações das realidades sociais são representações do mundo, produzidas por meios de comunicação. Sendo assim, a pesquisa qualitativa não apresenta uma realidade absoluta, e sim significados atribuídos pelos sujeitos a sua própria experiência, assim como pelo pesquisador sobre a experiência dos sujeitos.

4.3 Local de estudo

O estudo foi realizado na Escola de Aprendizagem e Cidadania de Franca - ESAC, que se caracteriza como uma entidade sem fins lucrativos, executora de serviços voltados ao atendimento socioassistencial do Adolescente, como o Programa Jovem Aprendiz, Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos e o Serviço de Proteção Social em Cumprimento de Medida Socioeducativa, sendo esta a Liberdade Assistida (LA) e Prestação de Serviço à Comunidade (PSC).

A ESAC situa-se na região central da cidade de Franca, interior do estado de São Paulo, e tem como referência técnica o CRAS - Centro de Referência de Assistência Social e o CREAS - Centro de Referência Especializado de Assistência Social.

De acordo com o disposto na Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (2009, p. 24), o serviço de proteção social em cumprimento de medidas socioeducativas

Tem por finalidade prover a atenção socioassistencial e acompanhamento a adolescentes e jovens em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto, determinadas judicialmente. Deve contribuir para o acesso a direitos e para a ressignificação de valores na vida pessoal e social dos adolescentes e jovens.

Os usuários desse serviço são adolescentes de 12 a 18 anos, ou jovens de 18 a 21 anos, em cumprimento de Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida e de Prestação de Serviços à Comunidade, aplicada pela Justiça da Infância e da Juventude ou, na ausência desta, pela Vara Civil correspondente a suas famílias.

Prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), a Liberdade Assistida é uma medida socioeducativa, a ser cumprida em meio aberto, ou seja, sem que o jovem tenha privação de sua liberdade, imposta pelo poder judicial aos adolescentes autores de atos infracionais.

A Prestação de Serviços à Comunidade também é prevista pelo ECA (art. 117) e “consiste na realização de tarefas gratuitas de interesse geral, por período não excedente a seis meses, junto a entidades assistenciais, hospitais, escolas e outros estabelecimentos congêneres, bem como em programas comunitários ou governamentais”.

De acordo com o SINASE - Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - o Serviço/Programa de Proteção Social a Adolescentes em cumprimento de Medidas Socioeducativas de Prestação de Serviços à Comunidade (PSC) tem o dever de articular ações que estimulem os usuários na construção de valores de solidariedade, oferecendo vivências de trabalho e relações humanas, o desenvolvimento de habilidades e aptidões que se materializem na construção de um projeto de vida.

4.4 Participantes

Participaram do estudo seis adolescentes, com idades entre 15 e 17 anos, do sexo masculino, em cumprimento de Liberdade Assistida (LA), do Serviço de Proteção Social em Cumprimento de Medida Socioeducativa da cidade de Franca, acompanhados pela entidade executora do serviço, ESAC.

O número de participantes se justifica pela natureza da pesquisa. E a escolha da homogeneidade do sexo se deu pelo baixo número de adolescentes do sexo feminino com participação assídua no serviço.

4.5 Aspectos éticos

A investigação respeitou os princípios éticos postulados na resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que delimita as diretrizes da pesquisa que envolve seres humanos. Assim, antes do início da coleta de dados, esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, CAAE: 45408115.8.0000.5393.

No primeiro contato com os participantes, foram citados os objetivos e a metodologia, assim como foi esclarecido sobre a liberdade de participar ou não da pesquisa e o direito de se retirar da mesma em qualquer momento, caso desejasse. Foi garantido sigilo e anonimato e proposto que os próprios adolescentes criassem nomes fictícios, pelos quais seriam tratados no estudo.

Foram elaborados Termo de Assentimento para os adolescentes (Apêndice A) e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os responsáveis (Apêndice B), lidos e assinados no início do primeiro encontro com a pesquisadora e na reunião com os orientadores de medida, respectivamente. Uma via assinada pela pesquisadora foi entregue a cada participante e responsável.

4.6 Instrumentos

4.6.1 Entrevistas

O estudo utilizou como um dos instrumentos de coleta de dados a entrevista semiestruturada, que teve como objetivo conhecer a trajetória de vida dos adolescentes, suas características socioculturais, o histórico da prática de atos infracionais e imersão no sistema socioeducativo, bem como o relato sobre sua fé e suas experiências religiosas/espirituais.

A pesquisadora seguiu um roteiro de entrevista, com questões sobre os aspectos citados acima. (Apêndice F).

A entrevista semiestruturada, segundo May (2004), caracteriza-se pela abertura, possibilitando ao entrevistado responder as perguntas a partir de sua concepção, sem perder de vista o foco do entrevistador. Diante dessa possibilidade, Gil (1999) explica que tal técnica exige do entrevistador atenção e cuidado para não influenciar ou interpretar as respostas.

4.6.2 Fotografias

O estudo utilizou também, como instrumento de coleta de dados, a fotografia. Esta vem contribuindo para a produção do conhecimento em diferentes áreas do campo científico. De acordo com Melleiro e Gualda (2005, p. 192), “o emprego de recursos visuais nas pesquisas científicas, sobretudo nos espaços socioculturais, tornou-se mais sistemática nas últimas décadas, devido a possibilidade de uma maior participação dos sujeitos no processo investigativo”.

A utilização da fotografia como um recurso em pesquisa em ciências sociais foi iniciada por Margaret Mead e Gregory Bateson na década de 1930. Os estudos consolidaram-se em uma obra intitulada *Balinese Character: a photographic analysis*, que revolucionou as técnicas de coleta de dados, apresentando a fotografia como um validado instrumento para as pesquisas sociais (MELLEIRO; GUALDA, 2005).

Posteriormente, na década de 1970, esse recurso recebeu maior valorização por se configurar como um poderoso meio de registro e como um instrumento facilitador de discussão, e, então o seu uso foi difundido como método de coleta de dados (COLLIER, 1973).

Bauer e Gaskell (2008) destacam a imagem como um potencial método na pesquisa e apresenta diferentes formas e objetivos com que pode ser aplicado: como documentação da especificidade da mudança histórica, em pesquisa micro-histórica (história da família), como desencadeador para evocar memórias das pessoas com mais clareza que uma entrevista, como meio para se obter informações históricas e culturais, entre outras.

Essas diferentes formas de utilização da fotografia se evidenciam em estudos recentes. Alguns autores a utilizaram como ferramenta mediadora da entrevista, apresentando aos sujeitos imagens criadas pelo pesquisador (VELLOSO; GUIMARÃES, 2013). Outros usaram fotografias pessoais dos participantes, como disparadores de diálogo e produção de narrativas (VOLPE, 2007; JUSTO, 2008). Outros, ainda, utilizaram a fotografia como possibilidade de expressão e participação do sujeito na pesquisa (PATERNOSTRO, 2006; JUSTO, 2003; ORSOLIN; TOROSSIAN, 2008; ROSSARI; MOTTA, 2009). Todos esses estudos abordam a fotografia como um potencial método de pesquisa, em concordância com o apontamento de Bauer e Gaskell (2008).

Essa última forma também é utilizada como um método de pesquisa de ação participativa, chamada *Photovoice*, proposta por Wang e Burris, que tem como os principais objetivos: identificar e refletir sobre as potencialidades e as dificuldades da comunidade, desenvolver o pensamento crítico sobre essas questões, por meio da discussão em grupo acerca das fotografias registradas, e levantar propostas para mudança social (WANG; BURRIS, 1997).

Diante dessa breve apresentação, é possível notar que a fotografia pode ser usada tanto como registro e complemento da pesquisa quanto como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa (VELLOSO; GUIMARÃES, 2003).

O presente estudo adotou a fotografia como instrumento de coleta de dados, facilitador da entrevista, considerando a sua potencialidade na produção de significados. Orsolin (2008) acredita que a fotografia é uma possibilidade de re-significação e expressão dos sentimentos experimentados e é resultado de um processo de criação do encontro do fotógrafo com o cenário fotografado.

4.7 Procedimentos

4.7.1 Coleta de dados

A coleta de dados aconteceu no período de junho a agosto de 2016. Primeiramente, em dois de junho de 2016, a pesquisadora reuniu-se com a equipe executora do Serviço de Medida Socioeducativa da Escola de Aprendizagem e Cidadania de Franca – ESAC, para apresentação da proposta de coleta de dados. Nesse encontro se definiu quem seriam os potenciais participantes que estivessem em cumprimento de Medida Socioeducativa. Decidiu-se também que seria feito o convite aos adolescentes e seus pais e que seria intermediado pelos orientadores de medidas. Dessa forma, os adolescentes foram chamados a participar de um estudo sobre Fé e religiosidade do qual faria parte uma Oficina de Fotografia.

Assim, a pesquisadora elaborou um convite para um “Mini Curso Introdutório de Fotografia”, em que apresentava três diferentes etapas: 1º encontro em grupo, um encontro individual e uma oficina de encerramento. A própria equipe expôs o convite aos adolescentes e mediu a explicação sobre a participação na pesquisa. Os seis adolescentes convidados se interessaram em participar da pesquisa.

Para dar início à coleta de dados, após o aceite dos adolescentes, a equipe entregou o TCLE aos pais, durante atendimento individual, explicando-lhes sobre a Oficina de Fotografia e a Pesquisa. Todos os responsáveis concordaram com a participação do adolescente e assinaram o documento.

Em seguida, em 21 de junho de 2016, aconteceu a primeira oficina de Fotografia na Casa da Cultura de Franca, com a presença da pesquisadora, uma educadora social e fotógrafa, um fotógrafo profissional, uma assistente de fotografia e a participação de seis adolescentes.

O encontro iniciou-se com um lanche, que facilitou o primeiro contato e uma conversa informal entre o grupo. Em seguida, o grupo sentou-se em círculo e cada um apresentou-se, falando o seu nome, idade e qual a experiência que tinha com fotografia. Todos os adolescentes disseram que tiravam muitas fotos no celular e postavam em redes sociais, como o *facebook*.

Após esse momento, a pesquisadora apresentou o projeto, explicando-lhes o que seria o Projeto de Fotografia e que este estava vinculado a sua pesquisa de mestrado. Apresentou as etapas e informou que, se participassem de todas as etapas, ganhariam um certificado no final do projeto. Explicou também que haveria uma oficina em que seriam oferecidos

conhecimentos básicos de fotografia. Apresentou-lhes o TCLE por meio de leitura integral do documento e esclarecimento sobre sua importância. Dessa forma, todos os adolescentes assinaram o termo.

Participaram da oficina dois fotógrafos que fizeram suas apresentações sobre técnicas e significados de fotografia. Assim que terminaram suas apresentações, os facilitadores da oficina entregaram duas câmeras ao grupo (uma levada pela pesquisadora e outra pelo fotógrafo). Eles podiam fotografar o que quisessem.

Depois disso, o grupo reuniu-se novamente em círculo e a pesquisadora disse que eles teriam um exercício para a próxima etapa do projeto. Começou dizendo que, como havia sido discutido, todos poderiam expressar qualquer coisa em fotografias. Cada fotógrafo dá um significado para aquilo que está vendo. Assim, eles deveriam fotografar cenas que respondessem a seguinte questão: **Como você pode representar a sua fé em fotografias?** Nesse momento surgiram comentários, como: “Você vai assustar com as minhas fotos”; “Eu vou tirar uma foto assim (ajoelhou-se)”. A pesquisadora explicou que não havia certo ou errado, que eles podiam ficar à vontade para fotografar o que era importante para eles. Esclareceu também sobre o uso do Termo de Cessão de Imagens, caso quisessem fotografar pessoas e entregou-o a eles.

Na próxima etapa da coleta, a pesquisadora contou com a colaboração da equipe da MSE para o agendamento das entrevistas. As entrevistas foram agendadas no dia de atendimento individual de cada adolescente, já para a semana seguinte da oficina, no espaço físico da ESAC. A pesquisadora utilizou uma sala de atendimento individual, onde havia uma mesa, três cadeiras, canetas e instalação adequada para ligar o notebook.

Para o dia 28 de junho foram agendadas quatro entrevistas, mas apenas um dos adolescentes compareceu, o Feijão. Este chegou pontualmente e apresentou as fotografias, dando-lhes os significados.

Foram feitos novos agendamentos para o dia 30 de junho e todos os adolescentes agendados compareceram. No entanto, nenhum deles levou as fotografias, conforme havia sido combinado. Foi feita, então, a entrevista de história de vida e explicado novamente sobre a pergunta que deveriam responder por meio das fotografias. A pesquisadora combinou, com cada um, novo dia para a entrega e entrevista acerca das imagens.

Na semana seguinte, todos os adolescentes compareceram com as fotografias, exceto M7, que ainda não havia feito a entrevista e esqueceu as fotografias. Assim, foi feita a entrevista com ele e pedido que ele marcasse um novo encontro para a entrega das fotografias.

A entrevista foi agendada, mas o adolescente não compareceu. Sendo assim, a pesquisadora encerrou essa etapa sem as fotografias de M7.

A pesquisadora revelou todas as fotografias que foram escolhidas e explicadas pelos participantes nas entrevistas individuais para a realização da etapa posterior, a oficina de encerramento. A oficina aconteceu em 12 de julho de 2016 na Casa da Cultura, com a presença da pesquisadora, educadora social e fotógrafa e assistente de fotografia.

O encontro foi novamente iniciado com um lanche. No primeiro momento chegaram Benê, Menor e Feijão, que foram juntos acompanhados pelo orientador de medida. O lanche novamente facilitou a interação entre o grupo, que foi conversando informalmente. Em seguida, o grupo entrou para a sala da atividade e sentou-se em meio círculo.

Primeiramente, a pesquisadora projetou as fotografias tiradas por eles mesmos no encontro anterior. Eles foram vendo as imagens, comentando e rindo. Em seguida, pediu para que todos levantassem e fossem até a lousa branca onde estavam fixadas todas as fotografias impressas, feitas por todos os participantes (com exceção de M7 que não as apresentou). Eles olharam as produções e fizeram comentários em tom baixo. A pesquisadora esperou um pouco para começar a fazer algumas perguntas. Em seguida começou a perguntar: Há imagens que vocês não conhecem? Alguma outra imagem também responderia a questão para você? Eles negaram e todos apontaram a imagem do Preto Velho e do “Xangô”. Foi perguntado a eles o que eles achavam que fossem e fizeram comentários como: uma imagem forte, tem fogo, entre outros. A colaboradora (educadora social) explicou a representação da imagem segundo as religiões de matriz africana. A discussão prosseguiu sobre as outras imagens. O que eles viam nas outras imagens. Disseram fé, conquista, reunião de pessoas. A pesquisadora apontou que todas aquelas imagens eram respostas a uma mesma pergunta: *Como você pode representar a sua fé em fotografias?*

A pesquisadora sempre voltava à questão que deu origem às fotos. Após um tempo, M7 chegou. A pesquisadora explicou o que já havia sido feito e ele também começou a observar as imagens. Logo foi pedido a eles para que levantassem, tirassem as fotografias da lousa e colassem nas telas brancas, separando-as em grupos. As fotos deveriam ser separadas por tema, quais fotos falavam sobre a mesma coisa? Quais fotos tinham alguma relação? E assim eles fizeram. Levantaram-se, conversaram e começaram a colar as fotos nas telas, sentados ao chão. Todos participaram. Criaram cinco grupos, dos quais três deles em telas e dois ficaram na lousa. Após terem feito a separação e criado os quadros com fotos, a pesquisadora pediu-lhes para que os nomeassem. Como cada quadro poderia se chamar? E então eles nomearam da seguinte forma: O primeiro tem duas fotos (De carro e moto) e

recebeu o nome de “O Plano”. O segundo também com duas fotos (Igreja e Altar com santos) foi nomeado de “Fé em Deus”. O terceiro foi formado por duas fotos também (Xangô e Preto Velho”) foi chamado de “Tudo”. E na lousa ficaram dois grupos. Um deles formado por três imagens (de pessoas) que foi batizado de “Família” e, por fim, uma única fotografia (de uma árvore e céu) nomeada de “Paz”. No final da escolha dos grupos, chegou o Cris que ajudou a escrever um dos nomes. A pesquisadora e colaboradoras expuseram os quadros formados com as fotografias em cima de duas cadeiras em frente à lousa. Então, todos os grupos de fotos ficaram à mostra. A partir dessa exposição, o grupo iniciou uma nova discussão sobre o porquê do nome de cada quadro de fotos. Alguns grupos foram mais explorados enquanto sobre outros eles foram bem superficiais ao falarem. Enquanto a pesquisadora conduzia a oficina, norteando-se pelo significado da fé, eram comentados, pela fotógrafa, outros aspectos como o olhar fotográfico e a técnica fotográfica.

Por fim, foi dada uma devolutiva geral sobre a Oficina e pedido que cada um falasse o que levaria dos encontros. Foram faladas palavras como: Aprendizado, Humildade, Alegria, Foi da hora, entre outros. Um deles disse: Mas já acabou? Tudo que é bom dura pouco. Foram tiradas fotos também dos quadros produzidos por eles. Para finalizar, os adolescentes lançaram novamente.

Após o encerramento da Oficina, M7 enviou uma imagem para a pesquisadora pelo *whatsApp*. Disse que gostaria de mostrar a sua imagem. Após algumas tentativas mal sucedidas de encontro com o adolescente, o jovem e a pesquisadora conversaram sobre o significado da imagem pelo próprio aplicativo, por áudio. O material também foi transcrito.

4.7.2 Análise de dados

A análise de dados foi realizada sob a perspectiva da análise do conteúdo que, segundo Bardin (2009), é um método configurado por um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. De acordo com esse modelo, os relatos das entrevistas foram separados e classificados de acordo com o conteúdo.

Sob essa perspectiva, a análise de dados foi iniciada com inúmeras leituras das transcrições das entrevistas individuais, que serviram de apoio para a compreensão do material fotográfico. Após repetidas leituras, a pesquisadora retirou de cada entrevista palavras e frases, colocando-as em colunas, separadas por entrevistando.

Após essa etapa, a pesquisadora fez novamente o exercício de leituras repetidas das

colunas referentes a cada participante da pesquisa. E, em seguida, separou as frases e palavras de todos os participantes em novas colunas, de acordo com os temas emergentes, construindo, assim, categorias temáticas relacionadas ao significado de fé e religiosidade. Nesse exercício, foram formados 14 códigos, nomeadas: Proteção, Confiança/ Segurança, Vínculos afetivos, Identificação, Deus criador/ onipresente, Autoconfiança, Enfrentamento, Sensações de Bem estar, Evolução pessoal, Consumo de bens materiais, Referências religiosas, Símbolos usados, Ações e rituais, Protagonismo do adolescente.

Os códigos formados foram relidos e agrupados de acordo com sua semelhança, formando assim sete categorias: Proteção, Motivação/autoconfiança, Deus criador/ onipresente, Identificação, Sentido de ligação afetiva, Referências e símbolos, Ações e rituais.

A construção dessas categorias teve como ponto de partida os objetivos do trabalho que são: compreender as experiências e os significados de fé e religiosidade para adolescentes em conflito com a lei.

5 RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados os resultados deste estudo na seguinte sequência: 1) caracterização dos participantes; 2) histórias de vida; 3) as experiências e os significados de fé e religiosidade por meio de imagens: a produção dos participantes; 4) categorização das fotografias produzidas pelo grupo de participantes; 5) experiências e significados de fé e religiosidade: a construção de categorias; 6) categorização das expressões de fé e religiosidade construídas pelos participantes e pela pesquisadora.

5.1 Caracterização dos participantes

Participaram do estudo seis adolescentes com idades entre 15 e 17 anos que estavam em cumprimento de medida socioeducativa.

Os nomes dos adolescentes são fictícios, criados pelos próprios participantes. Sua caracterização quanto à idade, composição familiar, escolaridade, ocupação, número de reincidências em MSE, motivos e religião encontram-se elencados no quadro 1, a seguir.

Quadro 1– Caracterização dos participantes. Franca, São Paulo. 2016.

Nome	Idade	Compos. Familiar	Ano Escolar	Trabalho	Nº Reinc. MSE	Motivo	Religião
Benê	15	Mãe, avó, Irmão e irmã	9ª EF curs.	Não trabalha	-	Roubo	Universal
Cris	17	Mãe, avó, Prima, primo, irmão (preso)	9º EF curs.	Não trabalha	3	Tráfico de drogas	Umbanda
Feijão	17	Avó e avô	2º EM curs.	Não trabalha	-	Tráfico de drogas	Católica
M7	16	Mãe, pai, Irmão e irmã	1º EM curs	Diária de eletricista (pai)	-	Roubo	Umbanda
Menor	16	Mãe e pai	2º EM curs.	Loja de móveis (pai)	-	Tráfico de drogas	Católica
Suicida	17	Mãe, pai e Irmão	9ª EF evas.	Diária na banca de pesponto (irmão)	-	Violência doméstica	Evangélica

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nas entrevistas realizadas.

5.2 Histórias de vida

5.2.1 *Benê*

Benê tem 15 anos, estuda no 9º ano do Ensino Fundamental, faz um curso preparatório para o mercado de trabalho oferecido pelo centro comunitário de um bairro periférico e mora com a mãe, a avó e dois irmãos, um irmão gêmeo e uma menina de quatro anos, em uma casa alugada.

Seus pais são separados, mas o adolescente tem contato com o pai frequentemente. Conta que ele e o pai gostam de ouvir música juntos, costumam sentar juntos também com o avô e outros amigos para conversar e ouvir um som.

A mãe trabalha no caixa de um supermercado e o pai é pedreiro e pintor profissional. Benê e o irmão não trabalham, mas ele disse que estão procurando emprego. A sua avó é aposentada e ajuda na manutenção da casa.

Os irmãos estudavam na mesma escola, mas a mãe mudou o irmão de escola, após vários problemas ocorridos. O adolescente conta que juntos fazem muita bagunça.

Benê entrou no sistema judicial por ter roubado adolescentes que passavam pela rua. Ele e os colegas os abordaram e roubaram os seus celulares. Imediatamente foram apreendidos pela polícia e levados para a Fundação Casa. Lá, Benê ficou 15 dias no CAIP – Centro de Atendimento Inicial e Provisório – e quatro meses internado, saindo em cumprimento de Liberdade Assistida.

O adolescente iniciou a prática de atos infracionais aos 13 anos. No bairro onde morava havia muitos traficantes que influenciavam as crianças e adolescentes e, como disse Benê, “formavam” adolescentes. Assim, aprendeu a fazer coisas que, como ele mesmo disse, nem gente grande fazia. Atualmente, mora em outra região da cidade, onde o tráfico tem menos influência direta na vida dos jovens, embora também esteja presente.

O irmão também já foi internado na Fundação Casa por roubo a um taxista, um ano antes de Benê.

Este diz que não está pensando em coisas ruins e agora quer mesmo é arrumar um trabalho e progredir. E conta que, quando estava no tráfico, tinha dinheiro o tempo todo e com isso podia comprar tudo o que queria. Além de dinheiro, entrava prata e roupa, e assim ele podia estar sempre bem arrumado. Fala que hoje não tem dinheiro, mas tem a sua liberdade.

5.2.2 *Cris*

Cris é um adolescente de 17 anos, tem três irmãos, sendo uma menina de 13 anos e dois homens, de 19 e 21 anos de idade. Seus pais são separados e ele mora com a mãe, a avó, o irmão mais velho e dois primos.

Atualmente sua irmã não mora com eles, ela mora com uma prima casada, em uma outra região da cidade. Seu irmão de 19 anos está preso por tráfico de drogas.

Cris estuda no 8º ano do Ensino Fundamental em uma escola localizada no bairro onde mora. Atrasou três anos escolares devido ao seu envolvimento com drogas. A diretora o flagrou fumando maconha dentro da escola e o expulsou. Depois disso, passou pela Fundação Casa por três vezes e isso dificultou a continuidade nos estudos.

O jovem não trabalha e nunca trabalhou formalmente. Seu irmão mais velho trabalha como pintor, seu primo vende roupas e perfumes e a avó é aposentada e recebe, ainda, a aposentadoria do marido já falecido. A mãe está desempregada e Cris costuma fazer alguns trabalhos informais, chamados por ele de “corre”, o que envolve serviços diários em lava-jato e também no mercado ilegal de drogas. Cris relata que chegam até ele muitos objetos roubados e ele compra por um valor muito baixo e revende por até dez vezes o valor pelo qual adquiriu, como um notebook que comprou por R\$15,00 e vendeu por R\$150,00.

A irmã de Cris, que mora com a prima, estuda e trabalha com esta em uma padaria da qual é proprietária. A irmã não mora com a família, devido à atual condição familiar, que divide uma casa alugada pela avó, com muitas pessoas e nem sempre o que ganham dá para se manterem. Cris conta que ele é o que mais se preocupa em suprir as necessidades da família. Desabafou que é ele que “leva a casa nas costas” e já está cansado disso. Seu sonho é comprar a sua casa própria. Quer comprar um terreno, construir sua casa e morar sozinho. Contou que já teve um carro, que ele mesmo comprou, mas o carro foi apreendido quando ele foi pego dirigindo sem habilitação, pois nem tinha idade adequada para consegui-la.

Cris foi internado na Fundação Casa por três vezes, todas pelo mesmo motivo: tráfico de drogas. A primeira vez foi aos seus 13 anos de idade. Depois entrou com 14 e saiu com 15 anos. E, por último, retornou aos 16 anos.

A primeira vez em que Cris foi apreendido pela polícia, estava escondendo drogas quando foi avisado pelo amigo sobre a aproximação de um carro de polícias, então o adolescente rapidamente saiu com sua bicicleta, mas foi parado em seguida pelos policiais. Tinha em seus bolsos R\$45,00 e três porções de droga. Imediatamente foi conduzido à delegacia e internado na Fundação Casa. Após um mês e quatro dias saiu da Fundação Casa

em cumprimento de Medida de Liberdade Assistida. Mas ficou aproximadamente um mês e retornou para a Fundação. Dessa vez, os policiais o apreenderam novamente. Segundo Cris essa prisão foi forjada e teve como motivo a posse de drogas, encontradas em sua casa. Então, Cris foi novamente internado, desta vez por oito meses. Após esse tempo, saiu e ficou um ano em liberdade, quando foi novamente internado. Dessa última vez, o adolescente foi flagrado próximo a uma “biqueira” no bairro onde morava, fumando maconha, com R\$400,00 em dinheiro e droga no bolso. Cris conta que estava em frente à mata onde escondia drogas, as quais também foram encontradas pelos policiais. Para o jovem, a última vez foi a mais pesada, pois ficou internado também por oito meses e sem contato com a namorada. Contou que ficava olhando para a grade e nada, não chegava nenhuma notícia dela.

Quando Cris voltou para casa, a família já havia se mudado para a casa da avó. Sempre foi ele e o irmão de 19 anos, com alguma colaboração da mãe, que mantiveram a casa. Quando o adolescente foi internado, o irmão a continuou mantendo com a ajuda da mãe, que recebia seguro desemprego e bolsa-família. Mas logo o irmão foi preso e a mãe precisou se mudar para a casa da avó de Cris, pois não conseguiria se manter sozinha. Assim, quando Ele saiu, a família estava em outra situação, irmão preso e outra casa. O irmão saiu alguns dias após Cris, mas em um mês foi preso novamente. O jovem lamenta muito a separação do irmão, pois acredita que se o irmão estivesse em liberdade mudaria tudo em sua vida. O jovem afirma que juntos é muito mais fácil de conquistarem algo. Já o irmão mais velho não compartilha os mesmos objetivos e nem colabora para a manutenção da casa.

Faz sete meses que Cris está em Liberdade Assistida e não voltou mais ao bairro onde foi apreendido por três vezes. Ele acredita que se estivesse lá, já teria sido internado novamente.

O jovem relata que os policiais que o apreenderam não gostam dele e vivem vigiando-o, querendo pegá-lo. Para se proteger, costuma não andar com dinheiro no bolso, pois conta que dinheiro é pior que droga. Se os policiais o pegam com R\$50,00 o levam e afirmam que o encontraram na esquina e isso já se caracteriza como tráfico. Mesmo não sendo verdade, ninguém consegue provar, pois, segundo ele, a corda sempre arrebenta do lado mais fraco.

Cris não tem uma relação próxima com o pai. Quando se veem, eles se cumprimentam, conversam com respeito, mas não têm uma relação de intimidade. Cris diz que eles não ligam nem vão visitar um ao outro, normalmente. A última vez que o viu foi no velório da avó, há dois meses. E em sete meses, o viu duas vezes.

O jovem presenciou cenas de violência entre o pai e a mãe, mas não gosta muito de falar sobre isso. Disse que não julga o pai e se sente independente. Não depende dele para nada. Trabalha desde os 13 anos e se sustenta.

O jovem tem a intenção de alugar uma casa para a mãe e levar a irmã para morar com eles. Cris sente-se mal morando com a avó e as outras pessoas que não são, de fato, a sua família. Por isso prefere manter a irmã na casa da prima, onde ela recebe orientação, estuda, trabalha e vai à Igreja. Cris fala com um sorriso nos lábios que a irmã vai se tornar uma advogada e que ele tem muito orgulho dela. Afirma que ele mesmo pagará a faculdade, caso ela não possa contar com a ajuda do pai, mas ele quer ver a irmã formada. Sobre ele, diz que, se fosse estudioso, já tivesse concluído o 3º ano de ensino médio e tivesse uma cabeça firme, também estudaria para ser advogado.

5.2.3 Feijão

Feijão tem 17 anos e cursa o 2º ano do Ensino Médio. Fez um curso profissionalizante da Coca-Cola e está participando de um projeto chamado Navegando na Madeira, que ensina adolescentes a fazer skates, além de fazer aulas de natação.

Os pais do jovem são separados e, por isso, Feijão mora com os avós paternos. O pai mora com a atual esposa, com quem tem duas filhas. A mãe mora sozinha, tem um namorado e está grávida. O jovem diz que convive mais com o pai, mas também tem boa relação com a mãe, no entanto escolheu morar com os avós.

Seu avô vende picolé na rua e a avó trabalha em uma creche. Nenhum dos dois recebe aposentadoria. O seu pai trabalha como motorista de ônibus de uma empresa de transporte urbano e sua mãe trabalha no escritório de uma fábrica de calçados. Nenhum deles tem formação profissional, mas estudaram até o 1º e 2º anos do Ensino Médio.

Atualmente Feijão não trabalha, mas já trabalhou em um mercado pequeno e em uma lanchonete. Seu sonho é ser mecânico e ter várias oficinas pela cidade. Ele já buscou informações sobre o curso e está esperando vaga para dar início.

Feijão entrou no sistema judicial há um ano, ao ser pego com grande quantidade de maconha em sua própria casa. O adolescente havia comprado a droga para uso próprio, pois faria uma viagem a Thermas dos Laranjais no dia seguinte. Mas teve sua casa invadida e a droga encontrada, o que o caracterizou como traficante.

Feijão já havia sido apreendido uma vez com pequena quantidade de maconha e dessa vez apenas foi até à delegacia e assinou um documento. Da segunda vez foi internado na Fundação Casa, onde ficou por 30 dias e saiu em cumprimento de Liberdade Assistida.

5.2.4 M7

M7 é um adolescente de 16 anos, o segundo filho mais velho de uma família de cinco irmãos. Mora com o pai, a mãe e seus quatro irmãos em casa própria na zona norte da cidade. O irmão mais velho tem 19 anos e os mais novos que ele têm 14, 13 e 7 anos, entre eles há apenas uma menina.

M7 cursa o 1º ano do Ensino Médio, está atrasado dois anos. Num ano ele foi reprovado por não fazer nada e no outro ele foi expulso da escola por fazer muita bagunça.

O adolescente está trabalhando com o pai, como eletricitista. Começou recentemente a acompanhar o pai e disse que tem começado a se interessar pelo ramo, no entanto, não o acompanha todos os dias. A mãe é dona de casa e o irmão mais velho trabalha em fábrica de calçados.

M7 tem um bom relacionamento com a mãe e convive mais com ela que com o pai. Como o pai trabalha o dia todo fora, costuma chegar cansado e não conversar muito com a família.

O jovem entrou no sistema judicial com 15 anos. Foi pego roubando um moto-taxi junto com dois colegas e, por isso, foi encaminhado para a Fundação Casa, onde ficou por uma semana. Não chegou a ser internado, ficou no CAIP. Os dois colegas são maiores de idade, por isso, ainda permanecem presos.

M7 disse que o roubo foi proveniente de necessidade de dinheiro, não para drogas, mas para tudo, pois na época não tinha dinheiro para nada. No entanto, roubar era um hábito, costumava roubar pessoas na rua e, na maioria das vezes, casas. A família do adolescente não sabia do seu comportamento infrator até saber que havia sido retido e a sua mãe sofreu muito com tudo isso. Para o jovem, foi ruim encarar a família e principalmente ver a mãe chorando.

O jovem não faz nenhuma atividade além da escola, mas tem vontade de fazer curso de DJ. Ser DJ é o seu sonho e já experimentou este papel por duas vezes, em aniversários de 15 anos de colegas.

5.2.5 Menor

Menor tem 16 anos, faz o 2º ano do Ensino Médio e trabalha na loja de móveis do pai. O adolescente já fez um curso profissionalizante na Universidade de Franca, por um ano, mas atualmente não faz nenhuma atividade extraescolar.

Reside com os pais e um irmão de 28 anos em uma chácara. Ele tem mais um irmão, de 32 anos, mas este é casado e tem dois filhos.

A loja de móveis do pai existe há 15 anos e lá trabalham todos da família. Menor trabalha lá desde os dez anos de idade e ajuda a fazer tudo, vender, entregar, montar e desmontar.

A família dele morava em uma fazenda em Cristais Paulista, mas o pai decidiu arrendar a fazenda e se mudar para uma chácara, também da família, na cidade de Franca, principalmente após a internação de Menor na Fundação Casa.

Menor estudava na escola da cidade de Cristais Paulista e ia todos os dias para Franca trabalhar na loja do pai. Pela facilidade, comprava maconha em Franca e levava para os colegas da escola, como um favor. Em uma dessas vezes, foi denunciado e apreendido pela polícia, dentro da escola, com 25g de maconha. Isso caracterizou tráfico e ele foi levado para a Fundação Casa, onde ficou por sete dias e saiu em cumprimento de Liberdade Assistida.

Frente à situação, os pais decidiram se mudar para Franca e mudar Menor de escola. O adolescente afirmou que, após ter vivido essa situação, não usou mais maconha e não quer mais saber disso.

5.2.6 Suicida

Suicida é um adolescente de 17 anos, que mora com o pai, a mãe e um irmão de 19 anos. Ele tem outro irmão, de 36 anos de idade, mas este já é casado e tem vida independente da família.

Este irmão tem uma oficina de fabricação de bolsas, conhecida informalmente como “banca”, onde atualmente trabalha Suicida, por diária e sem garantias trabalhistas.

O irmão de 19 anos é solteiro e trabalha com um tio na sua confecção de doces caseiros. A mãe é doméstica e trabalha de segunda a sexta-feira na casa de uma mesma família. O pai não trabalha, está afastado, pois sofreu um acidente e perdeu 30% do movimento de um braço.

Suicida não está estudando. Parou na 8ª série incompleta. Iniciou o CESUM, mas desistiu. Contou que sua mãe e a diretora da escola conversaram e resolveram desligá-lo da escola, frente a tantas bagunças que ele fazia e entraram em um consenso de que quando quisesse, retornaria. Já fez alguns cursos, como *Informática*, *CorelDraw*, *Webdesign* e *Photoshop*.

Suicida entrou no sistema judicial devido a uma briga que teve com o pai. Ele se descreve muito nervoso e em uma de suas crises, foi confrontado pelo pai. Começaram a bater boca até se confrontarem fisicamente. Suicida acabou lançando um martelo contra o pai, que foi atingido na cabeça. Nesse momento a família chamou a polícia, mas o adolescente fugiu pelo telhado, onde ficou escondido até o fim da noite. A polícia não o pegou nesse mesmo dia, mas retornou a sua casa no dia seguinte e o encontrou lá. Levaram-no para a delegacia, após ter achado maconha em meio a seus pertences. Agrediram-no na delegacia, fizeram Boletim de Ocorrência e o liberaram. Alguns dias depois, Suicida compareceu ao Juiz da Vara da Infância e Adolescência e foi submetido à Medida Socioeducativa, por um período de seis meses de Liberdade Assistida.

O jovem fuma cigarro e maconha e diz que percebe que isso tem efeitos negativos em sua vida, pois quando lhe faltam, ele fica muito nervoso e completa: “Quem tem o seu vício, carrega o seu sacrifício”.

Suicida tem uma relação tranquila com a mãe e, quando precisa de dinheiro para manter o seu vício, costuma recorrer a ela, mas diz que pede emprestado, pois ela não tem a obrigação de sustentar o seu vício. Já com pai e irmão costuma ter algumas discussões.

Além de Suicida, o seu irmão mais velho também já passou pelo sistema judicial. O adolescente ainda era criança e não se lembra muito bem, mas acredita que foi por roubo e que o irmão ficou mais ou menos 11 anos preso.

Suicida já cometeu muitos roubos e, em um primeiro momento, diz que não faz mais isso e nem pretende fazer, mas por fim confessa que o ato de roubar ainda o atrai muito. Além disso, o adolescente disse que gosta de andar, andar a pé, de bicicleta, não consegue ficar parado. Ele se percebe muito ansioso e completou que, quando a ansiedade aumenta, costuma ficar muito bravo. Algo que tem o poder de lhe acalmar é escutar músicas.

O adolescente namora uma jovem de 24 anos, há mais ou menos três meses. Ele estava chateado com o namoro e disse que achava que gostava mais dela do que ela dele, pois ela não lhe dava atenção. Inclusive, ela lhe havia pedido um tempo para ver se realmente queria continuar o namoro e após um tempo eles iriam conversar e tomar uma decisão. Suicida conta também que estavam desconfiados de que ela estava grávida e estava muito feliz por isso.

Disse que quer ter um filho logo, pois adora crianças. O jovem acredita que se tiver um filho a sua vida vai mudar, terá mais responsabilidade, trabalhará para dar ao filho o que ele precisar.

Suicida não costuma ficar muito em sua casa. Até “dar esse tempo com a namorada”, costumava ficar na casa dela a maior parte da semana e ir à própria casa de vez em quando para trocar de roupa, comer ou ver se está tudo bem. Não costuma colaborar com as despesas de casa, pelo contrário, brinca que apenas consome e que, às vezes, leva uma Coca-Cola ou um pouco de carne para a família.

5.3 As experiências e os significados de Fé e Religiosidade por meio de imagens: a produção dos participantes

5.3.1 Benê

Para Benê, ter fé é acreditar sem ver. Ele acredita que ter fé em Deus o ajudou a se livrar de muitas situações de risco, em que outras pessoas foram apreendidas e ele não. Afirmou que, nessas situações, muitos jovens envolvidos não têm religião, estão pela sorte, mas ele está sempre pela fé, e isso o protege.

O adolescente acredita que a sua fé é manifestada por meio da sua força, que mesmo em situações difíceis ele não se abala e mantém o pensamento positivo e completa que é necessário acreditar. Benê diz orar todos os dias e ir à Igreja Universal todo domingo.

Como símbolo de fé, Benê tem um cordão com um pingente, uma arca da fé, que representa paz, tudo de bom, que ganhou da Igreja e sente que o protege.

Conta que a mãe não tem religião e a família do pai é da Umbanda, mas ele não gosta, acredita que se tem que ter fé em Deus. Embora a mãe não tenha religião, em casa há um altar com várias imagens de santos.

Benê diz que, embora frequente a Igreja Universal, não tem uma religião própria. Ele se considera uma pessoa que tem fé em Deus e isso o faz se sentir mais tranquilo.

Para ele, é muito importante ter fé e não ir pela sorte, pois a sorte pode não bater em sua porta. Além disso, reflete que o ser humano nasceu perfeito e isso é obra de alguém, pois nada brota do nada, se não plantar a sementinha, não vai nascer. Sempre tem alguém por trás disso e esse alguém é Deus.

Benê representou a sua fé pela seguinte imagem:

Figura 1 – Imagem produzida por Benê

Fonte: Coleta de dados da pesquisa.

Explicou que recorre a esse lugar, um santuário em sua casa, feito pela sua mãe e sua avó, para agradecer e para pedir ajuda a qualquer momento que estiver precisando, como para se livrar de alguma situação de risco. Complementou que costuma pegar a bíblia, ir para o seu quarto e rezar.

5.3.2 Cris

Cris acredita que ter fé é acreditar. Acreditar em Deus e que tudo vai dar certo. Ele carrega a sua fé consigo e diz que acredita na sua própria luz.

Costuma sentir a presença dessa luz nos momentos de maiores riscos. Conta que já passou por muitas situações de risco na rua, mas recebeu um sinal e, ao acatá-lo, foi protegido. Disse que, por muitas vezes, poderia ter sido apreendido, mas isso não aconteceu.

Como símbolo de fé, Cris tem o seu Guia que, como ele mesmo disse, carrega no seu coração e sente os sinais emitidos por ele. O jovem frequenta o terreiro de Umbanda e se sente muito bem lá. Compara o Guia a um anjo da guarda.

Para Cris é muito importante ter fé, pois ter fé é ter alguém com quem contar, a pessoa já não se sente sozinha.

A família de Cris vai à igreja evangélica e em casa tem a bíblia como representação de fé. Costumam ouvir hinos da igreja também, dos quais também gosta.

Cris faz representação da sua fé pelas seguintes imagens:

Figura 2 – Imagem produzida por Cris

Fonte: Coleta de dados da pesquisa.

Para o adolescente, essa imagem representa um dos seus guias, o Xangô da Justiça. O jovem explica que como o seu Guia, ele também é justo e gosta das coisas certas. Acredita que todas as pessoas deviam ter os mesmos direitos e complementa que hoje o que as pessoas vivem é o contrário disso, vivem em um mundo injusto e opressor, onde os políticos roubam e a sociedade passa dificuldade. Diz, ainda, que gostaria de ser advogado e que se o fosse defenderia os clientes sempre justamente. Para o seu Guia, acende uma vela sempre que lembra e conversa frequentemente com ele, pedindo orientação e ajuda. Diz que costuma ir para uma praça, sozinho, e conversar com ele em pensamento.

Figura 3 – Imagem 2 reproduzida por Cris

Fonte: Coleta de dados da pesquisa.

Essa imagem representa seu outro Guia, o Preto Velho. Cris conta que Preto Velho foi escravo, um homem da senzala que vivia trancado. Hoje Cris recebe ensino sobre a vida por Preto Velho, que fala sobre si, sobre a religião, sobre o que eles faziam na época dele, tudo isso no Terreiro de Umbanda. Cris gosta também das músicas do seu Guia. O adolescente conta que sente a presença de Preto Velho ao seu lado, que não se sente sozinho. Costuma pedir ajuda a ele e se sentir protegido. A ele oferece pinga, cigarro e café sempre que lembra. Cris afirma que costuma recorrer ao Guia também em momentos de risco, quando se vê em situações de dificuldades e ou ameaça pela polícia. Conta que já foi livrado várias vezes, momentos em que polícia que o conhece passou por ele e não o viu, e situações em que conseguiu fugir frente ao risco de ser flagrado. Cris conta, ainda, que Preto Velho encarna na sua mãe (de santo) e fala diretamente com ele. E no Terreiro tem um gira, que acontece em uma roda de pessoas, com alguém no centro. Quem vai ao centro da roda deve firmar a cabeça e girar, e nesse movimento pode receber o Guia em seu corpo. Mas explica que para isso é preciso tempo e dedicação.

5.3.3 Feijão

Para Feijão, ter fé é crer que Deus existe, é crer que Deus está olhando para ele e dizendo: “Tô te vendo, moleque”. O adolescente tem fé que um dia poderá comprar tudo o que quiser, com dinheiro do próprio trabalho, como casa, carro e moto.

O jovem tem alguns objetos de proteção, como um santinho que fica sobre sua televisão, para quem ele reza todas as noites. Ele faz crisma e, às vezes, vai à missa. Como representação de fé, Feijão tem um terço tatuado no braço.

Sua família também é católica e costuma se reunir mensalmente para rezar um terço e depois fazer um lanche.

Para Feijão, ter fé é muito importante, pois ela o ajuda a crer que um dia vai dar tudo certo.

O adolescente representa a sua fé pelas seguintes imagens:

Figura 4 – Imagem produzida por Feijão

Fonte: Coleta de dados da pesquisa.

Para o adolescente, a imagem representa a criação divina. Feijão diz que Deus criou o mundo e universo e tem influência em tudo. Diz, ainda, que tudo o que se vê foi criado por Deus, até mesmo em relação às condições de vida das pessoas. Feijão ilustra uma mudança social, dizendo que ‘antes’ as pessoas só usavam chinelo e algumas nem chinelo usavam e hoje estão todos ‘de boa’ e justifica que Deus tem influência em tudo isso.

Figura 5 – Imagem 2 produzida por Feijão

Fonte: Coleta de dados da pesquisa.

Para Feijão, essa imagem representa Felicidade, que estava sendo vivenciada pelos jovens em um encontro da igreja católica. O adolescente explica que a foto foi tirada após a missa, em um momento de festa, em que havia música, jovens, amigos. Feijão conta que lá conversou com pessoas que nem conhecia, fez novas amizades e se divertiu bastante. Destacou que lá havia “*wi-fi* liberado” e um telão na praça, onde se via imagens dos jovens ali presentes.

5.3.4 M7

Para M7, ter fé é acreditar numa coisa que não se vê, mas sempre que você precisa pode te ajudar. E afirma que a sua fé se manifesta em forma de alegria, risos, pensamentos positivos, mesmo quando está passando por uma fase difícil.

O jovem conta que a mãe frequenta a igreja evangélica e tem muita fé. Ele percebe isso no comportamento dela frente à vida, pois sempre está batendo de frente com as dificuldades da melhor maneira, sempre com calma, sem se desesperar.

M7 frequenta o terreiro de Umbanda há dois meses e está muito feliz. Afirma que a Umbanda o tirou do chão, ergueu-o e está fazendo isso até hoje. O jovem gosta muito do ambiente do terreiro, sente uma energia boa, alegria e o coração dispara. Diz que só de ouvir os tambores dá vontade de dançar.

Como símbolo de proteção, o jovem tem um Guia, chamado Zé Pilintra. Ele costuma conversar com seu Guia para ‘abrir sua mente’. M7 diz que se parece com Zé Pilintra, que é um cara alegre e mulherengo e que sonha em recebê-lo em seu próprio corpo, mas para isso precisa ficar firme, pois se ele recair ‘já trava o caminho’. O jovem também usa 3 guias, sendo uma do Zé Pilintra, uma do Tranca Rua e a outra do Artur (Erê). O jovem explica que as guias foram confeccionadas por ele mesmo e batizadas pela mãe do terreiro. Além disso, costuma ouvir alguns cantos do Zé Pilintra, Iemanjá, entre outras.

Para M7, ter fé é muito importante e sem ela não somos nada. Para ele, a fé ajuda e move montanhas.

O adolescente tem algumas tatuagens, duas com ‘Jesus’ escrito, uma escrita DEUS e uma com o nome de sua mãe. Contou que as fez na época em que estava mais envolvido e que elas também representavam uma forma de proteção.

M7 representou a sua fé pela seguinte imagem:

Figura 6 – Imagem produzida por M7

Fonte: Coleta de dados da pesquisa.

Para M7, essa imagem significa gratidão e mostra o amor que tem pelo Zé Pilintra, que é o seu Guia espiritual. Diz que na imagem o amor pelo seu Guia está representado como oração e agradecimento por tudo o que ele tem feito pelo adolescente, tem livrado M7 de muitas coisas, como dos próprios pensamentos negativos. O adolescente conta que também tem sido protegido por outros Guias, mas Zé Pilintra é com quem ele mais tem identificação. M7 costuma recorrer ao Guia em momentos de perigo, de sofrimento e, também, quando não precisa, mas sente vontade de ter a sua presença e sentir a sua energia.

5.3.5 Menor

Para Menor, ter fé é acordar cedo, e diz que tem fé em Deus. Não consegue explicar como manifesta a sua fé. Ele é católico e conta ter feito Primeira Comunhão e não ter feito Crisma devido à mudança da mãe de religião. Ele e o pai continuam indo à missa de vez em quando. A mãe e o irmão, de 28 anos, frequentam semanalmente a igreja evangélica.

Como objeto que representa a sua fé, Menor tem uma bíblia em seu quarto, mas diz que esta não tem nenhum significado, serve apenas para ler.

Para Menor, ter fé é muito importante, porque com fé as pessoas trabalham mais. Exemplificou que para comprar uma casa, um carro, é necessário ter fé, assim você trabalhará mais para conseguir.

O adolescente representa a sua fé pela seguinte imagem:

Figura 7 – Imagem produzida por Menor

Fonte: Coleta de dados da pesquisa.

Menor afirma que a sua fé é comprar um carro igual a esse. O adolescente explica que esse carro é de um amigo e que tirou essa foto como representação de sua fé. Diz que, para alcançar o objetivo, é preciso trabalhar, esforçar-se e juntar dinheiro e que isso ele já faz. Conta que o pai sempre foi trabalhador e com o seu esforço passou de funcionário a dono do seu próprio negócio, conquistando tudo o que tem hoje.

5.3.6 Suicida

Em relação à fé, Suicida explica que, para ele, ter fé é buscar o seu objetivo e acreditar que você vai conseguir, independente do que seja. E diz que tem fé em Deus, “primeiro Deus e depois o resto”. A sua manifestação de fé acontece por meio de agradecimento a Deus pelo que recebe. Em momentos difíceis, quando não sabe o que deve fazer, pede a Deus que lhe dê uma luz e em seguida recebe uma resposta. E não tem nenhum objeto que represente a sua fé.

O jovem disse que nos momentos em que perde o controle não se lembra de Deus, é depois que passa que lembra de rezar.

A sua mãe tem o hábito de orar todos os dias, antes de fazer o café matinal. Já seu pai tem o costume de escrever e ouvir músicas evangélicas. Os seus pais vão à Igreja Quadrangular, onde Suicida conviveu desde criança. Porém, atualmente, raramente acompanha a família.

Suicida representa a sua fé pelas seguintes imagens:

Figura 8 – Imagem produzida por Suicida

Fonte: Coleta de dados da pesquisa.

Para Suicida, essa imagem representa o sonho de trocar a sua bicicleta por uma moto. Diz que se que não correr atrás, ninguém correrá por ele. Que se não tiver fé que vai conseguir, não conseguirá, e complementa que “se Deus quiser” ele vai conseguir.

Figura 9 – Imagem 2 produzida por Suicida

Fonte: Coleta de dados da pesquisa.

Essa imagem representa um bom momento que passou na igreja de seus pais, em um réveillon. Explica que, se não tivesse passado lá, teria passado sozinho, certamente na rua, usando drogas. Diz ainda que costuma ir à igreja porque precisa, pois às vezes está nervoso com alguma coisa que não deu certo em sua vida ou está precisando de serviço, aí costuma orar e pedir ajuda a Deus.

Figura 10 – Imagem 3 produzida por Suicida

Fonte: Coleta de dados da pesquisa.

Para Suicida, essa imagem representa a sua fé em Deus. Diz que no fundo da foto estão as pessoas que cantam e sente que elas estão olhando para ele, como se fosse Deus. Complementa que acredita que Deus está do seu lado para o que der e vier, a qualquer hora.

Figura 11 – Imagem 4 produzida por Suicida

Fonte: Coleta de dados da pesquisa.

Para Suicida, essa foto representa a sua fé em ter uma namorada que o ame e que não brigue com ele. Conta que essa namorada não gosta que ele fume cigarro nem maconha e, estando com ela, ele nem dá bola para outras coisas. Além disso, com ela é mais carinhoso, brincalhão, diz que é “um bebezão”.

5.3 Categorização das imagens produzidas pelo grupo de participantes

Nesta etapa do trabalho foi feita a proposta de análise das fotos produzidas pelo grupo. Os adolescentes viram suas fotografias e as de seus colegas e, juntos, agruparam-nas em cinco categorias assim nomeadas: 1) Tudo, 2) Fé em Deus, 3) É o plano, 4) Paz e 5) Família.

Figura 12 – Categorias construídas pelos participantes da pesquisa

Fonte: Produzido pela pesquisadora.

5.3.1 Tudo

“É tudo tudo, ai. Sabedoria, justiça.”

5.3.2 Fé em Deus

“Tem que ter fé, pedir perdão.”

5.3.3 É o plano

“É a meta, né? Tudo o que todo mundo quer, né?” (M7)

“Eu quero o meu carro, eu quero a minha casa.” (Cris)

5.3.4 Paz

“Isso aí é quando eu tiver com quase 50 anos e tiver lá no meu rancho, com a minha família, acordar, fumar um baseadão (risos do grupo). Eu gosto demais de uma mata, vai chegar.” (Cris)

5.3.5 Família

“Casar eu não quero não, mas ter filho, eu tô querendo, hein?” (M7)

“Primeiramente, antes de tudo, antes de casar você tem que ter um propósito com uma mina que vale a pena, porque hoje em dia, do jeito que o mundo tá, você arruma só sofrimento. Não vale a pena você arrumar uma pessoa que não tem o mesmo sentimento que você, que não gosta das mesmas coisas que você, que tem os mesmos pensamentos que você. Tá difícil encontrar essa pessoa, entendeu?” (Cris)

“Eu pretendo (ter filhos) lá pelos 24, 25 anos.” (Cris)

“Eu pretendo (ter filho agora), hein? Mas tá difícil, hein? A coisa tá séria. Porque não tem a moça. (risos). Eu tava com uma moça, ela largou de mim para ir para o Arena (boate), ai...” (M7)

“E eu que tava com uma mina lindinha mesmo, aí eu dei uma cantada nela, falei: antes de beijar a sua boca compro até um bombom (risos) e depois te levo para o motel, mas ela só queria saber de Arena... Arena, Arena. (gargalhadas). Aí eu falei: você quer ir para a Arena, então vou te deixar aqui no posto a pé e eu fiz desse jeito, ai...” (Cris)

“(Ter uma namorada ou filhos) ia breicar os peão, ia breicar as bebedeiras, parar de fumar.” (M7)

“Falar é fácil, hein dona? Tem que pensar no que pode trazer, pensão, essas coisas. Não é fácil não.” (Cris)

“Se a mãe não quiser ficar comigo, eu crio o filho sozinho.” (M7)

5.4 Experiências e significados de fé e religiosidade: a construção de categorias

Serão apresentadas categorias que emergiram das falas dos participantes sobre as experiências e significados atribuídos a fé e religiosidade.

Inicialmente os conceitos de experiência e significado foram considerados separadamente, mas após compreensão dos conceitos de Amatuzzi e das inúmeras leituras dos dados, tais conceitos foram entendidos como dependentes. Compreendeu-se que os significados são construídos a partir de experiências que, por sua vez, provocam a ampliação ou a construção de novos significados, da mesma forma que a re-significação leva as pessoas à vivência de novas experiências. A partir dessa compreensão, as categorias serão apresentadas em único bloco de dados.

Figura 13 – Síntese dos conceitos de Experiência e Significado

Fonte: Produzido pela pesquisadora com base em Amatuzzi (2015).

A mesma perspectiva foi adotada para compreensão dos conceitos de fé e religiosidade neste estudo. A fé foi entendida, a partir de AmatuZZi (1999, 2000) como confiança básica e tomada de posição diante da vida, que acontece direta ou indiretamente relacionada à religiosidade que, para o autor, é o que está por trás das indagações humanas pelo sentido último. Dessa forma, neste estudo, tais conceitos foram considerados de forma indissociada, referentes às mesmas experiências e significados.

Figura 14 – Síntese dos conceitos de Fé e Religiosidade

Fonte: Produzido pela pesquisadora com base em AmatuZZi (1999, 2000).

Assim, a partir de tais compreensões, foram formadas sete categorias: 1) Identificação, 2) Referências e símbolos, 3) Ações e rituais, 4) Proteção, 5) Sentido de ligação afetiva, 6) Motivação, 7) Deus criador/onipresente.

Figura 15 – Apresentação das categorias e principais resultados em relação às experiências e significados de fé e religiosidade para os adolescentes autores de atos infracionais.

Fonte: Produzido pela pesquisadora.

5.4.1 Identificação

A categoria “Identificação” nasceu a partir das falas dos participantes sobre a identificação que manifestam com personagens religiosos. Os adolescentes veem-se nessas representações e, muitas vezes, partem dessa identificação para se autodescreverem:

“Igual o Preto Velho... o Preto Velho comia bastante. Ele era do tempo da senzala, hoje eu me vejo como ele, eu como bastante mesmo, as músicas dele eu gosto.” (Cris)

“Zé Pilintra... Um cara muito alegre, mulherengo. Que nem eu mesmo, que a minha mãe fala. Muito alegre.” (M7)

“Na verdade eu sou tipo ele, tipo, ele me conduz. Ele é o meu Pai. Ele é eu.” (M7)

“Esse é o Xangô Baiano. O símbolo da justiça. (...). Ele que me escolheu, não é eu que escolhi. (...) eu já vejo que gosto das coisas tudo certo, tudo tem que ser no justo, mano. Se você dá uma coisa para aquela pessoa, se tiver que dar outra, tem que dar igual também. Nada tem que ser a mais para aquela e a menos para a outra.” (Cris)

5.4.2 Referências e símbolos

Esta categoria representa as referências religiosas e os símbolos usados pelos adolescentes para expressar sua devoção e fé. Os participantes relataram possuir objetos ou se referenciar a personagens religiosos como forma de buscar proteção e compreensão sobre a vida.

“Esse é o Preto Velho. Ele ajuda. Ele era um homem da senzala, dona, que vivia só trancado. Ele era escravo. Ele dá ensino sobre a vida, entendeu?” (Cris)

“Esse é o Xangô Baiano. Ele gosta de estar. Ele toca bateria. Ele é do lado bom. Gosta do lado da caridade. O machado dele representa ele também. O símbolo da justiça.” (Cris)

“Na minha casa tem imagem da santinha, tem a biblia, tem uns budas, tem outro santinho, tem Jesus. Tem umas imagens da minha vó e da minha mãe.” (Benê)

“Eu fiz o terço no braço. (...). Eu não vou fazer que nem aquelas caras doidos que faz a imagem de um demônio no braço. Eu vou fazer o que eu gosto, que representa eu também. A minha religião. É o que eu queria fazer mesmo. (...). As tatuagens não é só um desenho não, representa muito.” (Feijão)

“Tenho aqui, olha (um cordão com um pingente). Um arca da fé, símbolo da paz, de tudo de bom. Eu ganhei da Igreja. É proteção, né?” (Benê)

“O meu é cruzado (guia). Os dois juntos. O lado direito e o lado esquerdo. É só o jeito de por mesmo. Tô protegido na parte do peito, nada me atinge, entendeu?” (Cris)

5.4.3 Ações e rituais

Sob esta categoria estão representadas as ações e os rituais individuais e coletivos dos quais participam e que são destacados como experiências importantes para eles. Tais iniciativas dos adolescentes aparecem como protagonismo e responsabilidade sobre essa dimensão da vida pessoal.

“Eu leio a biblia todo dia, leio o salmo 91. (...) é um lá que fala de um bagulho bem louco, mas agora eu não me recordo. Mas depois você lê, salmo 91. Mas agora eu tenho que parar e ler outras páginas também, né? Eu só leio o salmo 91. O salmo 91 eu consigo ler tranquilo, não tem tanto mistério, tanta palavra diferente, mas fácil, tá entendendo? Eu

consigo entender mais fácil.” (Benê)

“Eles fazem uma roda e eu vou no meio. Nisso aí, ele pode entrar em mim também, no meu corpo. Mas é com o tempo, tem que ir trabalhando para começar a receber.” (Cris)

“Tenho fé em Receber o Zé Pilintra. Eu vou conseguir. (...) Dançar firmando a cabeça, receber a benção da mãe. (...) Se eu me envolver de novo, não tem como. Já trava.” (M7)

“Eu tenho a guia do Preto Velho e do Xangô. Eles precisam abençoar, lá no terreiro, a minha “mãe” que faz. Ele que faz a benção através dela, conversa com nós, abençoa, pede para tirar as coisas ruins do nosso caminho. Você sabe que tem muita coisa ruim do nosso lado, né dona? Aí tira tudo, inveja, mal olhado, eu me sinto bem, não sinto o corpo pesado. Ele traz uma energia boa.” (Cris)

“(...) A vela lá fora. O café na estante. Eu espero secar o café, e a pinga ele vai bebendo. O cigarro e a vela eu acendo e vai queimando. A vela branca é para abençoar, limpar o clima, tirar as coisas ruins. Tomar um banho de cachoeira... até para a senhora mesmo, mesmo que a senhora não frequenta, para a senhora é bom. Sempre que entrar debaixo de uma cachoeira, tira tudo, tira tudo as coisas ruins, sujeira do corpo, sabe?” (Cris)

“Eles te dão farofa do Baiano. O Baiano mesmo que prepara. É bom para abençoar nós. Para comer, dá uma limpada, é do Baiano... A gente toma um café dele também.” (Cris)

Converso. Peço para abrir a minha mente, né? As vezes vou na encruzilhada, dou Boa Noite. (...). Encruzilhada é... sabe quando a rua é assim e assim, uma cruz? aí eu vou lá de noite. É só ir lá no meio, bater palma, falar “Saravá”. (M7)

“Tipo assim, que nem, quando começa a Iemanjá, começo a cantar, a dançar, eu sinto a mar”. (M7)

“Eu tenho um santinho que fica em cima da minha televisão, todo dia a noite eu rezo para ele. E eu passo um tempo bom, mas de vez em quando eu vou a Igreja. É isso. E eu faço crisma.” (Feijão)

“E tenho Deus, faço oração todo dia, vou na Igreja todo domingo. Na Universal.” (Benê)

5.4.4 Proteção

A categoria “Proteção” descreve um sentido de confiança e segurança verbalizados pelos adolescentes. Os mesmos relatam experiências em que sentem apoio, ajuda e proteção do “sentido último”, o que lhes desperta sensação de segurança e confiança neste e no seu caminho, inclusive nas situações inerentes a risco e vulnerabilidade.

“Momentos de perigo, de sofrimento, falta de atenção, essas coisas. Ele mesmo fala que quando eu precisar, é só eu gritar o nome dele que ele estará comigo. Aí eu, as vezes, eu sempre chamo.” (M7)

“Eu vejo assim... vixi, ó, aquela coisa vai molhar, os cara... Dona, eu sinto mais ele mesmo quando eu to andando na rua, a polícia que me conhece passa perto de mim e não me vê, iiiixi... Teve uma fuga que eu peguei quando eu saí. O seu caminho vai abençoando. Carrego ele comigo sempre, peço ajuda na hora do perigo.” (Cris)

“Se não fosse Deus, assim, não sei o que seria de mim não. Tantas coisas, tantas coisas que eu consegui sair fora. Gente que tava ali do meu lado e ficou e eu consegui sair fora. Eu acho que fui protegido. Os caras lá que não tem uma religião, que tava pela sorte e eu tava pela fé.” (Benê)

“Já passei muito aperto na rua que recebi um sinal. Sabe quando parece que você sente um sinal? “Isso deve ser um sinal para mim”. Às vezes eu sinto um sinal e já penso: “Eu tenho que fazer isso”. Entendeu? Já passei uns apertos, vou falar, viu? De dia que era para eu rodar e eu não rodar. Coisas de minutos, assim. Me senti protegido. Só eu mesmo para saber mesmo.” (Benê)

“Eu converso com ele, peço o que eu quero. As vezes eu não sei o que eu faço, aí eu peço: “Meu Deus, me dá uma luz”. Aí passa um pedacinho mesmo, de uma hora para outra ele me dá uma resposta.” (Suicida)

5.4.5 Sentido de ligação afetiva

A categoria “Sentido de ligação afetiva” representa a fé dos adolescentes manifestada pela busca de vínculos com figuras de proteção na relação interpessoal, apresentada como alegria do encontro, acolhimento, sentimento de pertença e sentimento de legitimação na relação.

“Se eu não tivesse passado lá (na igreja) eu ia ter ficado sozinho. Na rua, usando droga.” (Suicida)

“Ela não gosta que eu fumo cigarro, nem maconha. Eu tando com ela, eu nem dou bola para outras coisas. Agora quando eu não tô com ela, eu penso nela toda hora, fumo mais. Parece que quando eu to com ela eu sou uma pessoa e quando eu não tô eu sou outra. (...). Quando eu tô com ela eu sou mais brincalhão, mais carinhoso. Sou aquela criança quando tô perto dela, aquele bebezão.” (Suicida)

“Uma coisa que eu gosto, sabe? De conhecer novas pessoas, de não ficar só naquelas amizades, que não são amizades. Essas pessoas da Igreja, muito bom.” (Feijão)

5.4.6 Motivação

Os adolescentes apresentaram diferentes formas de motivação, derivadas de sua fé. Esta categoria, nomeada “Motivação”, representa pensamentos ou ações, apoiados na fé, que os próprios participantes consideram impulsos para o futuro. No entanto, essa categoria tem uma característica peculiar, pois trata de falas em que os adolescentes se descrevem responsáveis pela conquista de seus objetivos.

“A fé que eu carrego comigo é eu acreditar nela, é isso aí. Pra mim é isso. Acreditar na minha luz.” (Cris)

“Fé é tudo, né? Depende, assim, se você quer comprar aquele carro lá, em que ter fé, né? Se você quer comprar aquela casa... é isso. Pra alcançar, trabalhar que a gente consegue. Com fé a gente trabalha mais, né?”. (Menor)

“Ter fé para mim é tipo assim, eu buscar o meu objetivo, eu vou conseguir, independente do que seja, dos obstáculos, eu vou conseguir. Você fala assim: Não sei se eu vou conseguir.. eu vou conseguir e ponto, aí.” (Suicida)

“Já fica estampado na cara da pessoa quando ela tem fé, né? Não vai ser qualquer coisa pequena que vai abalar, né? (...) Eu tenho fé. Eu acredito que ter pensamento positivo quando você tá passando mal, sentindo um negócio estranho, tá a beira da morte... você tem que acreditar”. (Benê)

“Batendo de frente com as dificuldades da melhor maneira, sempre com calma, sem desesperar. (...). Em forma de alegria, risos, trocadilha. Tá passando por fase difícil e tá sorrindo, sempre pensando o melhor.” (M7)

“De uma bicicleta eu mudando para uma moto. (...). É, porque tipo assim, como eu posso falar? Tipo assim, se eu não correr atrás, quem vai correr? Ninguém. Se eu não ter fé, não acreditar que eu vou conseguir, eu não consigo.” (Suicida)

5.4.7 Deus criador/onipresente

Os adolescentes apresentaram em suas falas a representação de um “Deus criador e onipresente”, que é responsável pela criação do universo e está acima de tudo e de todos, vigiando, controlando e protegendo as pessoas. Dessas falas emergiu tal categoria.

“Ter fé é crer em Deus, né? Crer que Deus existe, né? E crer que Deus tá lá me olhando todo dia, falando para mim: Tô te vendo, moleque.” (Feijão)

“Porque é Deus, né? Tem que respeitar.” (Feijão)

“Essa imagem significa que Deus criou o mundo e o universo tudo certo. (...) Eu olho para tudo e falo: Deus criou o que a gente vê. Antes não era assim, antes era todo mundo de chininho, tinha gente que nem chinelo tinha. Agora tá todo mundo aí, de boa, suave. É isso. Deus tem influência em tudo.” (Feijão)

“Eu fico pensando, como o ser humano pode ter nascido tão perfeito assim e não ter ninguém por trás de tudo isso? Nada brota do nada. Se você não plantar a sementinha, não vai nascer. Sempre tem alguém por trás disso, e esse alguém é Deus, esse alguém é Deus.” (Benê)

“Primeiro Deus depois o resto, né?” (Suicida)

5.5 Categorização das expressões de fé e religiosidade construídas pelos participantes e pela pesquisadora

As ideias que permeiam os agrupamentos feitos e nomeados pelos participantes foram encontradas também em suas falas, após inúmeras leituras das entrevistas individuais, sendo possível uma associação de tais dados, apresentado em ilustração para melhor compreensão da relação estabelecida, assim como das experiências e significados sobre fé e religiosidade.

Figura 16 – Categorização das expressões de fé e religiosidade pelos participantes e pela pesquisadora*

Fonte: Produzido pela pesquisadora.

*Os temas escritos de preto em fundo azul claro são as categorias criadas pelos próprios participantes. Os temas escritos em branco em fundo azul escuro são as categorias formadas pela pesquisadora.

6 DISCUSSÃO

O presente estudo foi desenvolvido com o objetivo de compreender as experiências e os significados de fé e religiosidade para os adolescentes em conflito com a lei, ou seja, adolescentes autores de atos infracionais que já estão imersos no sistema judicial. Para a compreensão dessa dimensão humana de tais adolescentes, o estudo norteou-se pelos conceitos de fé, religiosidade, experiência, significado, forma religiosa, e outros conceitos associados, discutidos por Mauro Amatzuzi (1998a, 1998b, 1999, 2000, 2015).

O estado da arte dessa questão de pesquisa revelou que a fé e a religiosidade de adolescentes em conflito com a lei vem sendo abordada fortemente sob a perspectiva da religiosidade pessoal ou familiar, associada ou não a outros fatores, como fator protetivo para a prática do ato infracional (LEE; BARTKOWSKI, 2004; SIMONS; SIMONS; CONGER, 2004; PEARCE; HAYNIE, 2004; PETTS, 2007; GIORDANO et al., 2008; BEAVER et al., 2009; PETTS, 2009; LAIRD; MARKS; MARRETO, 2011; SALAS-WRIGHT et al., 2012; SALAS-WRIGHT et al., 2013; SALAS-WRIGHT; OLATE; VAUGHN, 2013; LI, 2014; SALAS-WRIGHT; VAUGHN; MAYNARD, 2014; SALAS-WRIGHT et al., 2015; KELLY et al., 2015; KHOURY-KASSABI; KHOURY; ALI, 2015).

Encontrou-se, ainda, outra perspectiva adotada em estudo realizado no Brasil que se refere à religiosidade como fator protetivo para a saúde mental de adolescentes infratores (HUCULACK; MCLENNAN, 2010). Tais estudos, como já foi mencionado anteriormente, utilizam abordagem quantitativa de descrição e análise dos dados.

Diferenciando-se de tais pesquisas, o presente estudo buscou compreender tal questão por meio de abordagem qualitativa e uso de instrumento fotográfico, o que veio contemplar o adolescente em sua complexa condição, considerado sob a ótica das principais características dessa fase da vida, como o desenvolvimento da autonomia, facilitadora de exploração, exercício e experimentação de papéis, além de mudanças de âmbito biológico, emocional, jurídico e social (CLOUTIER; DRAPEAU, 2012). A busca pelo desenvolvimento da autonomia, assim como os demais aspectos mencionados, permeiam este trabalho, principalmente no que se refere às responsabilidades jurídicas e sociais que exercem em seus contextos de vida, articuladas ao desenvolvimento biológico e emocional.

No que diz respeito à autonomia dos participantes, a metodologia facilitou seu estímulo, por meio do uso do instrumento fotográfico, que permitiu ao adolescente fotografar o que lhe fosse significativo, sem restrições e com tempo suficiente para que pudesse pensar e exercer essa atividade. A participação na oficina de fotografia, o manuseio de câmeras, a

produção de fotografias individuais e a discussão em grupo permitiram aos adolescentes exporem pensamentos e sentimentos relacionados às suas experiências inerentes à questão da pesquisa.

A partir dessas orientações, a discussão será apresentada em texto único, passando pelos tópicos: características sociodemográficas; fé e religiosidade na perspectiva dos participantes; o desenvolvimento religioso; o papel da fé na vida dos adolescentes.

O grupo de participantes deste estudo se constituiu por 6 adolescentes do sexo masculino com idades entre 15 e 17 anos, que estão em cumprimento de medida socioeducativa de Liberdade Assistida.

Quanto à formação familiar, a metade dos adolescentes tem pais separados, sendo que 2 deles moram com a mãe e 1 mora com os avós paternos. Em relação ao desenvolvimento escolar, 1 está no ano escolar compatível com a idade, 1 está em situação de evasão escolar e 4 deles já foram retidos e hoje fazem o ano escolar aquém da sua idade. Com exceção de Menor, todos os outros adolescentes que vão à escola dizem faltar com frequência. Esses dados são condizentes com dados apontados em estudos de Priuli e Moraes (2007) e de Souza, Silva-Abrão, Oliveira-Almeida (2011), que revelam que adolescentes em conflito com a lei apresentam características semelhantes no que diz respeito à idade média de 17 anos, prevalência do sexo masculino, possuem pais separados e têm a mãe como responsável legal ou figura de maior referência, apresentam evasão escolar ou reincidência de repetência do ano escolar.

Para o desenvolvimento humano pleno, a escola, juntamente com a família, exercem papéis de extrema importância na oferta de condições que o promovam (LIMA et al., 2006). Dessa forma, o adolescente que não tem tais aparatos, vive em situação de maior vulnerabilidade. Nessa perspectiva, a Unicef (2011) reconhece a baixa escolaridade como uma vulnerabilidade, que restringe oportunidades e viola o direito do adolescente à educação plena, comprometendo as possíveis transformações pessoais e sociais. O abandono escolar, por sua vez, está diretamente relacionado com a trajetória de repetências, que provoca um desajuste da idade e série que o adolescente deveria estar cursando. Em 2009, 13% das crianças e adolescentes de 10 a 14 anos tinham atraso escolar superior a 2 anos. No mesmo ano, do total dos 2,3 milhões de concluintes do ensino fundamental, 1,09 milhão (ou mais de 47%) tinham entre 15 e 17 anos e encontravam-se atrasados em seus estudos.

Tendo a baixa escolaridade como uma condição de vulnerabilidade e relacionando-a com o comportamento infrator na adolescência, um estudo de revisão de literatura buscou investigar as relações existentes entre a educação escolar e a conduta infracional em

adolescentes e encontrou que aspectos negativos da vivência escolar colaboram para o desenvolvimento da prática de atos infracionais na adolescência, além de serem propulsores da fraca vinculação escolar (BAZON; SILVA; FERRARI, 2013). Em complemento, Hjalmarsson (2008) constatou que a inserção no sistema judicial, muitas vezes caracterizado pela submissão à medida restritiva de liberdade, reduzia em 27% as chances de conclusão do Ensino Médio. Estudos realizados por Hirschfield (2009) e Toldson et al. (2010) revelaram que a passagem pelo sistema judicial gera situações de rotulação na escola e, consecutivamente, exclusão dos adolescentes por parte de seus pares e professores, o que hipoteticamente gera desvinculação e evasão escolar. No atual estudo não foi explorada a trajetória escolar dos adolescentes, mas os dados revelam que estes não apresentam a escola como um espaço de importância e pertencimento. A maioria dos participantes deste estudo está em situação de defasagem idade-ano escolar, sendo que um deles já esteve em cumprimento de medida restritiva de liberdade por três vezes. Dois dos adolescentes dizem que sua presença na escola era conflituosa, marcada por confusões, brigas e outros problemas de comportamento. E 2 deles dizem que faltava bastante e não cumpriam as atividades. Tais características supõe a afirmação dos achados na literatura, de que a trajetória escolar é marcada por desvinculação escolar.

Sobre as vivências relacionadas ao trabalho, os adolescentes já passaram por experiências de trabalho legal e também de trabalho relacionado a práticas ilícitas. Apenas um adolescente tem emprego formal, no momento. Os demais dizem estar à procura de emprego e, enquanto não conseguem, fazem pequenos serviços ou praticam atos ilegais como tráfico de drogas e roubo, para conseguir algum dinheiro. Dessa forma, os adolescentes movem-se em seus contextos de vida de forma a expressar escolhas ao longo de suas trajetórias que evidenciam a busca de inserção social e a aquisição de recursos materiais para suprir suas necessidades. Esse movimento dos adolescentes confirma a observação de que a adolescência é marcada pelo desenvolvimento da autonomia, ou seja, busca de novas oportunidades e novos modos de ser e existir no mundo, o que faz dessa etapa da vida também uma fase marcada por oportunidades e riscos. (CLOUTIER; DRAPEAU, 2012; PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Os adolescentes participantes deste estudo revelaram aproveitar oportunidades que lhes são oferecidas por meio de participação em projetos sociais, cursos de capacitação e preparação para o mercado de trabalho, como cursos de informática, oficinas propostas pela medida socioeducativa ou projetos desenvolvidos na própria comunidade, assim como a busca pela inserção no mercado de trabalho. Por outro lado, os riscos, de fato, são evidenciados e

estão relacionados com o uso de álcool e drogas, prática de atos infracionais, absenteísmo escolar, violência, inserção no trabalho ilícito, entre outros. Em consonância, Oliveira (2011) argumenta que os adolescentes em situação de abandono escolar têm mais dificuldade de se inserirem no mercado de trabalho, devido à baixa escolaridade, falta de experiência e qualificação profissional, realidade que provoca exclusão social e vulnerabilidade para a aliciação pelas redes de crime organizado, como o tráfico de drogas, já que a própria fase reflete expectativas e buscas por inserção social e obtenção de recursos financeiros.

Os comportamentos relacionados aos riscos, como a prática do ato infracional, podem ser cessados ou confirmados a depender de aspectos que circundam o adolescente (CLOUTIER; DRAPEAU, 2012). Em concordância com tais autores, pode-se notar a diferença nas trajetórias de 2 adolescentes participantes do estudo. Menor foi dado como traficante por ter sido descoberto passando maconha para amigos da escola. O adolescente morava e estudava em uma cidade pequena, mas trabalhava diariamente em Franca, a maior cidade da região, o que facilitava sua compra de drogas. Por ter maior acesso, passou a comprar para si e para os colegas que faziam as encomendas e as recebiam na escola. A atitude parecia ser apenas uma aventura até ser descoberto pela polícia e ser nomeado “traficante”. Com essa experiência, a família mudou-se da cidade, transferiu o adolescente de escola e continuou apoiando e monitorando o filho no cumprimento de seu trabalho no comércio da família.

Outra realidade refere-se à experiência de Cris, que buscou o suporte em atividades criminosas para garantir a sobrevivência da família. Este assume o cuidado familiar e até reclama de que se cansa do peso que tem sobre si mesmo. Desde os 13 anos o adolescente sustenta a si mesmo e a sua família, por meio de práticas ilícitas. Este adolescente apresenta histórico escolar de repetência, evasão e, atualmente, absenteísmo escolar, além disso foi internado na Fundação Casa por três vezes. Nesse caso, Cris não tem apoio da escola ou intervenção familiar para cessar a prática de ato infracional, pelo contrário, possui vínculo frágil com a comunidade escolar e a própria família reforça o ato do adolescente visando a benefícios próprios.

O comportamento infrator desses adolescentes é analisado por Cloutier e Drapeau (2012) como um fenômeno relativo, que está diretamente ligado às regras estabelecidas no meio ao qual o adolescente pertence. Nesse caso, embora Cris seja punido, o mesmo continua persistindo nos atos infracionais, pois parece ser mais motivado a seguir as regras do meio em que está inserido. Além disso, essa realidade vem ao encontro de resultados de estudos realizados com adolescentes em conflito com a lei, que apontam que vivências familiares,

também de aspectos financeiros, são contribuintes para a vulnerabilidade do adolescente e prática do ato infracional (FEIJÓ; ASSIS, 2004; DELL'AGLIO et al., 2005; ZAPPE; DIAS, 2012).

O enfrentamento das adversidades pelos adolescentes, meio a um contexto de riscos e fragilidades, muitas vezes é respaldado por crenças pessoais de caráter espiritual e religioso. Todos os adolescentes, com exceção de Menor, relatam pedir ajuda de Deus ou de outras figuras religiosas para enfrentar situações de perigo e dificuldade. Nesse sentido, Amparo et al. (2008) evidenciam em um estudo a religiosidade/espiritualidade como uma dimensão importante na vida dos adolescentes, destacando que, enquanto alguns vivenciam experiências coletivas, outros têm experiências individuais, ambos solicitando ajuda a Deus para o enfrentamento das dificuldades.

O cenário religioso/espiritual de cada adolescente é construído a partir de suas experiências e significados. O significado que cada um atribui à fé e religiosidade está diretamente ligado a suas vivências e experiências, ou seja, da relação que o adolescente estabelece com as suas indagações por sentido. De acordo com Amatuzzi (2015), significados são modos de relação e podem se ampliar e se modificar por meio da sua atuação no mundo e de novas experiências.

Nessa perspectiva, este estudo revela que três adolescentes buscaram conhecer religiões diferentes das de suas famílias e, a partir dessa busca, tiveram novas experiências. Assim puderam construir novos significados sobre essa dimensão da vida. Por outro lado, outros três adolescentes permaneceram na religião familiar, um deles participando e ampliando os seus significados a partir de suas experiências no campo religioso. Outro vivenciou a religião com a família, mas hoje não participa e não vivencia nenhum tipo de questionamento a respeito, porém demonstra firmeza e confiança diante da vida. Enquanto há outro que não participa na mesma frequência dos pais, mas busca a igreja em momentos que lhe são convenientes e consegue atribuir significado a essa busca, como lugar de acolhimento, apoio e companhia em momentos em que poderia estar sozinho e em risco.

Embora as experiências no campo religioso sejam distintas e passíveis de diferentes significados, todos os adolescentes foram capazes de afirmar a sua fé. Cris, M7, Benê, Feijão e Suicida fizeram referência a um “sentido último”, enquanto Menor fez referência a si mesmo e ao próprio esforço para representar a sua fé. Assim, é possível relacionar essas diferentes afirmações de fé à fé humana e à fé religiosa, apresentadas por Amatuzzi (1999)

Para o autor, a fé humana é a tomada de posição básica diante da vida, de forma operativa. Já a fé religiosa é a confiança básica, que implica na legitimação, mesmo que

implícita, a um ser superior e transcendente. Dessa forma, os adolescentes que fizeram referência a um “sentido último” sugerem uma fé religiosa, enquanto o adolescente que faz referência a si mesmo e à vida, revela a sua fé quanto fé humana. Faz-se necessário destacar que as duas descrições de fé não se opõem, elas nascem do mesmo impulso existencial humano, ou seja, elas são a mesma fé, porém com contornos diferentes. Além disso, a fé humana pode ser implicitamente religiosa, se pensarmos que pode ser um impulso para re-ligar-se (AMATUZZI, 1999). Nesse sentido, é possível perceber que o adolescente que não menciona um sentido último e deposita em si mesmo a responsabilidade para conseguir o que deseja, revela uma re-ligação consigo mesmo como fonte de esperança, conforto, segurança e confiança de que vai conseguir.

A fé dos adolescentes e suas experiências no campo religioso acontecem no contexto concreto da vida, em meio a contradições, dificuldades e desejo de proteção. Contradições aparecem o tempo todo em suas histórias, permeadas pelo risco e anseio de proteção, por serem vítimas e autores de violência, por violar e buscar liberdade, praticar atos que desprotegem o outro e pedir proteção para si mesmo, estar em um contexto transgressor e ter fé e fazer referência a um “sentido último” da existência. Sobre essa contradição, fala Buber (1984 apud AMATUZZI, 1998), afirmando que as experiências religiosas do homem acontecem em uma esfera em que caminham juntos o bem e o mal, o desespero e a esperança, o poder de destruição e o poder de renascimento. Essa contradição apontada pelo autor é revelada na história de vida dos adolescentes e representada por meio de suas experiências e significados de fé. Nessa perspectiva, nota-se que ter fé para estes adolescentes, que estão em contexto transgressor, está relacionado ao posicionamento e enfrentamento das adversidades constantes em sua trajetória de vida.

Considerando o desenvolvimento emocional relacionado às iniciativas para lidar com os seus contextos de vida, associados sua expressão de fé, foi possível identificar diferentes níveis de desenvolvimento psicológico e religioso, pois cada um apresenta uma forma de se relacionar e significar sua experiência com a fé e a religiosidade.

Menor se considera católico, porém não faz referência alguma a um “sentido último” e acredita em si mesmo e no seu próprio trabalho como possibilidade de conquistar o que deseja. Para ele, isso é o ato de fé. O adolescente não descreve um mundo independente de si, pelo contrário, todas as suas necessidades parecem ser contempladas por si mesmo, pelo seu próprio trabalho, apoiado pela família. A confiança básica está em si mesmo e nas relações familiares, marcadas pelo trabalho coletivo. Até mesmo a religião de Menor não é defendida nem questionada por ele, apenas posta como uma realidade já vivenciada e não experienciada.

Assim, é possível relacionar a experiência de Menor com a etapa do adulto do desenvolvimento religioso de Amatuzzi (2000), que tem como desafio central passar da esterilidade à fecundidade, apresenta como principais necessidades: estima, produção e realização.

Nessa fase, a religião expande-se criativamente em atividades externas e internas e a pessoa tende a aproximar o seu sistema de crenças e orientação com a sua vida concreta. Nessa perspectiva, pode-se acrescentar que Menor tem presença, apoio e participação da família em sua vida, principalmente no que diz respeito a suas necessidades básicas, continência e segurança financeira, o que aponta satisfação nas relações familiares. Quando foi apreendido com drogas, foi amparado imediatamente pela família, que se mobilizou para criar alternativas para o afastar daquela realidade. Essa segurança parece se estender para o posicionamento do jovem frente à vida cotidiana. O adolescente sugere firmeza e confiança sobre as suas decisões, trabalho e projeto de vida.

Cris e M7 são seguidores da Umbanda e iniciaram nesse caminho por escolha própria, a partir de convite de amigos. Ambos usam guias, que são colares feitos para proteção, têm guias espirituais e fazem oferendas a eles. Além disso, relatam identificação com as figuras religiosas como possibilidade de se conhecer e legitimar suas próprias histórias. Dessa forma, os adolescentes recebem ensinamentos, porém participam ativamente dessa relação com os seus guias, responsabilizando-se pelas oferendas e pelo respeito acordado com eles. Assim, podemos relacionar a experiência dos adolescentes com a fase do/a adolescente do desenvolvimento religioso de Amatuzzi (2000), em que o desafio central é passar da indefinição ou definição a partir de fora para uma definição pessoal, ou seja, descobrir uma verdade pessoal mais profunda. Nessa fase, as necessidades mais importantes são de participação ou afeto e estima ou valor e a experiência básica é a escolha pessoal de papéis a serem exercidos. É comum ocorrer, também nessa fase, o questionamento da religião recebida e a busca por uma religião definida a partir do exercício de papéis escolhidos. Nessa perspectiva, os adolescentes demonstram interesse e compromisso com a religião e as figuras religiosas, que transpõem o limite físico do terreiro e manifestam-se em situações cotidianas relacionadas a pedido de proteção, oferendas e exercício do autocontrole como meio de se conseguir um objetivo.

Os adolescentes identificam sentimentos experienciados com a participação religiosa e relação com as entidades espirituais e se sentem responsáveis por nutrir essa relação. A participação no grupo e o movimento desses adolescentes nesse campo religioso, corresponde aos achados de Ribeiro e Minayo (2014) sobre a importância do sentido de pertencimento

promovido por grupos religiosos, que possibilita a socialização e a inclusão da pessoa em uma comunidade, que pode atuar como apoio e proteção.

Benê frequenta a Igreja Universal, usa símbolos de proteção e professa fé em Deus. A participação nessa igreja foi de escolha do adolescente, já que os pais não seguem a mesma religião. A família do pai participa da Umbanda e a mãe não tem religião, no entanto, o jovem continua frequentando a igreja aos domingos. Embora frequente a Igreja Universal, diz que não tem uma religião própria, mas que se considera uma pessoa com fé em Deus e isso o faz se sentir tranquilo. Relaciona a sua fé em Deus com livramentos frente a situações de risco. Diante disso, podemos relacionar as vivências desse adolescente com a etapa do menino/a do desenvolvimento religioso de Amatuzzi (2000), em que o desafio central é passar da passividade para a competência e habilidade e descobrir-se ativo e capaz. Nessa fase, as necessidades predominantes são de proteção ou segurança e participação ou afeto, e conforme a pessoa vai superando os desafios, vai fortalecendo sua segurança interior e autoestima.

Além disso, nessa fase, as narrativas e histórias são importantes na apropriação da religião e os objetos significados, embora permaneçam externos, são passíveis de influência do sujeito por meio dos seus atos de reverência. É possível notar que, embora Benê não assuma uma religião ou afirme o exercício do seu papel nesse atual campo religioso, o adolescente busca se integrar, participar, conhecer e usar de alguns ensinamentos ou objetos para pedir proteção ou fazer algum ato de reverência. Dessa forma, sugere-se que o adolescente superou a passividade e mostra-se ativo na busca do suprimento da sua necessidade inerente às questões religiosas.

Feijão segue a mesma religião que a família, o catolicismo, valorizado e praticado por esta, por meio de rituais típicos da religião, como a reunião familiar para a oração do terço. O adolescente é católico praticante, tem objetos de proteção e um terço tatuado no braço. Não apenas se considera católico por herança familiar, mas participa de eventos católicos e é capaz de atribuir sentido a sua participação, assim como na sua relação com Deus. Para ele, Deus é criador, influenciador de todas as coisas e um constante vigilante das pessoas. Assim, o adolescente tem fé que um dia poderá comprar tudo o que quiser e que isso está diretamente relacionado à influência do criador divino. Além disso, o jovem concebe a religião como possibilidade de encontro, permeado por sentimentos de alegria e construção de novas amizades. A partir desse cenário, podemos relacionar o perfil do adolescente com a etapa da criança do desenvolvimento religioso de Amatuzzi (2000), que descreve como desafio central à passagem do ciúme da relação à aceitação do outro como separado de si.

A superação desse desafio resulta no início de cooperação e diálogo. Nessa fase, as principais necessidades são de proteção ou segurança e a religião da família começa a ser apropriada por meio dos símbolos, ritos ou imagens. Os objetos significados são sentidos como externos e absolutamente poderosos sobre si. Nessa perspectiva, podemos sugerir que Feijão, embora praticante da mesma religião que a família, já passou por uma separação e diferenciação desta, buscando participar de eventos que lhe interessam e significar as suas experiências, porém possui relação vertical com Deus e os símbolos relacionados, depositando poder absoluto destes sobre sua vida e prosperidade e não se colocando na relação como protagonista.

Suicida não participa com assiduidade de cultos religiosos, mas às vezes vai à Igreja Quadrangular, frequentada pelos pais e pelo próprio adolescente quando criança. Atualmente o adolescente dificilmente vai à Igreja, mas se refere ao lugar como possibilidade de acolhimento, encontro e proteção. Contou que passou o último réveillon na Igreja e se não tivesse passado lá, teria ficado sozinho, provavelmente usando drogas. Em relação ao significado de fé, o adolescente acredita que é buscar o seu objetivo e acreditar que vai conseguir, independente do seu seja, inclusive a conquista de bens materiais. Para isso tem o apoio de Deus, que está sempre olhando por ele. Além disso, relaciona a sua fé com o desejo de viver uma relação afetiva sexual, considerando que a sua ex-namorada o inibia de fumar cigarro e maconha e o fazia ser mais carinhoso e brincalhão. Dessa forma, Suicida relaciona a sua fé e religiosidade com vínculo afetivo e apoio social como possibilidade de autocontrole, proteção e influência na conquista de bens materiais desejados. Nessa perspectiva, a fé parece cumprir o papel da família, embora de forma desorganizada.

Por essa ótica, é possível relacionar a vivência de Suicida a etapa e bebê do desenvolvimento religioso proposta por Amatuzzi (2000). O adolescente parece buscar o suprimento das suas necessidades fisiológicas, de proteção e confiança na família, na igreja e nas relações afetivo-sexuais, no entanto, não parece se sentir satisfeito com as relações estabelecidas, sugerindo dificuldades nas relações interpessoais e de pertencimento.

A partir da apresentação da experiência de cada adolescente, é possível sugerir que todos os adolescentes que buscam participar de um grupo religioso, mesmo que esporádico, parecem buscar apoio e sentido de pertencimento, o que parece diminuir o isolamento vivido por alguns, principalmente em momentos frágeis, como a reinserção na sociedade após período de cumprimento de medida socioeducativa de internação ou durante cumprimento de Liberdade Assistida, além do enfrentamento de situações adversas da vida, nas quais muitas vezes se sentem sozinhos e vulneráveis.

Nessa perspectiva, um estudo realizado por Ribeiro e Minayo (2014) revela que grupos religiosos são importantes para atenuar o isolamento vivido pela população carcerária, além de oferecem conforto espiritual e promoverem possibilidade de estabelecimento de vínculos no retorno à comunidade. Embora os participantes deste estudo sejam adultos encarcerados, é possível fazer a associação, devido à semelhança na experiência de isolamento social vivido pela internação e estende-se para o enfrentamento das dificuldades durante a reinserção social, marcada principalmente por desconfiança e sentimento de exposição às situações de perseguição e julgamento.

Os relatos dos adolescentes sugerem que, de um lado a maioria deles vive insegurança e instabilidade em situações de suas vidas diárias e de outro expressa confiança e desejo de superação e realização de um projeto de vida, por meio principalmente de proteção divina. O trabalho de análise feito pelos próprios participantes sobre o material produzido para expressar o significado de fé pode evidenciar essa afirmação. Os adolescentes agruparam fotografias, originando categorias e as nomearam em seus próprios termos: Tudo, Fé em Deus, É o plano, Paz e Família.

“Tudo” foi uma categoria formada com a conotação de que Deus está acima, é onipresente e criador. A adesão à crença e valores religiosos, a “Fé em Deus” em seus termos, por sua vez, remete ao sentimento de proteção mediado por símbolos e rituais. Fé não é apenas conceito, mas no plano da vida cotidiana impulsiona a vida e por isso foi nomeada “É o plano”, expressa por ideias relacionadas à motivação para o agir. Os participantes nomearam também de “Paz” o agrupamento de fotografias que significava fé enquanto consequência de identificações construídas por meio de símbolos e rituais que promovam sentimento de bem estar e segurança. Finalmente, denominaram “Família” o agrupamento referente à instância de ligação afetiva, representada pela ânsia de relações interpessoais seguras e duradouras. Sugere-se que a busca por segurança nos espaços e relações concretas ou transcendentais são importantes para o desenvolvimento da habilidade de enfrentamento e resiliência.

Nessa perspectiva, um estudo realizado com adolescentes em situação de risco psicossocial do Distrito Federal revelou que a confiança em si mesmos e a rede de apoio social composta por família, escola e amigos, favoreceu o processo de resiliência frente às situações adversas da vida. Os autores argumentam que a rede de apoio social de adolescentes em situação de riscos e vulnerabilidade colabora para o desenvolvimento de recursos individuais e sociais para o enfrentamento das adversidades, assim como da sua resiliência (AMPARO et al., 2008).

Além dessas produções feitas pelos próprios participantes, as experiências e os significados de fé e religiosidade para os adolescentes foram analisados também pela pesquisadora, dando origem a 7 categorias que serão discutidas a seguir: 1) Identificação, 2) Referências e símbolos, 3) Ações e rituais, 4) Proteção, 5) Sentido de ligação afetiva, 6) Motivação, 7) Deus criador/ onipresente.

A categoria “Identificação” sugere a identidade dos adolescentes com figuras religiosas, retratadas muitas vezes como figuras que se assemelham consigo no seu jeito de ser e na sua história de vida. Os adolescentes seguidores da Umbanda evidenciam com mais ênfase essa questão, pois se veem em seus Guias e entidades, personagens que viveram trajetórias de exclusão e dificuldades, mas que seguiram com alegria e força no enfrentamento das adversidades.

A malandragem de Zé Pilintra também é abordada pelos adolescentes, o que personifica a figura religiosa e a torna concreta e possível de identificação. Além disso, a justiça também é citada por um dos adolescentes, representada por uma entidade, Xangô, e é discutida como busca por igualdade social e denúncia das violências sutis que o povo sofre. Prandi (2007) explica que, para Bastide, a religião afro-brasileira recria um mundo ao qual o negro, com certa regularidade, pode se retirar da sociedade branca opressiva e dominadora, e sentir-se pertencente a um terreiro representativo de uma pequena África fora da sociedade, como substitutivo da perdida cidade africana e da família que não pode ser refeita no Brasil nos moldes africanos. Assim, pode-se notar que a participação na Umbanda possibilita aos adolescentes, ambos de descendência africana, vivenciar um espaço-tempo relacionado à própria história, marcada por exclusão.

A categoria “Referências e símbolos” refere-se aos personagens e objetos usados ou mencionados pelos adolescentes como expressão de fé. Os adolescentes umbandistas têm seus Guias espirituais, como Preto Velho, Xangô, Zé Pilintra, entre outros e usam guias, nome dado a colares compridos feitos com missangas coloridas, como elementos de proteção. O adolescente católico praticante tem um terço tatuado no braço. O adolescente que frequenta a Igreja Universal tem uma bíblia e usa um cordão com pingente de arca como objeto protetor. O adolescente católico não praticante também tem a bíblia como representação religiosa, mas não atribui significado protetivo.

Dessa forma, é evidente que as referências e símbolos mudam conforme a crença e filiação religiosa, no entanto, tais figuras e objetos representam a materialização da fé, ou seja, facilita a experiência concreta do adolescente no campo religioso.

A categoria “Ações e rituais” resulta de vivências e experiências de adolescentes no campo religioso, de caráter individual ou coletivo, motivadas por suas crenças e práticas coletivas que sugerem pedido de proteção, desenvolvimento pessoal ou elevação do grau de pertencimento no grupo.

Adolescentes que professam religião cristã apontam a leitura da bíblia, a oração de salmos ou a oração para santos e imagens representativas como práticas comuns. Enquanto adolescentes que pertencem à religião não cristã, como a Umbanda, relatam fazer oferendas frequentemente a entidades espirituais, expondo vela, café, cigarro e pinga. Também valorizam banhos de cachoeira e comidas feitas por entidades espirituais, através da mãe do terreiro, como rituais de benção. Os adolescentes também participam de rituais para “receber as entidades” no próprio corpo, que é caracterizado por uma roda de pessoas dançando em invocação. Também relatam constante conexão com seus Guias, por meio de conversas em pensamento, afirmando que estas os ajudam a se orientar e a enfrentar as situações de risco.

Assim, nota-se que as práticas e os rituais diferem conforme a crença e orientação religiosa, porém, promovem a participação, o protagonismo e a responsabilidade dos adolescentes sobre essa dimensão da vida pessoal, na medida em que praticam, participam e negociam, conforme suas necessidades e interesses pessoais.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) a participação cidadã é um direito do adolescente, que integra o conceito de cidadania e se expande para além dos direitos individuais, apresentando-se numa dimensão coletiva. É por meio da participação que os adolescentes podem expressar as suas opiniões e buscar legitimação do ser adolescente na sociedade. Além disso, podem garantir oportunidade para o desenvolvimento e para a superação de vulnerabilidades (UNICEF, 2011).

Sendo assim, em conformidade com as diretrizes que norteiam as concepções e práticas sobre a adolescência, é evidente que a participação é fundamental para esse período de desenvolvimento, no entanto, isso nem sempre é possível na família, escola e comunidade dos quais fazem parte, devido às situações de vulnerabilidade em que se encontram. Neste estudo evidencia-se a participação e busca por pertencimento que acontecem por meio das ações e práticas religiosas, junto a um grupo de pessoas adeptos das mesmas práticas.

A categoria “Proteção” refere-se à confiança e segurança dos adolescentes em um “sentido último”, principalmente relacionado à ajuda, apoio e livramento em situações que envolvem risco e vulnerabilidade. Todos os adolescentes, com exceção de Menor, relatam experiências de pedido de ajuda ou mesmo da evidência de ajuda em momentos de necessidade. Tal ajuda e apoio dizem respeito às relações transcendentais, o que facilita a

superação do sentimento de solidão ou impotência diante das adversidades da vida, ou seja, mesmo que os adolescentes estejam sozinhos e não sintam proteção vindas de relações interpessoais, podem se sentir amparados e assim confiantes em um Ser Superior. Dessa forma, o sentido de proteção está mais relacionado à saúde mental e bem-estar do adolescente do que a inibição de prática de atos infracionais. Nessa perspectiva, um estudo realizado com adolescentes encarcerados brasileiros sugeriu que a espiritualidade pode desempenhar um importante papel na proteção da saúde mental de populações juvenis de alto risco (HUCULACK; MCLENNAN, 2010).

A categoria “Sentido de ligação afetiva” representa o anseio dos adolescentes pela experiência de relações interpessoais, baseadas em confiança, cuidado e pertencimento. Diferente da categoria “Proteção”, em que a segurança está em um vínculo transcendental, nesta categoria a segurança é buscada nas relações concretas cotidianas. Os adolescentes citam a igreja, novas amizades e relações afetivas sexuais como possibilidade de viver a afetividade e a experiência de vínculos seguros. Por outro lado, retratam a frustração em não conseguirem manter vínculos duradouros e evidenciam, em suas histórias de vida, relações de descontinuidade e rompimentos.

Suicida é um jovem que idealiza uma relação afetiva sexual saudável, ao mesmo tempo que é possível identificar em sua história de vida relações fragilizadas e falta de pertencimento a grupos. O jovem relata fragilidade em seu namoro, conta estar vivendo um momento de insegurança em relação à namorada, pois sente que gosta mais dela do que ela dele; teve dificuldade em permanecer na escola, por isso está em situação de evasão escolar; tem dificuldade de relacionamento com o pai e o irmão; está prestando serviço diário na oficina de sapatos do irmão, porém não tem vínculo empregatício. Ou seja, todas as possibilidades de vínculo do adolescente são frágeis e supõem sentimento de insegurança e não propriedade ou pertencimento.

Outro exemplo é Cris que, embora viva em situação de risco social, esteja em situação de absenteísmo escolar, tenha pais separados, não tenha emprego formal e tenha um irmão encarcerado, sugere pertencimento ao meio em que está inserido, afirmando-se como protagonista e até mesmo responsável pela organização e sustento familiar e, assim, como uma pessoa aceita e legitimada na comunidade. Os resultados de um estudo realizado por Amparo, Alces e Cárdenas (2004), com adolescentes em situação de risco de Brasília, apontaram que o senso de identidade e pertencimento são vistos como importantes aspectos na vida dos adolescentes em situação de risco, que apresentam a família e as relações de amizade como referências de cooperação/apoio, de afeto e de confiança.

Assim, os achados deste estudo evidenciaram a importância do contato social amplo para o estabelecimento das relações de amizade e indicam o papel de proteção que desempenham, uma vez que são definidas, principalmente, pelas características de cooperação/apoio, projetando uma perspectiva de uma rede sócio-afetiva com características de afetividade.

Nessa perspectiva, BUKOWSKI (1998) argumentam que a vivência da amizade promove um contexto para o crescimento de competências sociais, propiciando segurança emocional e suporte, além de funcionar como predecessor de relações afetivas posteriores e como propulsor da superação de interações empobrecidas com figuras parentais, assim como seus efeitos negativos em comportamentos no contexto social.

A categoria “Motivação” sugere as finalidades de se ter fé para os adolescentes, ou seja, o que motiva o adolescente a professar fé? As motivações são ilustradas por ações e pensamentos relacionados principalmente ao projeto de vida, ao enfrentamento das adversidades, resiliência e superação. Todos os adolescentes expressam fé na conquista de bens materiais, como a compra de carro, moto e casa.

Menor refere-se apenas a conquistas materiais como representação de sua fé e relaciona o alcance do objetivo com o seu próprio trabalho, justificando que a fé motiva a pessoa ao trabalho. Benê justifica a importância da fé como possibilidade de ser resiliente, ou seja, continuar acreditando mesmo diante de situações difíceis. M7 também afirma que a fé ajuda as pessoas a passarem por momentos frágeis com tranquilidade e criatividade. Cris acredita que a fé o motiva a acreditar em si mesmo e isso lhe dá forças para continuar provendo a família e a si mesmo. Nessa perspectiva, um estudo realizado com adolescentes brasileiros em conflito com a lei revela que a religiosidade pode contribuir no enfrentamento de situações adversas e estressoras, estimulando a resiliência, a expectativa de futuro e a motivação para mudança (HUCULACK; MCLENNAN, 2010).

A categoria “Deus criador/onipresente” refere-se à figura paternalista de Deus, em que exerce função provedora, criadora, protetora e de vigilância e controle. Tal Deus é materializado por meio da representação de proteção, ao mesmo tempo que de inibição, pois é onipresente, vive sobre todas as coisas e exerce influência em tudo que seja inerente à vida.

Benê aborda a existência de um Deus criador da vida. Feijão já representa um Deus vigilante e que deve ser respeitado sobre todas as coisas. Além disso, acredita que Deus é criador e influenciador da vida não apenas em relação à existência das coisas, mas também em relação ao desenvolvimento social e econômico da humanidade. É possível perceber que tal figura de Criação e Onipresença é representada apenas pelos adolescentes adeptos de

religiões cristãs, como o catolicismo e as religiões evangélicas. Essa ideia vem ao encontro da análise feita por Hinkel e Prim (2009) das letras das músicas de MV Bill, destacando a música “Só Deus pode me julgar”, em que é compreendido que apenas Deus tem o poder de julgamento, sendo o único capaz de saber, de fato, a realidade que vivenciam.

A partir das apresentações, é possível afirmar que este grupo de adolescentes em conflito com a lei apresenta diferentes experiências e significados de fé e religiosidade, no entanto, todos revelam associação primordial a projeto de vida, principalmente relacionado a conquistas de bens materiais. Dessa forma, pode-se dizer que a fé dos adolescentes gira em torno de suas motivações pela vida e delas surgem outras necessidades, especialmente de apoio e segurança. Para a realização de seus projetos de vida é necessário relações interpessoais seguras/vínculo afetivo, proteção e até onipresença divina, muitas vezes invocadas por meio de ações e rituais ou uso de objetos e símbolos religiosos.

Esse movimento do adolescente em conflito com a lei reafirma a autonomia característica dessa fase, podendo ser definida aqui como a criação de estratégias, coerentes com a sua vida, para atender a suas necessidades imediatas e possibilitar o seu impulso de sonhar e idealizar projetos futuros. Ou seja, pode ser entendida como posicionamento e enfrentamento de situações concretas em seus contextos de vida. Assim, os resultados deste estudo aproximam-se da perspectiva de Huculack e McLennan (2010), que aponta a fé e a religiosidade como fatores relacionados à saúde mental do adolescente e não como fatores protetivos para o envolvimento com o crime.

Por outro lado, estudos revelam que a fé e a religiosidade isoladas dificilmente protegem a pessoa do envolvimento com o crime, pois o processo de desistência é facilitado pela espiritualidade em associação com outros elementos sociais e econômicos (GIORDANO et al., 2008; BEAVER et al., 2009, SALAS-WRIGHT et al., 2012; SALAS-WRIGHT; OLATE; VAUGHN, 2013).

No entanto, este estudo revelou que o adolescente que menos tem participação religiosa e o único que não faz referência a um “sentido último”, é o adolescente que possui a rede de apoio mais fortalecida, caracterizada pela presença e monitoramento familiar, trabalho formal e curso regular no devido ano escolar. Nesse caso, sugere-se que os fatores sociais e econômicos foram importantes para o afastamento do crime, sem nenhuma associação direta do jovem com religiosidade. Mas, destaca-se, por outro lado, a religiosidade familiar do adolescente, marcada por participação e orientação religiosa ao jovem. Nessa perspectiva, é possível estabelecer concordância com achados de estudos que afirmam que a religiosidade familiar influencia indiretamente na trajetória delinquente do adolescente, pois sugere maior

participação e controle parental. (PEARCE; HAYNIE, 2004; SIMONS; SIMONS; CONGER, 2004; PETTS, 2007, 2009; LI, 2014; KHOURY-KASSABI; KHOURY; ALI, 2015).

Assim, este estudo evidencia que a fé e a religiosidade dos adolescentes estão relacionadas ao enfrentamento de situações concretas de suas vidas, associadas ou não a religiosidade parental. Nesta perspectiva, tais aspectos podem ser considerados elementos importantes na abordagem de saúde ao adolescente. Desta forma, a fé e a religiosidade podem assumir grande importância para as diferentes profissões do campo da saúde, pois permite reflexões inerentes à espiritualidade como quesito essencial em termos de cuidado integral a saúde do adolescente. Um estudo sobre a espiritualidade e saúde (Ballarin, et. al., 2016) revelou a necessidade de desenvolvimento de estudos e aprofundamento na reflexão sobre a temática, visando o cuidado humanizado e integral que envolve as questões relacionadas à espiritualidade na saúde.

Na atualidade, o cuidado humanizado, integral e interdisciplinar forma um pilar norteador da atuação de diferentes profissionais de saúde. Isso sugere que o cuidado deve se basear no desenvolvimento e na compreensão da totalidade do ser humano, sendo necessário incluir a espiritualidade e a religiosidade como dimensões essenciais para o seu desenvolvimento. (BALLARIN, et. al., 2016). Tais aspectos já foram incluídos no conceito multidisciplinar de saúde pela OMS (1998) e pode ser abordado de diferentes formas na prática do cuidado ao adolescente autor de atos infracionais.

Diante das questões discutidas, os significados atribuídos à fé e religiosidade por adolescentes em conflito com a lei diferem dos de adolescentes que não estejam nessa condição?

Considerando que a adolescência é marcada pelo desenvolvimento da autonomia e construção de projeto de vida e que os achados deste estudo apontaram que a fé desses adolescentes está diretamente ligada a esses aspectos, é possível sugerir que a fé vivenciada por adolescentes em geral contemple as mesmas questões, e assumam também características peculiares com que cada indivíduo busca resolver ou realizar os seus objetivos.

Um estudo realizado com adolescentes escolares do Triângulo Mineiro revelou relação positiva entre religiosidade e os valores dos adolescentes, destacando a família, amigos, estudos, consciência política e autonomia de pensamento como os principais valores expressos (TACELI; FREITAS, 2014). Tais aspectos, referidos como valores, sugerem valorização das relações interpessoais, ânsia por conhecimento, provavelmente relacionado a projeto de vida profissional, desenvolvimento da autonomia e formação de opinião, valores também identificados nos adolescentes em conflito com a lei. A diferença está nos contextos

de vida, que elencam diferentes prioridades, promovem diferentes experiências e, conseqüentemente, motivam a formação de diferentes concepções, opiniões e estratégias para viver o que lhes é importante e alcançar o objetivo que almejam. Assim, sugere-se que a fé está relacionada a questões concretas da vida cotidiana inerentes a essa fase do ciclo vital.

7 CONCLUSÃO

O estudo realizado apontou a fé e religiosidade como uma dimensão da vida de adolescentes em conflito com a lei, que se desdobra como fatores de motivação, proteção, identificação, sentido de ligação afetiva, Deus criador/onipresente, vivenciados a partir de símbolos e referências e de ações e rituais. Assim, foi possível identificar que tais aspectos não os protegem diretamente da prática de atos infracionais, mas oferece recursos para o enfrentamento das adversidades do cotidiano, mesmo quando relacionadas a práticas de tais atos. Pode-se pensar que a fé e religiosidade de adolescentes em conflito com a lei não se distingue, em sua natureza, da fé e religiosidade de adolescentes que não estão nessa situação.

O método utilizado como instrumento facilitador da coleta de dados se mostrou adequado aos participantes e ao tema de pesquisa, uma vez que os adolescentes têm familiaridade com a fotografia e com o aparelho celular como recurso fotográfico. Por meio das fotografias, os adolescentes foram capazes de apresentar o seu mundo de significados conseguindo expressar suas vivências e significados de fé e religiosidade de forma ampla e singular. A fotografia permitiu aos adolescentes entrar em contato com tais aspectos da vida anteriormente à entrevista individual, o que favoreceu o aquecimento e facilitou a narrativa. A oficina de fotografia, os encontros individuais e o encontro em grupo legitimaram o adolescente, valorizando e estimulando sua autonomia e o seu protagonismo. Sendo assim, a estratégia metodológica foi uma potencialidade do estudo.

Por outro lado, o estudo limitou-se aos significados atribuídos pelos próprios adolescentes e não se aprofundou nas relações destes com outros elementos de suas vidas que podem ser fatores protetores quando em interação. Mesmo que a família, a escola e o trabalho tenham sido discutidos, ainda foram pouco explorados aqui, por não se tratar do objetivo de investigação. Sendo assim, é importante que novos estudos sejam propostos a partir do princípio da fé e religiosidade como fator relacionado à saúde e como eixo norteador para a atenção integral à saúde do adolescente, avançando na proposta de interagir tal elemento com outras facetas de suas vidas.

Além disso, o conhecimento acerca desse assunto pode ser avançado a partir de pesquisas com adolescentes que não estejam em cumprimento de medida socioeducativa ou que não sejam considerados autores de atos infracionais. Nesse caso, os resultados seriam diferentes? A comparação dos resultados contribuiria para o campo científico.

Sugere-se que a fé e a religiosidade de adolescentes em conflito com a lei sejam consideradas nos serviços que os atendem como possibilidade de escuta de suas motivações e

posicionamento diante da vida e de suas adversidades. A fé, conforme considerada neste estudo, pode ser princípio norteador para o desenvolvimento de metodologias, projetos e até políticas sociais relacionadas à atenção integral à saúde do adolescente.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

ALVI, P.; MARCELLI, D. **Médecine de l'adolescente**. Paris: Masson, 2005

ALMENDRA, D. Crime, religião e consumo: representações sociais da juventude entre o conflito e a espiritualidade do Rap. **Verso e Reverso**, Unisinos, v. 27, n. 66, p. 214-226, set. 2013. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2013.27.66.08/3795>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

AMATUZZI, M. M. Experiência religiosa: busca de uma definição. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 15, n. 1, pp. 49-65, 1998a. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v15n1/04.pdf>>. Acesso em abril de 2016.

_____. Experiência religiosa: estudando depoimentos. *Estudos de psicologia*, Campinas, v. 15, n.2, pp. 3-27, 1998b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v15n2/01.pdf>>. Acesso em abril de 2016.

_____. Religião e sentido da vida: um estudo teórico. *Temas em psicologia*, Ribeirão Preto, n. 2, v. 7, p. 183-190, 1999. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1999000200008>. Acesso em abril de 2016

_____. O desenvolvimento religioso: uma hipótese psicológica. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 15-30, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v17n1/02.pdf>>. Acesso em abril de 2016.

_____. **Psicologia do desenvolvimento religioso**: a religiosidade nas fases da vida. São Paulo: Idéias e Letras, 2015.

AMATUZZI, M. M; et. al. *Psicologia na comunidade: uma experiência*. Campinas: Ed. Alínea, 1996.

AMPARO, D. M. et al. Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: redes de apoio social e fatores pessoais de proteção. **Estudos de psicologia**, Natal, v. 13, n. 2, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2008000200009>. Acesso em: 30 mai. 2014.

AMPARO, D. M.; ALCES, P. B.; CÓRDENAS, C. J. Pertencimento e identidade em adolescentes em situação de risco de Brasília. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 14, n. 1, p.11-20, 2004.

ANDRE, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. 6 ed. Campinas: Papirus, 2001.

BALLARI, M. L. G. S., et. al. Espiritualidade e saúde no contexto da Terapia Ocupacional. **Rev. Ciênc. Méd.**, Campinas, v. 25, n. 3, pp. 135-144, 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um Manual prático**. 7. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BAZON, M. R.; SILVA, J. L.; FERRARI, R. M. Trajetórias escolares de adolescentes em conflito com a lei. **Educ. Revista** [online], Belo Horizonte, v. 29, n. 2, pp.175-199, 2013.

BEAVER, K. et al. A gene x environment interaction between DRD2 and religiosity in the prediction of adolescents delinquent involvement in a sample of males. **Biodemography and social biology**, v. 55, n.1, p. 71-81, 2009.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. A Pesquisa em Psicologia - análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. In: ROMANELLI, G.; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. (Orgs.). **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa**. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998. p. 135-157.

BOUCHARD, C. Les années lumières. Conferência apresentada no Congresso da Sociedade Internacional de Psiquiatria e Psicologia do Adolescente. Montreal, jul. 2007. doi:79722008000100016&script=sci_arttext. Acesso em: 30 mai. 2014.

BRANCO, B. M; WAGNER, A; DEMARCH, K. A. Adolescentes infratores: rede social e funcionamento familiar. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 125-132. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102->>. Acesso em: 30 mai. 2014.

BRASIL. LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. **Estatuto da criança e do adolescente (ECA)**. Brasília, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 30 mai. 2014.

_____. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Adolescente e Jovem**. Brasília, 2006. Disponível em:

<<http://www.redesaude.org.br/home/conteudo/biblioteca/biblioteca/politicas-e-programas/013.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2014.

_____. Ministério de Desenvolvimento Social. **Tipificação nacional de serviços assistenciais**, 2009. Disponível em :

<<http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/arquivo/Tipificacao%20Nacional%20de%20Servicos%20Socioassistenciais.pdf/view>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

BROWN, B. B. Moving forward with Research on Adolescence: some reflections on the State of JRA and the State of the field. **Journal of Research on Adolescence**, v. 15. p. 657-673, 2005.

BUBER, M. **Eclipse de Dios** – Estudios sobre las relaciones entre religion y filosofia. Buenos Aires: Nueva Vision, 1984.

BUKOWSKI, W. M. **The company they keep**: friendship in childhood and adolescence. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

CAMBOIM, A; RIQUE, J. Religiosidade e espiritualidade de adolescentes e jovens adultos. **Revista Brasileira de História das Religiões**, ano III, n. 7, 2010. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf6/11Aurora.pdf>>. Acesso em 2 ago. 2014.

CLOUTIER, R.; DRAPEUAU, S. **Psicologia da adolescência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

COLLIER, J. **Antropologia visual**: a fotografia como método de pesquisa. São Paulo: EPU/Edusp, 1973.

DELL'AGLIO, D. D. et al. Eventos estressores no desenvolvimento de meninas adolescentes cumprindo medidas socioeducativas. **Padéia**, v. 15, n. 30. p. 119-198, 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v15n30/13.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2014.

FACUNDO, F. R. G; PEDRÃO, L. J. Fatores de riscos pessoais e interpessoais no consumo de drogas ilícitas em adolescentes e jovens marginais de bandos juvenis. **Rev. Latino Americana Enfermagem**, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v16n3/pt_06.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2014.

FEIJÓ, M. C.; ASSIS, S. G. O contexto de exclusão social e de vulnerabilidades do jovens infratores e de suas famílias. **Estudo de Psicologia**, v. 9, n. 1, p. 157-166, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n1/22391.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2014

FERRANDIZ, F. Vieras abiertas e africanos y vikingos entre los jóvenes espiritistas venezlanos. In: FERRANDIZ, F.; FEIXA, C. (org.). **Jóvenes sin tregua: culturas y políticas de la violencia**. Barcelona. Antrophos, 2005. p. 171-184.

FRENCH, S. E.; et al. Racial/ Ethnic Indetify, Congruence with the Social Context, and the Transition to High School. **Journal of adolescent Research**, v. 15. p. 587-602, 2000.

FROMM, E. Análise do Homem, 9ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. Citado por AmatuZZi, M. M. In: Religião e Sentido da Vida (Cap. 1), In: Psicologia do Desenvolvimento religioso: a religiosidade nas fases da vida, 2015.

FURSTENBERG, F. F. The sociology of adolescence and youth in the 1990s: a critical commentary. **Journal of marriage and the family**, v. 62, p. 869-910, 2000.

GAUTHIER, M. La jeunesse au Quebec. Quebec: Instituto Quebequense de Pesquisa sobre a Cultura/ Universidade de Laval, 2003.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIORDANO, P. C. et al. A life-course perspective on spitituality and distance from crime. **Criminology**, v. 46, n. 1, 2008.

HINKEL, J.; PRIM, L. F. Um estudo psicossocial dos significados e sentidos expressos nas músicas de MV Bill. **Estudos de Psicologia**, v. 14, n. 2, p. 151-158, mai./ago. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v14n2/a08v14n2>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

HIRSCHFIELD, P. Another way out: Th e impact of juvenile arrests on high school dropout. **Sociology of Education**, v. 82, n. 4, p. 368-393. doi: 10.1177/003804070908200404

HJALMARSSON, R. Criminal justice involvement and high school completion. **Journal of Urban Economics**, v. 63, n. 2, p. 613-630, 2008. doi: 10.1016/j. jue.2007.04.003

HOURY-KASSABI,M; KHOURY, N; ALI. R. Aarab youth involvement in delinquency and political violence and parental control: the mediating role of religiosity. **Am J Orthopsychiatry**, v. 85, n. 6, p. 576-85, nov. 2015. doi: 10.1037/ort0000079.

HOUTART, G. F. **Mercado e religião**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

HUCULACK, S.; McLENNAN, J. D. The Lord is my shepherd: examining spirituality as a protection against mental health problems in youth exposed to violence in Brazil. 2010. **Mental Health, Religion and Culture**, v. 13, n. 5, p. 467-484, 2010.

JOHNSON, M. C.; MORRIS, R. G. The moderating effects of religiosity on the relationship between stressfull and delinquent behavior. **Journal of criminal justive**, v. 36, n. 6, p. 486-493, 2008.

JUSTO, C. S. S. **Os meninos fotógrafos e os educadores: viver na rua e no Projeto Casa**. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

JUSTO, J. S. **Olhares que contam histórias: a fotografia como memórias e narrativas da família**. 2008.139f. Dissertação (Mestrado em Psicologia e Sociedade) – Faculdade de Psicologia, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, 2008.

KELLY, E. P. et al. Religion, delinquency and drug use. **Criminal justice review**, v. 40, n. 4, p. 505-523, 2015.

KHOURY-KASSABI, M.; KHOURY, N.; CELI, R. Arab youth involvement in delinquency and political violence and parental control: the mediating role of religiosity. **American journal of orthopsychiatry**, v. 85, n. 6, p. 576-585, 2015.

KOENIG, H. G. ; McCULLOUGH, M. E.; LARSON, D. B. **Handbook of religion and health**. New York (NY): Oxford University Press, 2001.

KOENIG, H. G.; KING, D.; CARSON, V. B. **Handbook of religion and health**. 2nd edition. New York: Oxford University Press, 2012.

LAIRD, R. D.; MARKS, L. D.; MARRETO, M. D. Religiosity, self-control and antissocial behavior: religiosity as a promotive and protective fator. **Journal of applied developmental psychology**, v. 32, n.2, p. 78-85, 2011.

LeBLANC, M. Les comportements violents des adolescents, um phénomène particulier. In: PROULX, J.; CUSSON, M.; QUIMET, M. (orgs). **Les violences criminelles**. Quebec: Universidade Laval, 1999.

LEE, M. R.; BARTKOWSKI, J. P. Civic participation regional subculture and violence: the differential effects of secular and religious participation ond adult and juvenile homicide. **Homicide studies: an interdiscliplinar e international journal**, v. 8, n. 1, p. 5-39, 2004.

LI, S. D. Familial religiosity, family process and juvenile delinquence in a national sample of early adolescents. **Journal of early adolescence**, v. 34, n. 4, p. 436-462, 2014.

LIMA, I. M. S. O. et al. Experiências de violência intrafamiliar entre adolescentes em conflito com a lei. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 16-24, 2006.

MALVASI, P. A. Entre a frieza, o cálculo e a “Vida Loka”: violência e sofrimento no trajeto de um adolescente em cumprimento de medida socioeducativa. 2011. **Saúde Social**, São Paulo, v. 20, n.1, p. 156-170, 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/download/29780/31661>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MELLEIRO, M. M.; GUALDA, D. M. R. Explorando o fotovoz em um estudo etnográfico: uma estratégia de coleta de dados. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 58, n. 2, p. 191-193, mar./abr. 2005.

MESLIN, M. **A experiência humana do divino** - fundamentos de uma antropologia religiosa. Petrópolis/ RJ: Vozes, 1992.

MESLIN, M. A experiência humana do divino - fundamentos de uma antropologia religiosa. Petrópolis/ RJ: Vozes, 1992. Citado por AMATUZZI, M. M. In: *Religião e Sentido da Vida*, Cap. 1. In: *Psicologia do desenvolvimento religioso: a religiosidade nas fases da vida*, 2015.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

OLIVEIRA, I. M. **O direito de ser adolescente: oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades**. Brasília. In: UNICEF. *Situação da adolescência brasileira*. UNICEF, 2011.

ORSOLIN, L. T; TOROSSIAN, S. D. **Carto(foto)grafando o encontro de migrantes brasileiros com a China**. São Leopoldo. 2008. 86 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008. Disponível em: <<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/Cartofotografando%20.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2014

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PATERNOSTRO, R.C.C. **O uso da fotografia como instrumento no processo de orientação vocacional para adolescentes**. São Paulo, 2006. 119f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

PEARCE, L. D.; HAYNIE, D. L. Intergeracional religious dynamics. **Social forces**, v. 82, n. 4, p. 1553-1572, 2004.

PEREIRA, S. E. F. N.; SUDBRACK, M. F. O. Drogadição e atos infracionais na voz do adolescente em conflito com a lei. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 24, n. 2, p. 151-159, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v24n2/03.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2014.

PERES, F; SIMÃO, M.; NASELLO, A. Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. **Revista Psiquiatria Clínica**, v. 34, n. 1, p. 136-145, 2007.

PETTS, R. J. Family and religious characteristics' influence on delinquency trajectories from adolescence to young adulthood. **American sociological review**, v. 74, n. 3, p. 465-483, 2009.

PETTS, R. J. The influence of family and religion on trajetories of delinquent behavior from early adolescence to young adulthood. **Conference papers**. American sociological association, 2007.

PRANDI, R. As religiões afro-brasileiras nas ciências sociais: uma conferência, uma bibliografia. **Revista Brasileira de Informação bibliográfica em ciências sociais**, BIB-ANPOCS, São Paulo, n. 63, 2007.

PRIULI, R. M. A.; MORAES, M. S. Adolescentes em conflito com a lei. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 12, n. 5, p. 1185-1192, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csc/v12n5/09.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

RIBEIRO, F. M. L.; MINAYO, M. C. S. O papel da religião na promoção da saúde, na prevenção da violência e na reabilitação de pessoas envolvidas com a criminalidade: revisão de literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 6, p. 1773-1789, 2014.

ROSSARI, U. V. S.; MOTTA, M. G. C. Uso da fotografia como método de coleta de informações: estudo qualitativo com adolescentes com câncer. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 30, n. 3, 2009.

SALAS-WRIGHT, C. et al. Religiosity profiles of american youth in relation to substance use, violence and delinquency. **Journal of youth and adolescence**, v. 41, n. 12, p. 1560-1575, 2012.

_____. Direct and mediated associations between religious coping, spirituality and youth violence in El Salvador. **Revista pan-americana de salud publica**, v. 34, n. 3, p. 183-189, 2013.

_____. Religiosity and antisocial behavior: evidence from young african american women in public housing communities. **Social work research**, v. 39, p. 82-93, 2015.

SALAS-WRIGHT, C. P.; OLATE, R.; VAUGHN, M. G. The protective effects of religious coping and spirituality on delinquency: results among high-risk and gang-involved Salvadoran youth. **Criminal Justice and Behavior**, v. 40, n. 9, p. 988-1008, 2013.

SALAS-WRIGHT, C. P.; VAUGHN, M. G.; MAYNARD, B. R. Religiosity and violence among adolescents in the United States: finding from the national survey on drug use and health. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 29, n. 7, p. 1178-1200, 2014.

SANCHEZ, P. V. La experiencia vinculante afectiva del sujeto adolescente infractor. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 10, n. 1, pp. 453-465, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/rlcs/v10n1/v10n1a29.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

SÃO PAULO. **Um município para as crianças**. Fundação Abrinq: São Paulo, 2009.

_____. Secretaria de Desenvolvimento Social. **Caderno de orientações técnicas e metodológicas de medidas socioeducativas (MSE), de Liberdade Assistida (LA), e Prestação de Serviço Continuado (PSC)**. Secretaria de Desenvolvimento Social: São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/412.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2014.

_____. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - CONANDA. **SINASE. Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo**. Disponível em: <http://www.condeca.sp.gov.br/legislacao/sinase_integra.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2014.

SIMONS, L. G.; SIMONS, R. L.; CONGER, R. D. Identifying the mechanisms whereby family religiosity influences the probability of adolescent antisocial behavior. **Journal of comparative family studies**, v. 34, n. 2, p. 547-563, 2004.

SOUZA, E. M.; SILVIA-ABRÃO, F. P.; OLIVEIRA-ALMEIDA, J. Desigualdade social, delinquência e depressão: um estudo com adolescentes em conflito com a lei. **Rev. salud pública**, v. 13, n. 1, 2011. Disponível em:

<http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0124-00642011000100002>. Acesso em: 15 jul. 2014.

SPAGNOL, A. S. Jovens delinquentes paulistanos. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 17, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a12v17n2>>. Acesso em: 02 jul. 2014.

STEINBERG, L.; MORRIS, A. S. Adolescent Development. **Annu Rev Psychol.**, n. 52, p. 83-110, 2001. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11148300>>. Acesso em: 02 jul. 2014.

STOPPA, A.; MOREIRA, A. A religiosidade e saúde. In: SALGADO, M.; FREIRE, G. (Org). **Saúde e espiritualidade: uma nova visão da medicina**. Belo Horizonte: Inede, 2008.

TACELI, I. C.; FREITAS, M. H. **Religiosidade e valores em adolescentes de uma cidade do Triângulo Mineiro – Brasil**. 2014. 223 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2014.

TOLDSON, I. A., WOODSON, K. M., BRAITHWAITE, R., HOLLIDAY, R. C., & DE LA ROSA, M. (2010). Academic potential among African American adolescents in juvenile detention centers: Implications for reentry to school. *Journal of Offender Rehabilitation*, 49(8), 551-570. doi: 10.1080/10509674.2010.519666

UNICEF. Situação da adolescência brasileira 2011. **O direito de ser adolescente: oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades**. Brasília, 2011.

VAZ, H. de L. *Escritos de Filosofia: problemas de fronteira*. São Paulo: ed. Loyola, 1986. Citado por AMATUZZI, M. M. In: *Experiência Religiosa: Elementos Descritivos*, Cap. 4. In: *Psicologia do desenvolvimento religioso: a religiosidade nas fases da vida*, 2015.

VAZ, H. de L. **Escritos de filosofia: problemas de fronteira**. São Paulo: ed. Loyola, 1986.

VELLOSO, M. P.; GUIMARÃES, M. B. L. A imagem na pesquisa em saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 18, n. 1, p. 245-252, 2013.

VINCENTIN, M. C. G. Corpos em rebelião e o sofrimento-resistência. Adolescentes em conflito com a lei. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 23, n. 1. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v23n1/v23n1a05>>. Acesso em 12/07/2014.

VOLPE, A. J. **Fotografia, narrativa e grupo**: lugares onde pôr o que vivemos. São Paulo, 2007. 197 f. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

WASELFISZ, J. J. Secretaria Nacional da Juventude. **Mapa da violência**: jovens do Brasil. Brasília, 2014. Disponível em:
<http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2014.

WASELFISZ, J. J. Secretaria Nacional da Juventude. Mapa da violência: mortes matadas por armas de fogo. Brasília, 2015. Disponível em:
<<http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

WANG, C.; BURRIS, M. A. **Photovoice**: concept, methodology, and use for participatory needs assessment. Health Education & Behavior, 1997.

WHO. World Health Organization. **Adolescent Health**. Disponível em:
<http://www.who.int/topics/adolescent_health/en/>. Acesso em: 15 jun. 2014

_____. Department of mental health. WHOQOL and spirituality, religiousness and personal beliefs (SRPB). Geneva: WHO; 1998.

ZAPPE, J. G.; DIAS, A. C. G. Violência e fragilidades nas relações familiares: refletindo sobre a situação de adolescentes em conflito com a lei **Estudos de Psicologia**. v. 17, n. 3, p. 389-395, 2012. <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v17n3/06.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE ASSENTIMENTO

Convite

Prezado Jovem,

Você está sendo convidado a participar do estudo **“As experiências e percepções de adolescentes em conflito com a lei sobre fé e religiosidade”**, que pretende conhecer as experiências e percepções dos adolescentes sobre fé e religiosidade. Após ser esclarecido sobre a pesquisa e caso aceite participar, receberá uma via deste documento assinada pelo pesquisador e a outra, assinada por você, ficará arquivada na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. O responsável por você também deve ser esclarecido sobre o estudo e autorizar a sua participação.

➤ O que devo fazer para participar desse estudo?

Você deverá participar de uma oficina de fotografia, uma entrevista individual e um encontro em grupo. Na Oficina de Fotografia você terá a oportunidade de ampliar os seus conhecimentos sobre as técnicas básicas de fotografia e também receberá orientações sobre fotografar cenas relacionadas ao tema da pesquisa. A entrevista individual tem o objetivo de conhecer um pouco mais sobre você e a sua história e conversar sobre as fotografias que você mesmo tirou. E, por fim, o encontro com todos os participantes da pesquisa, acontecerá para que os participantes conheçam todas as fotografias tiradas, sem que os autores sejam identificados, conversem sobre elas e encerrem o estudo.

➤ Onde será realizado o estudo? E qual o tempo de duração de cada etapa?

O primeiro e o último encontros serão realizados na Casa da Cultura de Franca. Já a entrevista individual será realizada na ESAC. A oficina de fotografia terá a duração de 3h, a entrevista individual aproximadamente 1h e o último encontro em grupo 2h, sendo que os dias e horários serão combinados com os participantes. A entrevista e as oficinas serão gravadas em áudio.

Posso tirar foto de pessoas?

Esclarecemos desde já que para você fotografar pessoas, primeiramente deverá obter a autorização das mesmas por meio da assinatura do Termo de Cessão de Imagem. Este documento será entregue à você pela pesquisadora com orientações para o seu uso. E caso queira fotografar alguém, deverá apresentar-lhe o documento e recolher a sua assinatura, e posteriormente, entrega-lo assinado à pesquisadora. Além disso, as imagens terão os rostos distorcidos com o uso de programas de alteração de imagem, de modo que as pessoas não sejam identificadas.

➤ **Existe algum risco ou benefício da minha participação no estudo?**

A sua participação na pesquisa pode lhe causar algum desconforto imediato, devido a exposição da sua história e das suas práticas e crenças religiosas e espirituais, no entanto se isso acontecer e você quiser interromper a conversa poderá fazê-lo sem nenhum prejuízo a você. Caso queira se estender sobre a questão que o incomodou você poderá conversar com a responsável pela pesquisa. Por outro lado, a pesquisa pode lhe beneficiar, pois lhe dará oportunidade de participação em uma oficina de fotografia, que deve lhe apresentar conceitos técnicos e práticos sobre como utilizar o dispositivo fotográfico, o que lhe favorecer com novos conhecimentos e até mesmo com o despertar de uma nova possibilidade de formação profissional. Além disso, a pesquisa beneficiará o campo de estudos sobre os adolescentes em conflitos com a lei, uma vez que compreender as suas experiências e percepções sobre fé e religiosidade pode ser um ponto de partida para a elaboração de novas propostas de políticas públicas direcionados aos jovens.

➤ **Sou obrigado a participar?**

Não. É importante saber que a sua participação nesta pesquisa é voluntária. Você pode desistir de participar a qualquer momento e a recusa em participar não irá causar nenhum problema na Medida Socioeducativa ou com a família, porém a sua participação e assiduidade é muito importante para o desenvolvimento deste estudo.

➤ **Terei algum custo ou benefício financeiro?**

Não haverá nenhum custo ou benefício financeiro caso aceite participar, no entanto você receberá os passes de ônibus necessários para o comparecimento nos encontros da pesquisa. Você tem direito à indenização, segundo as leis vigentes no país, caso ocorra dano decorrente de sua participação na pesquisa, por parte do pesquisador e das instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa.

➤ **Serei identificado?**

Não. Garantimos o seu anonimato, ou seja, você não será identificado em nenhum momento da pesquisa, porém você poderá criar um apelido relativo a como gostaria de ser chamado na pesquisa. Suas respostas e as fotografias que produzir irão se juntar com as dos outros jovens. Os resultados dessa pesquisa serão apresentados em congressos científicos sem identificar ninguém que tenha participado dela.

➤ **O que garante que serei respeitado durante a minha participação na pesquisa?**

Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de ética em pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, que tem a função de proteger eticamente o participante

da pesquisa. Desta forma, você será respeitado durante toda a participação na pesquisa, não sendo obrigado a participar de nenhuma fase desta.

➤ **E se eu tiver dúvidas, com quem posso conversar?**

Caso você sinta necessidade poderá conversar com a pesquisadora pessoalmente na ESAC ou pelo contato (16) 3315-3439, para apoio ou qualquer outro esclarecimento sobre a pesquisa.

Eu, _____ (seu nome), data de nascimento ____/____/____, recebi as informações acima e concordo em participar.

Franca,

Elaine Cristina Vilioni de Souza

Profa. Dra. Ana Maria Pimenta Carvalho

Contatos:

Elaine Cristina Vilioni de Souza

Profa. Ana Maria Pimenta Carvalho

Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP.

Avenida Bandeirantes, 3900. Ribeirão Preto.

Horário de funcionamento: Segunda à Sexta-Feira das 8h às 17h.

(16) 3315-9197

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convite

Estamos convidando o adolescente sob sua responsabilidade a participar do estudo "**As experiências e percepções de adolescentes em conflito com a lei sobre fé e religiosidade**", que pretende conhecer as experiências e percepções dos adolescentes sobre fé e religiosidade.

Após se esclarecer da pesquisa e caso autorize a participação do adolescente sob sua responsabilidade nesse estudo, você receberá uma via deste documento assinada pelo pesquisador, e a via assinada por você ficará arquivada na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

➤ O que o adolescente deve fazer para participar dessa pesquisa?

Ele deverá participar de uma oficina de fotografia, uma entrevista individual e um encontro em grupo. Na Oficina de Fotografia ele terá a oportunidade de ampliar os seus conhecimentos sobre as técnicas básicas de fotografia e também receberá orientações sobre fotografar cenas relacionadas ao tema da pesquisa. A entrevista individual tem o objetivo de conhecer um pouco mais sobre o adolescente, a sua história e conversar sobre as fotografias que ele mesmo tirou. E, por fim, o encontro com todos os participantes da pesquisa, acontecerá para que os participantes conheçam todas as fotografias tiradas, sem que os autores sejam identificados, conversem sobre elas e encerrem o estudo.

➤ Onde será realizado o estudo? E qual o tempo de duração de cada etapa?

O primeiro e o último encontros serão realizados na Casa da Cultura de Franca. Já a entrevista individual será realizada na ESAC. A oficina de fotografia terá a duração de 3h, a entrevista individual aproximadamente 1h e o último encontro em grupo 2h, sendo que os dias e horários serão combinados com os participantes. A entrevista e as oficinas serão gravadas em áudio.

➤ O adolescente pode tirar fotos de pessoas?

Esclarecemos desde já que para o jovem fotografar pessoas, primeiramente deverá obter a autorização das mesmas por meio da assinatura do Termo de Cessão de Imagem. Este documento será entregue à ele pela pesquisadora com orientações para o seu uso. E caso queira fotografar alguém, deverá apresentar-lhe o documento e recolher a sua assinatura, e posteriormente, entrega-lo assinado à pesquisadora. Além disso, as imagens terão os rostos distorcidos com o uso de programas de alteração de imagem, de modo que as pessoas não sejam identificadas.

➤ A participação nesse estudo pode causar algum risco ou benefício ao adolescente?

A participação do jovem na pesquisa pode lhe causar algum desconforto imediato, devido a exposição da sua história e das suas práticas e crenças religiosas e espirituais, no entanto se isso

acontecer e o jovem quiser interromper a conversa poderá fazê-lo sem nenhum prejuízo a ele. Caso queira se estender sobre a questão que o incomodou ele poderá conversar com a responsável pela pesquisa. Por outro lado, a pesquisa pode lhe beneficiar, pois lhe oportunizará a participação em uma oficina de fotografia, que deve lhe apresentar conceitos técnicos e práticos sobre como utilizar o dispositivo fotográfico, o que pode lhe favorecer com novos conhecimentos e até mesmo com o despertar de uma nova possibilidade de formação profissional. Além disso a pesquisa beneficiará o campo de estudos sobre os adolescentes em conflito com a lei, uma vez que compreender as suas vivências religiosas/ espirituais pode ser um ponto de partida para a elaboração de novas propostas de políticas públicas direcionadas aos jovens.

➤ **A participação do jovem nessa pesquisa é obrigatória?**

Não. É importante ressaltar que a participação do jovem nesta pesquisa é voluntária. O jovem pode desistir de participar a qualquer momento e a recusa em participar não irá lhe causar nenhum problema na Medida Socioeducativa ou com as autoridades, porém a sua participação e compromisso é muito importante para o desenvolvimento deste estudo.

➤ **O jovem terá algum custo ou benefício financeiro com a participação na pesquisa?**

Não haverá nenhum custo ou benefício financeiro caso aceite participar, no entanto ele receberá os passes de ônibus necessários para o comparecimento nos encontros da pesquisa. O jovem, ainda, tem direito à indenização, segundo as leis vigentes no país, caso ocorra dano decorrente de sua participação na pesquisa, por parte do pesquisador e das instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa.

➤ **O adolescente será identificado?**

Não. Garantimos o anonimato do jovem, ou seja, ele não será identificado em nenhum momento da pesquisa, porém poderá criar um apelido como gostaria de ser mencionado na pesquisa. Suas respostas e as fotografias que produzir irão se juntar com as dos outros jovens. Os resultados dessa pesquisa serão apresentados em congressos científicos sem identificar ninguém que tenha participado dela.

➤ **O que garante que o adolescente será respeitado durante a sua participação na pesquisa?**

Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, que tem a função de proteger eticamente o participante da pesquisa. Desta forma, o adolescente será respeitado durante toda a participação na pesquisa, não sendo obrigado a participar em nenhuma fase desta.

➤ **E se eu tiver dúvidas, com quem devo falar?**

Caso você sinta necessidade poderá conversar com as pesquisadora diretamente na ESAC ou pelo contato (16) 3315-3439, para apoio ou qualquer outro esclarecimento sobre a pesquisa.

Eu, _____ (seu nome),
responsável pelo adolescente _____ fui
informada(o) dos objetivos da pesquisa acima e sei que em qualquer momento poderei solicitar novas
informações no contato abaixo.

Franca,

Elaine Cristina Vilioni de Souza

Profa. Dra. Ana Maria Pimenta Carvalho

Contatos:

Elaine Cristina Vilioni de Souza

Profa. Ana Maria Pimenta Carvalho

Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP.

Avenida Bandeirantes, 3900. Ribeirão Preto.

Horário de funcionamento: Segunda à Sexta-Feira das 8h às 17h.

(16) 3315-9197

APÊNDICE C - TERMO DE CESSÃO DE IMAGEM

Eu _____ fui convidado por _____ para ser fotografada(o) para fins de um estudo sobre experiências e percepções de adolescentes em conflito com a lei sobre fé e religiosidade, realizado por pesquisadoras da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

Compreendo que a minha imagem será utilizada somente no estudo e deverá ser distorcida pela pesquisadora responsável Sra. Elaine Cristina Vilioni de Souza, afim de que eu não seja identificado(a).

Reconheço que a minha participação é voluntária, sendo assim não terei custos nem benefícios financeiros com a minha participação.

Estou ciente de que posso entrar em contato com a pesquisadora afim de esclarecimento da pesquisa mencionada.

Desta forma eu autorizo o uso da minha imagem para esta pesquisa.

Franca,

Nome Completo

Contatos:

Elaine Cristina Vilioni de Souza

Profa. Ana Maria Pimenta Carvalho

Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP.

Avenida Bandeirantes, 3900. Ribeirão Preto.

Horário de funcionamento: Segunda à Sexta-Feira das 8h às 17h.

(16) 3315-9197

APÊNDICE D - OFICINA DE FOTOGRAFIA**Questão norteadora para a produção das fotografias****Questão norteadora:**

Como você pode representar a sua fé em fotografias?

Pense sobre isso e com o seu próprio celular, fotografe imagens que possam responder essa questão. Não há certo ou errado, e sim aquilo em que você acredita.

APÊNDICE E - Roteiro – Segunda entrevista

Após as imagens serem passadas para o computador da pesquisadora, o participante será orientado da seguinte forma:

Vamos relembrar a pergunta que você deveria responder por meio de imagens...

Como você pode representar a sua fé em fotografias?

Agora vamos passando cada imagem. Veja todas e escolha três, aquelas que acha mais importantes para você.

Ao escolher, a pesquisadora norteará a entrevista pela questão:

- **O que estas imagens significam para você?**
- **Como você traz isso para o seu cotidiano?**
- **Quando você recorre a esse símbolo?**

Ao acabar de discorrer sobre as imagens, a pesquisadora deve fazer a seguinte questão:

Como foi fazer este trabalho?

APÊNDICE F - Roteiro - Entrevista I

1. Identificação

- 1.1 Sexo
- 1.2 Data de Nascimento/ Idade
- 1.3 Naturalidade
- 1.4 Grau de escolaridade
- 1.5 Se não estuda, quando e por que parou.
- 1.6 Trabalho
- 1.7 Composição Familiar (com quem mora? Grau de parentesco, idade, grau de escolaridade e profissão dos integrantes da família).

2. Histórico do cumprimento de medida socioeducativa

- 2.1 Quando você entrou no sistema judicial?
- 2.2 Por qual motivo?
- 2.3 A qual medida socioeducativa foi submetido, primeiramente? Em qual cidade?
- 2.4 Houve reincidência?
- 2.5 Além de você, alguém da sua família cumpriu medida socioeducativa ou foi privado de liberdade?
- 2.6 Qual a medida socioeducativa que você cumpre atualmente?
- 2.7 Quais atividades você realizada por meio da Medida Socioeducativa?
- 2.8 Qual atividade você realiza fora da medida socioeducativa?

3. Religião e espiritualidade

- 3.1 Para você, o que é ter fé?
- 3.2 Você tem fé em algo? Como você manifesta a sua fé?
- 3.3 Como as pessoas da sua família manifestam a sua fé?
- 3.4 Você considera que ter fé seja importante em sua vida? Por que?
- 3.5 Tem algum símbolo ou objeto, que neste momento, represente a sua fé?
- 3.6 Você tem religião? Qual?

ANEXOS

ANEXO A - Aprovação do Comitê de ética em Pesquisa – Projeto de Pesquisa

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE
RIBEIRÃO PRETO - USP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: As vivências e os significados atribuídos à religiosidade/ espiritualidade pelos adolescentes autores de atos infracionais.

Pesquisador: Elaine Cristina Vilioni de Souza

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 45408115.8.0000.5393

Instituição Proponente: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.266.950

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de mestrado a ser desenvolvido por Elaine Cristina Vilioni de Souza, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Maria Pimenta Carvalho.

Objetivo da Pesquisa:

Compreender o significado da espiritualidade/religiosidade vivenciada pelos adolescentes autores de atos infracionais.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A participação do jovem na pesquisa pode lhe causar algum desconforto imediato, devido a exposição da sua história e das suas práticas e crenças religiosas e espirituais, no entanto se isso acontecer e o jovem quiser interromper a conversa poderá fazê-lo sem nenhum prejuízo a ele. Caso queira se estender sobre a questão que o incomodou ele poderá conversar com a responsável pela pesquisa. Por outro lado, a pesquisa pode lhe beneficiar, pois lhe oportunizará a participação em uma oficina de fotografia, que deve lhe apresentar conceitos técnicos e práticos sobre como utilizar o dispositivo fotográfico, o que pode lhe favorecer com novos conhecimentos e até mesmo com o despertar de uma nova possibilidade de formação profissional. Além disso a pesquisa beneficiará o campo de estudos sobre os adolescentes em conflito com a lei, uma vez que compreender as suas vivências religiosas/ espirituais pode ser um ponto de partida para a

Endereço: BANDEIRANTES 3900

Bairro: VILA MONTE ALEGRE

UF: SP

Município: RIBEIRÃO PRETO

Telefone: (16)3315-3386

CEP: 14.040-902

E-mail: cep@eerp.usp.br

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO - USP

Continuação do Parecer: 1.266.950

elaboração de novas propostas de políticas públicas direcionados aos jovens.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Foram incluídas as informações solicitadas no parecer anterior.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram realizadas as alterações solicitadas no TCLE e no Termo de Assentimento.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pesquisadoras atenderam as solicitações realizadas no parecer anterior.

Considerações Finais a critério do CEP:

Parecer apreciado na 200a reunião ordinária.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_512446.pdf	04/09/2015 00:26:45		Aceito
Outros	Segunda_Entrevista.pdf	04/09/2015 00:05:14	Elaine Cristina Vilioni de Souza	Aceito
Outros	Primeira_Entrevista.pdf	04/09/2015 00:02:15	Elaine Cristina Vilioni de Souza	Aceito
Outros	Carta_resposta.pdf	03/09/2015 23:58:26	Elaine Cristina Vilioni de Souza	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado.pdf	03/09/2015 23:54:36	Elaine Cristina Vilioni de Souza	Aceito
Cronograma	Cronograma_de_atividades.pdf	03/09/2015 23:43:16	Elaine Cristina Vilioni de Souza	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	03/09/2015 23:39:25	Elaine Cristina Vilioni de Souza	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Assentimento.pdf	03/09/2015 23:37:32	Elaine Cristina Vilioni de Souza	Aceito
Folha de Rosto	Folha de rosto.pdf	22/05/2015 22:13:44		Aceito
Outros	Orçamento Pesquisa.pdf	13/05/2015		Aceito

Endereço: BANDEIRANTES 3900

Bairro: VILA MONTE ALEGRE

CEP: 14.040-902

UF: SP

Município: RIBEIRÃO PRETO

Telefone: (16)3315-3386

E-mail: cep@eerp.usp.br

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE
RIBEIRÃO PRETO - USP

Continuação do Parecer: 1.266.950

Outros	Orçamento Pesquisa.pdf	23:05:43		Aceito
Outros	Termo de aceite.pdf	13/05/2015 23:02:07		Aceito
Outros	Ofício de encaminhamento.pdf	13/05/2015 23:01:49		Aceito
Outros	Autorização Secretaria.pdf	13/05/2015 23:01:35		Aceito
Outros	Autorização Juiz.pdf	13/05/2015 23:01:08		Aceito
Outros	Autorização ESAC.pdf	13/05/2015 23:00:46		Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIBEIRÃO PRETO, 07 de Outubro de 2015

Assinado por:
Angelita Maria Stabile
(Coordenador)

Endereço: BANDEIRANTES 3900**Bairro:** VILA MONTE ALEGRE**CEP:** 14.040-902**UF:** SP**Município:** RIBEIRÃO PRETO**Telefone:** (16)3315-3386**E-mail:** cep@eerp.usp.br

ANEXO B - Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa – Emenda

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE
RIBEIRÃO PRETO - USP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**DADOS DA EMENDA**

Título da Pesquisa: As experiências e percepções de adolescentes em conflito com a lei sobre fé e religiosidade

Pesquisador: Elaine Cristina Vilioni de Souza

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 45408115.8.0000.5393

Instituição Proponente: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.715.852

Apresentação do Projeto:

Trata-se de análise de pendência.

Objetivo da Pesquisa:

Sem alterações

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Sem alterações

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Sem alterações

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE e o Termo de Assentimento foram alterados conforme solicitação do parecer anterior.

Recomendações:

Não há

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

Aprovado Ad Referendum

Endereço: BANDEIRANTES 3900

Bairro: VILA MONTE ALEGRE

UF: SP

Município: RIBEIRÃO PRETO

Telefone: (16)3315-9197

CEP: 14.040-902

E-mail: cep@eerp.usp.br

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO - USP

Continuação do Parecer: 1.715.852

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_637444_E1.pdf	09/08/2016 11:44:38		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_corrigido.pdf	09/08/2016 11:35:56	Elaine Cristina Vilioni de Souza	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TA_corrigido.pdf	09/08/2016 11:35:39	Elaine Cristina Vilioni de Souza	Aceito
Outros	Oficiodeencaminhamento_novo.pdf	09/08/2016 08:31:39	Elaine Cristina Vilioni de Souza	Aceito
Outros	Oficio_encaminhamento.pdf	30/06/2016 09:06:51	Elaine Cristina Vilioni de Souza	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	18/06/2016 10:10:45	Elaine Cristina Vilioni de Souza	Aceito
Cronograma	Cronograma_de_atividades.pdf	18/06/2016 09:59:46	Elaine Cristina Vilioni de Souza	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado.pdf	18/06/2016 09:55:11	Elaine Cristina Vilioni de Souza	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_assentimento.pdf	18/06/2016 09:45:40	Elaine Cristina Vilioni de Souza	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	18/06/2016 09:44:04	Elaine Cristina Vilioni de Souza	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	18/06/2016 09:35:56	Elaine Cristina Vilioni de Souza	Aceito
Outros	Carta_resposta.pdf	03/09/2015 23:58:26	Elaine Cristina Vilioni de Souza	Aceito
Outros	Autorização Secretaria.pdf	13/05/2015 23:01:35		Aceito
Outros	Autorização Juiz.pdf	13/05/2015 23:01:08		Aceito
Outros	Autorização ESAC.pdf	13/05/2015 23:00:46		Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: BANDEIRANTES 3900

Bairro: VILA MONTE ALEGRE

CEP: 14.040-902

UF: SP

Município: RIBEIRÃO PRETO

Telefone: (16)3315-9197

E-mail: cep@eerp.usp.br

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE
RIBEIRÃO PRETO - USP

Continuação do Parecer: 1.715.852

RIBEIRÃO PRETO, 07 de Setembro de 2016

Assinado por:
Angelita Maria Stabile
(Coordenador)

Endereço: BANDEIRANTES 3900

Bairro: VILA MONTE ALEGRE

UF: SP

Município: RIBEIRÃO PRETO

Telefone: (16)3315-9197

CEP: 14.040-902

E-mail: cep@eerp.usp.br